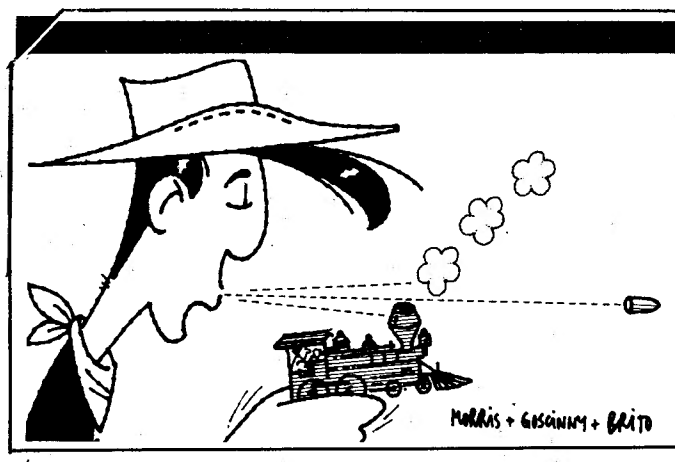
Dissolução anunciada amanhã?

O Conselho de Estado reune-se amanhã a partir das 10 horas, depois de mais uma ronda de negociações que o Presidente da República manterá hoje com os quatro principais partidos políticos — PS, PSD, PCP e CDS. Conhecidas que são as posições dos sociais-democratas, comunistas e democratas-cristãos quanto à dissolução do Parlamento, as consultas de Ramalho Eanes aos partidos devem agora incidir especialmente sobre a composição e programa do novo Governo.

Pág. 7



A condição masculina

Um grupo de intelectuais decidiu reeditar em Lisboa, em Junho de 1985, a discussão sobre a «condição masculina» — uma forma de resposta às meditações que alimentaram os anos 70 na Europa sobre a condição feminina. Apesar dos anos de atraso, o colóquio — tinha de ser um colóquio — foi notícia. O "DL" esteve lá, para ver e ouvir. Pág. 2

Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 791 Terça-feira, 25 de Junho de 1985 Preço 40$00

Habitação para os jovens

Crédito mais favorável entra agora em vigor

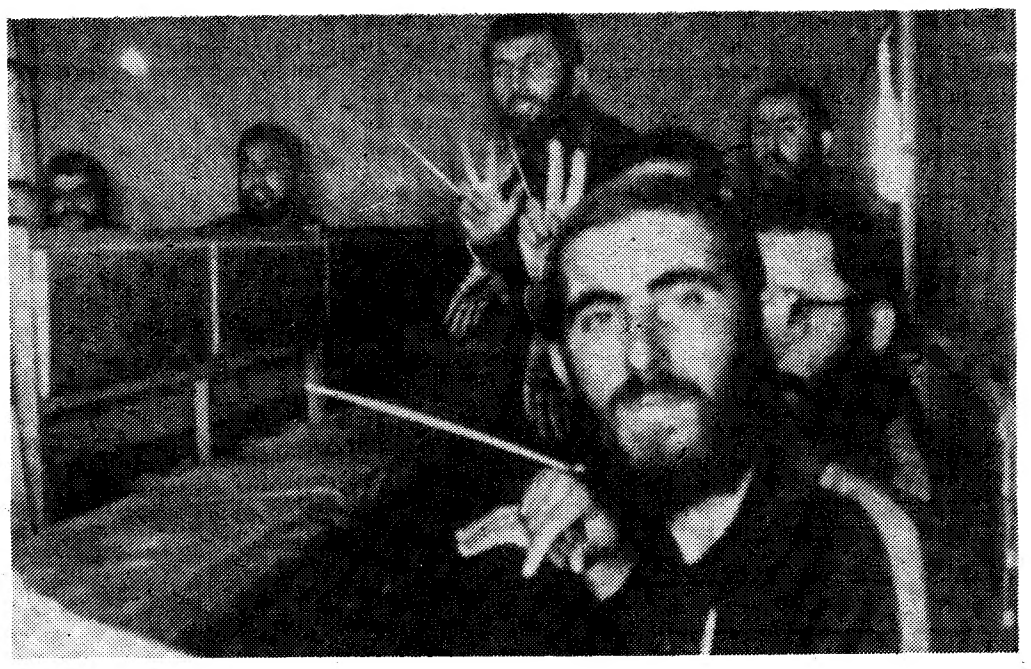
As novas condições de acesso ao crédito por parte dos jovens para aquisição de casa própria, são hoje regulamentadas em decreto publicado no «Diário da República». Esta matéria já havia sido objecto de uma resolução governamental datada de 9 de Maio e o diploma hoje dado à estampa consagra os princípios estabelecidos naquela resolução. Assim, a partir de agora, os jovens poderão beneficiar de financiamentos até 100% do custo dos fogos e os seus ascendentes poderão prestar as necessárias fianças, caso os rendimentos declarados pelos compradores se mostrem insuficientes para garantir as prestações. O decreto agora publicado prevê igualmente certas facilidades para a concessão de empréstimos destinados à construção de residências universitárias.

O Boeing continua em Beirute

Primeiros chiitas libertados por Israel

Os chiitas ontem libertados do campo israelita de Atlit denunciaram os maus tratos a que eles e os seus companheiros têm sido submetidos durante o cativeiro. Esta libertação, que, segundo Israel nada tem a ver com o desvio do avião da TWA, retido, à guarda do movimento chiita Amal, no aeroporto de Beirute, não desbloqueou a situação. Antes pelo contrário as coisas parecem agravar-se desde que os EUA rejeitaram uma nova exigência do Amal, que pretende ver afastadas do Líbano as forças enviadas por Washington para o largo das costas daquele país, depois do desvio do avião. Afirmações oficiais dos EUA contribuem para lançar alguns receios sobre o evoluir dos acontecimentos: o secretário norte-americano da Defesa, Weinberger, afirmou ontem que o caso do avião é o «início da nova guerra». Na telefoto NP/«DL»: alguns dos chiitas ontem libertados por Israel fazem o sinal de vitória.

Págs. centrais



São magníficos os prémios que temos para si

2.º prémio Conjunto video Philips

Um **TELERRECEPTOR a cores**, com écran de 51 cm, comando à distância, adaptado a gravador vídeo «VCR». Um **GRAVADOR vídeo portátil**, transportável com correia a tiracolo, c/4,6,kg e que efectua gravações ininterruptas de 1 hora; ligada ao sintonizador constitui um completo gravador doméstico. Um **SINTONIZADOR/PROGRAMADOR** VHF/UHF com alimentação a corrente e bateria incorporada ou exterior, utilizando «cassettes» VCC V2000, programável para 2 gravações automáticas, com antecipação até 30 dias. Uma **CÂMARA DE FILMAR a cores**, muito leve (1,2 kg) e compacta, c/selector de 2 posições, microfone destacável e 8 mm de formato de imagem; pode ser ligada directamente a um gravador portátil Philips ou qualquer outro tipo de V.C.R.

VEJA HOJE (pág. 3.4.5) A LISTA DE PRÉMIOS E O REGULAMENTO

Faça a sua assinatura para período do Concurso: Boletim na pág. 6

Leia na pág. 6 um exemplo de um dos temas de apoio ao Concurso

CONCURSO ANIVERSÁRIO

DESCUBRA PORTUGAL

Compre 'Diário de Lisboa' e concorra a partir de 1 de Julho

Condição (?) masculina

Haverá uma saída airosa?

Lurdes Feria

Ser homem, o que é? A curiosidade permanece mais acesa ainda, sobretudo depois do colóquio «Condição Masculina», que durante dois dias, 21 e 22 de Junho, se desenrolou no Palácio Foz, numa rendição, quase total, a todos os estereótipos. Todos: sociais, científicos, afectivos... (podem ir até onde a vossa imaginação os levar porque há pano para mangas). Julgo, todavia, que grande parte dos homens e mulheres, estas em esmagadora maioria, na qualidade de pagantes da inscrição de dois contos e quinhentos, pelo menos divertiram-se, naquela inocente função de encanar a perna à rã.

Pois, rã que aqui era **masculino.** Começou-se pela oferta de rosas vermelhas, em botão, aos homens presentes. Eles sorriram com um sorriso mais misterioso de que o da **Gioconda,** perante o simpático gesto das organizadoras do colóquio. **Objecto** de atenções aguardaram, na expectativa, que os projectores incidissem sobre as suas pessoas, convocados diversos especialistas para comunicar o que sobre a condição masculina pensavam. Convicta de que os homens têm graves problemas, uma advogada, cujo nome não fixei, mostrou-se decepcionada porque eles se fecharam em copas.

Jorge Vala, comunicante, numa mesa dirigida pelo psiquiatra Daniel Sampaio, admitiu haver clivagens entre masculino e feminino mas, em momento algum, saiu do hermetismo com que calafetou a sua linguagem. **«No Sétimo Dia...»,** com esta proposta o psicólogo Luís Soczka, restituía-me a esperança de que algo de provocador iria agitar a **doce harmonia** que naquele ambiente de palestra se respirava.

Lançou o repto da **fofinha tirania materna**, que deve ter produzido inveja e cumplicidade nas hostes das senhoras da Condição Feminina que, durante todo o colóquio, abusaram da palavra e de algumas paciências. A intervenção de Cáceres Monteiro deu para saber que o seu último livro...? (que memória a minha, péssima!) tivera uma enorme procura feminina. No debate, que encerrou os trabalhos da manhã, falaram algumas pessoas e algumas nada disseram. Mas justificaram o facto de se terem inscrito, o que demonstra um claro pragmatismo nas questões de desperdício de dinheiro. Porquê, **condição**, pergunta pertinente de Susana Ruth Vasquez. Mas **José Gameiro** lembrou-lhe que a palavra estava **interrogada**. O que talvez tenha descansado alguns dos representantes do sexo forte, vendo-se já na situação de vítimas, desgraçados, gente menor.

A aura masculina estava, portanto, defendida. Entretanto, manifestaram-se sentimentos de decepção, com espontaneidade, por parte de mulheres que vieram (ao Palácio Foz) na mira de ouvir que características definem os homens, que normas os aprisionam numa imagem social que os costumes e os comportamentos preservam.

Emoção

Mais do que feminino e masculino, o que existe é a condição humana (Ângela Guimarães). No plano da experiência emocional masculina, o que acontece? Gostaria de saber o que os homens sentem? — eis o apelo de uma mulher. **Os homens não sentem**, branca Cabral Fernandes. Contudo o **streap-tease** psicológico não se concretizou. **Ninguém tem dúvidas de que os homens são muito mais frágeis, mais vulneráveis do que as mulheres**..., dogmatiza, a sério, o sociólogo **Ferreira de Almeida**. E acrescenta, um tanto desiludido, que vinha à espera de uma bomba e não de uma melodia. O tom sarcástico de meia duzia de sorrisos que se espalharam, ao acaso, na sala, é digno de nota.

Em particular, Maria Emília Neves, professora do ensino secundário, confessa-nos: **Vim aqui com o interesse de descobrir alguma coisa sobre as emoções dos homens. Nunca fiz parte de nada feminino, participo em coisas globais. Não aderi à causa feminista, embora esteja consciente das diferenças que há entre nós e os homens, em termos emotivos. Não sei se são ou não ultrapassáveis, acredito, no entanto, que possam ser comunicáveis. Os movimentos femeninistas, provavelmente, ainda cavaram mais o fosso... eles viram-nos como competidoras, rivais. Bem... o problema reside, quanto a mim, na falta de comunicação. Nós, mulheres, falamos umas com as outras, vamos teorizando expondo as nossas emoções mesmo correndo o risco de que eles nos chamem primárias. Isto, porque os homens necessitam de fundamentar, esquivam-se a que penetremos no seu sensível, o que lhes confere uma característica de impenetrabilidade. Acho que o ideal seria ir ao fundo do outro e comunicar.**

Luís Sozka defende ser a matriz materna que determina toda a emoção e depois o resto é inculcado. Olho o esplendor arquitectónico e decorativo da sala do Palácio Foz, onde nos encontramos a debater a **Condição (?) Masculina**, umas dezenas de mulheres e pouquíssimos homens — e, esses, arrogam-se um saber científico que me irrita — aprecio os candelabros de Veneza, os dourados, os mármores. E ocorre-me o poema: ...**Ainda disseram um ao outro: amor / Murmuraram-no entre escombros, na sombra declinante /Amor foi tudo o que disseram, palavra lenta sobre o precipício...** (Apocalipse, de Regina Louro).

Animais pasmosos

O professor Bracinha Vieira, especialista em psicopatologia e etologia humana, falou-nos de animais. **Da reprodução sexuada à selecção sexual: a estratégia masculina**. Ainda imaginei que extrapolasse para o género humano. Mas não. **No mundo animal, em geral, as fêmeas são mais discriminativas do que os machos. Estes exibem-se muitas vezes para fêmeas de espécies afins, para machos da própria espécie ou de espécies estranhas e, na ausência de um parceiro vivo, para objectos ainda mais inadequados. As fêmeas escolhem machos mais ostensivos ou mais fortes; por vezes seleccionam o parceiro que dispõe de território mais atraente...** Através de «slides» exibe-nos a imagem do pavão real **silhueta pasmosa**, pela qual as fêmeas são atraídas. Lindíssimo, no porte, no brilho de cores, no leque elegante do rabo. Pobre fêmea: tão vulgar, tão raquítica!

Noutro contexto, outro macho triunfante **cobre sucessivamente as várias fêmeas, que se lhe oferecem freneticamente, aguardando o fim dos breves períodos refractários que se seguem a cada cópula do macho. Entretanto, os machos rivais dispersam-se e renunciam ao comportamento reprodutor...** Isto passa-se com os galos de **Tetrao**; com os primatas, observam-se algumas variantes. **E no plano dos homens? Será que ainda somos suficientemente animais ... ou podemos ficar tranquilos?**. Várias perguntas numa só de Joana Quaresma, médica. Sem resposta.

Apetece-me citar, talvez a despropósito, **Andrew Tolson** nos «Limites da Masculinidade. **... No terreno das suas fantasias, o homem move-se através de cenários sexuais de sedução e de posse.** E, agora, de seguida, porque o encadeamento é importante, detenho-me na comunicação da socióloga Maria Carrilho, intitulada **O infortúnio do guerreiro e a crise dos valores masculinos.** Ela não vê inconveniente da entrada da mulher nas Forças Armadas **como em todos os sítios quanto mais não seja para lançar a confusão...** Se se é por isso, semear a desestabilização, estou de acordo com a ideia.

Na sua comunicação, Maria Carrilho considera que **a inadequação da divisão sexista existente na sociedade é hoje mais do que nunca geradora de infelicidades mútuas.** Quanto ao guerreiro, mito susceptível de admiração, **porquê a interminável fadiga de ser continuamente posto à prova?** Instinto de morte ou prestígio? Remata dizendo que o homem começa a perder a auréola de vencedor na família e que **os novos heróis são os que aparecem propostos pelos** *mass média*, ou seja, indivíduos que consequem ganhar muito dinheiro através de actividades aparentemente lúdicas, tais como desportistas, cantores, actores...

*As **condições** cruzam-se no bilhete postal*

Crise

Hoje, a sociedade exige aos homens comportamentos e práticas diferentes dos do passado. E **eles**, ou mud m de estratégia ou ficam cristalizados dentro dos seus próprios limites. Será a tal saída airosa a que Moisés Espírito Santo, na sua comunicação, aludiu? Evidente, em seu entender, «a desastrosa decadência do género masculino», só lhe resta encontrar uma saída airosa. São as mães que os educam e, também, os emancipam, nas sociedades rurais. As mulheres controlam toda a economia doméstica e, até, a actividade política dos homens. Na sombra manipulam, envenenam, com uma habilidade extrema. Por vezes «inventam calúnias sobre os adversários políticos».

No meio rural as mulheres têm tendência a tornarem-se **bruxas**, feiticeiras poderosas. Já na sociedade urbana, a mulher perde o poder a favor da instituição família. «Vive para os filhos e infantiliza-os». Daí esta sociedade de homens dependentes. Vingam-se, depois, na política, sendo o que são. Está a nascer uma geração passiva, cujos ideais morrem no casamento: «eles, pais pegajosos... elas, algumas, enrodilham-se na maternidade e desistem das carreiras». Para que serve o pai? Segundo Moisés Espírito Santo, rigorosamente para nada. Já não serve para trazer o salário, nem para contar histórias porque as criancinhas estão muito mais interessadas nos computadores e na Televisão. Salvaguardar a honra da mulher, só nas fitas italianas ocorridas na Sicília «é puro folclore».

Mas, no fim de contas, para que servem os homens? «Dirigir as empresas nem pensar, vejam-se as falências atrás de falências neste País». Para as guerras também não porque agora são feitas pelas máquinas. Como gerador de filhos? «Até aí surgiu a ameaça dos bancos de esperma...»

Santo Deus! É de mais. Moisés Espírito Santo reduziu a imagem masculina a pedaços. Já nem «cobridores» podem ser..., em suma, falharam redondamente. Tenho tanta pena dos homens! As senhoras da Condição Feminina bem se esforçaram por lhes levantar o moral, mas Natália Correia aplica-lhes mais um rude golpe. «Felizmente que há uma lei que impede o acesso das mulheras às Forças Armadas, uma coisa tão grosseira e ordinária...», diz, com aqueles olhos muito grandes e as inflexões de voz que retira a qualquer **um** a veleidade de se armar em **pavão real**.

Natália que, com Moisés, foram, talvez, os únicos portadores de um discurso **descomposto**, chamou a atenção para a comunicação apocalíptica do seu cúmplice na devastadora tarefa de escancalhar o tom institucional, e responsável em que decorreu o colóquio sobre a **condição**? (eu ponho a interrogação para não aborrecer o José Gameiro) **masculina**. Referiu-se à figura de «pai pegajoso» — que se encaixa, perfeitamente, no pai de fim-de-semana, objecto da comunicação daquele psiquiatra com um nítido gozo. E promete ser «muito gentil para o sexo masculino visto que está muito necessitado...»

Pega na questão «o feminismo machista da condição masculina» pela literatura trovadoresca e manda-se por aí fora até a esta conclusão interessante: «O homem português dispõe-se a enaltecer e a encorajar os dotes da mulher desde que continue a deter o poder. De acordo com Natália Correia, o homem não quer perder a mãe, fonte para onde remete tudo. Frágil, a nível psicológico, tem um profundo temor perante a hipótese de ver a mãe sumir-se na figura do pai cruel. «Machismo é o rictus deste amor, o conchego onde encontra o regaço da mãe, o tal repouso do guerreiro». Razão porque se sente agradecida «ao comovente machismo do homem português».

Natália Correia aconselha o homem a abandonar o monopólio «da idealização da história». Não pode ignorar que a cultura feminina viu chegada a sua oportunidade «de dar um sentido à História». E avança com a proposta de ser o **eros** e não a **tanatus** a comandar a vida dos dois, masculino e feminino. Porque **sexo**, indo à origem da palavra, significa **secto**, corte. É separar o masculino do feminino, ambos expressos no corpo andrógino. Em síntese, deverá perseguir-se o retorno à unidade inicial.

Para terminar, não resisto em transmitir uma «boca» que ouvi num dos intervalos do colóquio. Ri-me a valer, com este irónico comentário de uma mulher, por acaso, socióloga: «Os homens são o que são, mas que Deus Nosso Senhor não nos falte com eles...»

É menino ou menina?

CONCURSO ANIVERSÁRIO

DESCUBRA PORTUGAL

1.º PRÉMIO

— **PEUGEOT 104 (CO1) ZL:** com motor a gasolina de 4 cilindros em linha transversais e de 954 c.c. de cilindrada, lotação para 4 pessoas e volume para bagagem de 155 dm³, possui 2 portas c/janelas e carroçaria monobloco em chapa de aço com tratamento anticorrosivo por «electrophorese»; a 90 km/h, em velocidade estabilizada, consome 5,7 litros; o motor é do tipo 108 (XV5), com a potência máxima (CV DIN/rpm) de 45/600; a embraiagem é de tipo diafragma com um diâmetro (mm) de 181,5 x 127; tem 4 velocidades sincronizadas sendo a caixa de tipo «BT 17», incorporada no grupo motopropulsor; a suspensão é telescópica integrada, independente às 4 rodas, com amortecedores hidráulicos, telescópicos de duplo efeito e barras estabilizadoras; os travões são de disco à frente e tambor atrás, com comando hidráulico, duplo circuito assistido («Master — Vac») com compensador de travagem; a direcção é do tipo cremalheira, com um raio de viragem de 5,07 m; com 3,366 m de comprimento e 1,3 m de largura, tem o peso bruto de 1040 kg e uma velocidade máxima de 138 km/h.

A partir de segunda-feira 1 DE JULHO

é fácil concorrer

BASTA:

1. Recortar e coleccionar os 30 cupões que serão publicados na 2.ª página do "Diário de Lisboa" a partir de 1 de JULHO.
2. Recortar e preencher, com letra bem legível, o boletim de identificação que será publicado várias vezes durante o período do concurso.
3. Enviar a colecção de cupões e o talão de identificação pelo correio, em data a anunciar, juntamente com um selo de 20$00, para a devolução (se o leitor assim o desejar) do talão-recibo numerado.
4. Pode concorrer com quantas colecções desejar, mas deverá enviar APENAS UMA EM CADA ENVELOPE, para

"DIÁRIO DE LISBOA" — CONCURSO
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

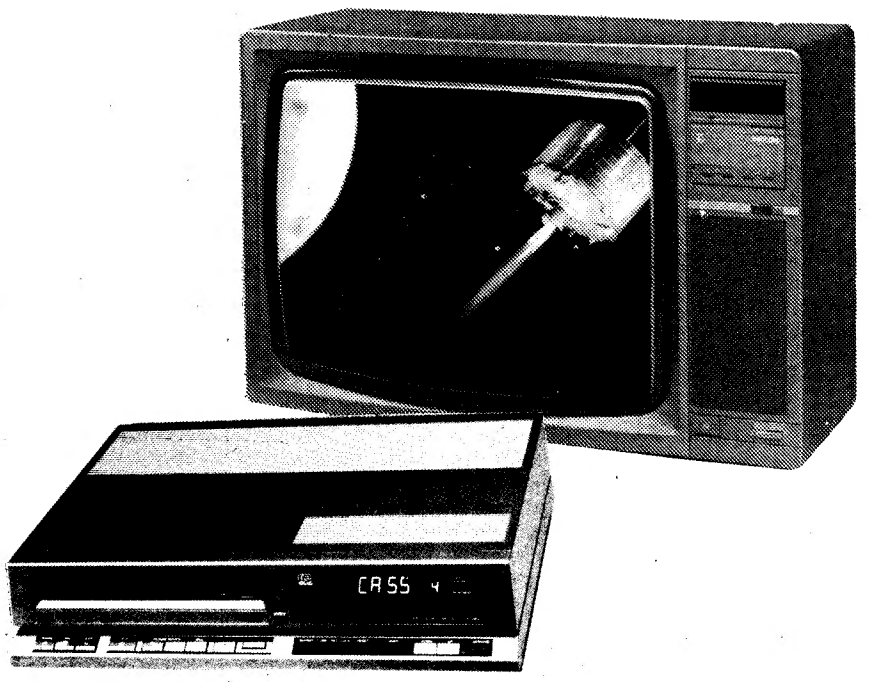
CONCURSO ANIVERSÁRIO

2.º PRÉMIO

— **CONJUNTO VÍDEO PHILLIPS:** Um **TELERECPTOR a cores,** com écran de 51 cm, com imagem e som imediatos, **comando à distância** incluindo «tecla verde» de ajuste personalizado, com comutação instântanea de 20 programas pré-sintonizados electronicamente, adaptado a gravador vídeo «VCR» c/recepção no canal «0» e a VLP — Laservision; tomada para auscultadores; peso de 22 kg e as dimensões de 5f9,5 (larg.) X 41 (alt.) X 46 (prof.) cm. Um **GRAVADOR vídeo portátil** separado do sintonizador, transportável com correia a tiracolo, c/4,6 kg (excl. bateria e «cassette»), e as dimensões de 27,4 (larg.) X 21,9 (alt.) X 11,7 (prof.) cm, efectua gravações ininterruptas de 1 hora (duração da carga da bateria); ligada ao sintonizador constitui um completo gravador doméstico, gravando as emissões TV ou efectuando-as automaticamente, na ausência do utilizador ou ainda com imagens directas de câmara TV. Um **SINTONIZADOR/PROGRAMADOR VHF/UHF** com alimentação a corrente e bateria incorporada ou exterior, utilizando «cassettes» VCC V2000, programável para 2 gravações automáticas, com antecipação até 30 dias; sintonia para busca automática das emissões TV com memória plara 15 pré-sintonias por microprocessador. Uma **CÂMARA DE FILMAR** a cores, muito leve (1,2 kg) e compacta, fixável a tripé, c/ selector de 2 posições: interior — luz incandescente e exterior, com microfone destacável; equipado com uma lente zoom X 3 de 11 a 33 mm de distância, focal variável, 8 mm de formato de imagem e diafragma automático; pode ser ligada directamente a um gravador portátil Philips ou qualquer outro tipo de V.C.R.; tem lente com tampa e um pára-sol; o visor é electrónico com 3 indicadores luminosos coloridos «LEDS».

3.º PRÉMIO

— **CONJUNTO VÍDEO PHILIPS** — Um **TELERECEPTOR a cores,** de 51 cm, com telecomando, igual ao do 2.º Prémio deste Concurso. Um **GRAVADOR vídeo** (VR 6462), «V.H.S.», c/ajuste automático de pista, quadrante digital c/ relógio de grande precisão, conta-voltas e programações, programável para 2 emissões em 30 dias ou todos os dias consecutivamente; ITR gravação automática programável durante a recepção, receptor de comando à distância, sintonia electrónica; reprodução de imagem parada, imagem por imagem e busca rápida, para a frente e para trás; retrocesso de imagem c/o comando à distância, rebobinagem automática ao chegar ao fim da «cassette» em reprodução, porta-«cassettes» de carga frontal; 6 kg de peso e 47 (larg.) x 35 (prof.) x 10 (alt.) cm.



CONCURSO ANIVERSÁRIO

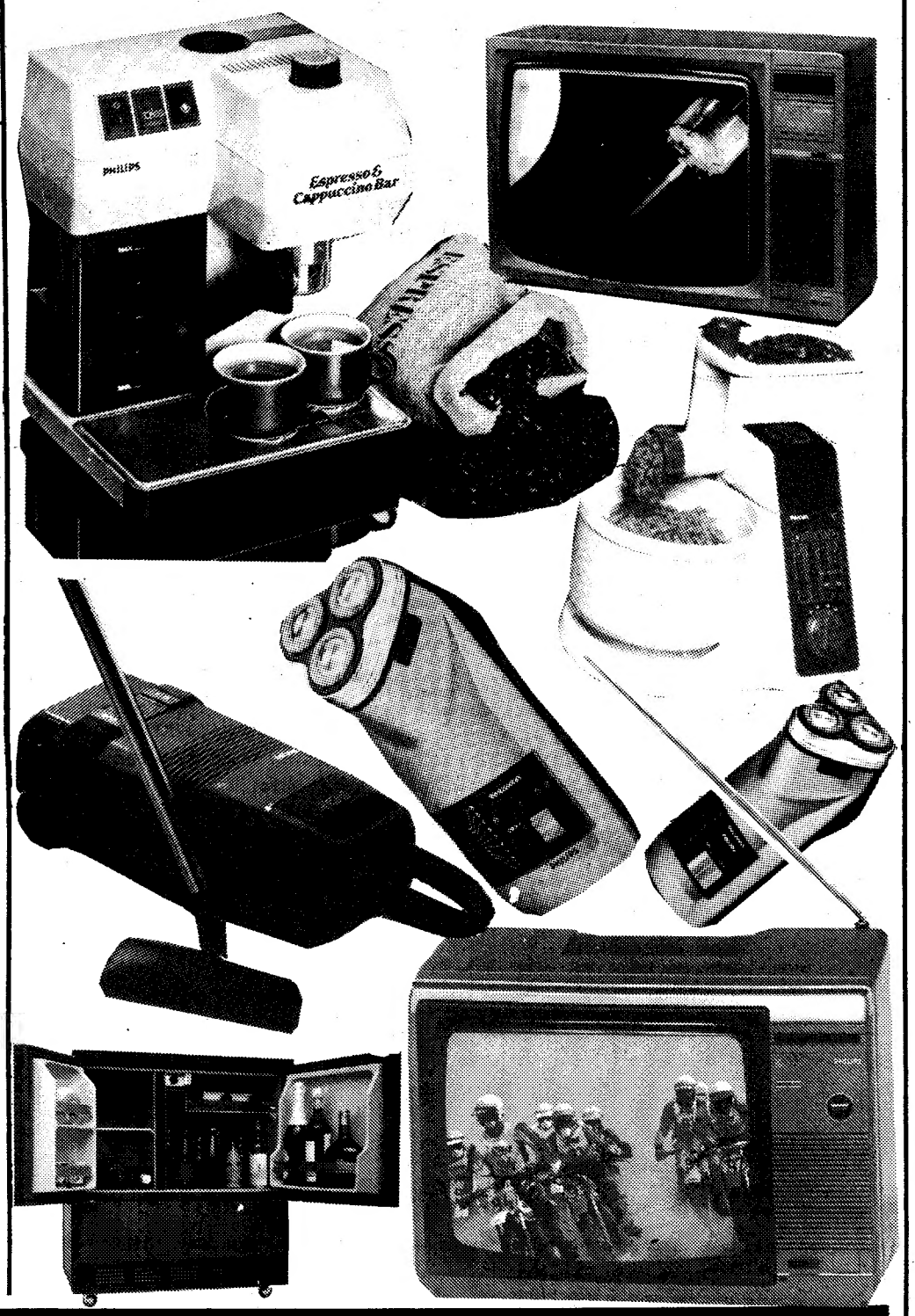
PRÉMIOS PARA OS LEITORES E VENDEDORES

1.º — Um **Automóvel PEUGEOT 104 ZL** ..... **735.000$00**
2.º — Um **Conjunto Vídeo PHILIPS: Televisor a cores** de 51 cms (20 CT 2226) **com telecomando** + Um **Gravador Vídeo portátil** (VR 2220) + Um **Sintonizador** (VR 2120) + Uma **Câmara de filmar a cores** (VK 4101) . **325.000$00**
3.º — Um **Conjunto Vídeo PHILIPS:** Um **Televisor a cores** de 51 cm **com telecomando** (20 CT 2226) + Um **Gravador Vídeo** (VR 6462) ..... **205.000$00**
4.º — Um **Computador Pessoal PHILIPS** (VG 8020) **com Extras:** Uma **Impressora** VW0010 + Um **Data Recorder** D6600 + Um **Interface** (VU0031) + Um par de **Joystick** ..... **123.500$00**
5.º — Um **Gravador Vídeo** PHILIPS (VR 6462) ..... **123.000$00**
6.º — Um **Combinado PHILIPS Frigorífico + Congelador Vertical** de 305 litros (ARB 484) ..... **115.000$00**
7.º — Um **Gravador Vídeo portátil PHILIPS** (VR 2220) + **Um Sintonizador PHILIPS** (VR 2120) ..... **114.500$00**
8.º — Um **Forno Doméstico Micro-ondas PHILIPS** (AVM 707/M707) ..... **104.000$00**
9.º — Um **Televisor a cores PHILIPS** de 51cm **com telecomando** (20 CT 2226) .. **81.000$00**
10.º — Um **Televisor a cores PHILIPS** de 41 cm **com telecomando** (16 CT 2216) .. **74.000$00**
11.º — Um **Computador Pessoal PHILIPS** (VG 8020) ..... **71.500$00**
12.º — Uma **Máquina de Lavar Louça PHILIPS** (AAD012) ..... **70.500$00**
13.º — Um **Televisor a cores PHILIPS portátil** de 36cm (**s/telecomando** 14CT 2008) **59.000$00**
14.º — Um **Congelador Vertical PHILIPS de 205 litros (AMB 415)** ..... **53.000$00**
15.º — Um **Minibar PHILIPS** (AGB 031) ..... **43.000$00**
16.º — Um **Congelador Vertical PHILIPS** de 70 litros (AFB 062) ..... **40.500$00**
17.º — Um **Compacto PHILIPS** (F1040) + Um **Móvel Rack (410)** ..... **37.000$00**
18.º — Um **Rádio Gravador PHILIPS** (D8 334) ..... **30.000$00**
19.º e 20.º — Uma **Máquina de Café Espresso PHILIPS** (HD5179) ..... **(cada)** .. **26.750$00**
21.º — Uma **Máquina de Cozinha PHILIPS** (HR2684) ..... **19.500$00**
22.º e 23.º — Um **Aspirador PHILIPS** (HR6263) ..... **(cada)** .. **16.500$00**
24.º a 26.º — Uma **PHILISHAVE** (HP1328) ..... **(cada)** .. **12.750$00**
27.º a 29.º — Uma **PHILISHAVE** (HP1327) ..... **(cada)** .. **11.000$00**
30.º a 34.º — Uma **PHILISHAVE** (HP1605) ..... **(cada)** .. **7.800$00**
35.º a 39.º — Um **Conjunto de Beleza PHILIPS** (HP2124) ..... **(cada)** .. **7.250$00**
40.º a 44.º — Um **Ferro a Vapor PHILIPS** (HD1255) ..... **(cada)** .. **7.000$00**
45.º a 49.º — Uma **Batedeira Eléctrica PHILIPS** (HR1484) ..... **(cada)** .. **5.750$00**
50.º a 54.º — Um **Relógio Electrónico PHILIPS** (HR5273) ..... **(cada)** .. **5.200$00**
55.º a 59.º — Uma **Lady Shave PHILIPS** (HP2123) ..... **(cada)** .. **3.500$00**
60.º a 64.º — Um **Relógio Electrónico Despertador PHILIPS** (HR5593) **(cada)** .. **2.750$00**

PRÉMIOS PARA OS VENDEDORES

1.º — Um **Televisor a cores PHILIPS** de 51 cm **com telecomando** (20CT2226) .. **81.000$00**
2.º — Um **Televisor a cores PHILIPS** de 36 cm (**sem telecomando** 14CT2008) ... **59.000$00**
3.º — Um **Minibar PHILIPS** (AGB031) ..... **43.000$00**
4.º — Um **Compacto PHILIPS** (F1040) + Um **Móvel Rack** (410) ..... **37.000$00**
5.º — Uma **Máquina de Café Espresso PHILIPS** (HD5179) ..... **26.750$00**
6.º — Uma **Máquina de Cozinha PHILIPS** (HR2684) ..... **19.500$00**
7.º — Um **Aspirador PHILIPS** (HR6263) ..... **16.500$00**
8.º — Uma **Philishave** (HP1328) ..... **12.750$00**
9.º — Uma **Philishave** (HP1327) ..... **11.000$00**
10.º — Uma **Philishave** (HP1606) ..... **8.500$00**

PRÉMIOS PARA VENDEDORES



REGULAMENTO DO CONCURSO

1.ª — O concurso destina-se aos leitores e aos vendedores e agentes do «Diário de Lisboa». Para concorrer, o leitor deverá enviar pelo correio uma ou mais colecções compostas por 30 cupões (numerados de 1 a 30), que serão publicados no «Diário de Lisboa» a partir de 1 de Julho 1985 e um boletim de identificação no qual o leitor deverá indicar o seu nome, morada e telefone (se tiver), bem como o nome, morada e telefone do vendedor ou agente (apenas um) onde adquiriu os jornais relativos ao concurso. Junto ao boletim de identificação será publicado um talão recibo que deverá igualmente ser preenchido pelo concorrente com o seu nome e morada.

2.ª Cada concorrente poderá enviar quantas colecções desejar, mas sempre e apenas um conjunto em cada envelope. Serão excluídos os concorrentes que não enviem as colecções completas, com os cupões de 1 a 30 e o boletim de identificação e o talão recibo devidamente preenchidos. No caso de algum leitor enviar mais de uma colecção no mesmo envelope, elas serão numeradas com numeração seguida, ficando o envelope agrafado à colecção com o número mais baixo.

§ único — Não serão válidos os cupões que contiverem o carimbo de «oferta», «serviço» ou outro semelhante, carimbo utilizado para identificar os exemplares gratuitos, sendo eliminada qualquer colecção encontrada, durante as operações de apuramento, contendo um ou mais desses cupões. Os envelopes ficarão agrafados às colecções e deverão conter marca comprovativa do seu envio através dos CTT.

3.ª Só serão admitidas ao sorteio as colecções enviadas até ao dia 23 de Setembro de 1985. Em caso de dúvida servirá como prova a data do carimbo do correio.

4.ª O «Diário de Lisboa», à medida que for recebendo as colecções de cupões e boletim de identificação, numerará, para efeitos de sorteio, esse boletim, com numeração seguida a partir de 1.001, segundo a sua ordem de entrada na empresa. O duplicado do boletim (talão recibo), igualmente numerado, será devolvido ao concorrente por correio normal, em envelope aberto, se o concorrente assim o desejar e para o efeito juntar o selo correspondente. Este talão recibo serve unicamente para informação do concorrente, considerando-se apenas, para efeitos de sorteio e atribuição de prémios, aquele que, juntamente com a colecção de cupões, fica depositado no «Diário de Lisboa».

5.ª As colecções serão agrafadas e arrumadas por ordem de numeração, de forma a permitir ao representante do Governo Civil de Lisboa, o controlo da numeração e a verificação das colecções.

6.ª As operações de apuramento dos concorrentes far-se-ão nas dependências do «Diário de Lisboa» na Rua Luz Soriano, n.ºs. 15 a 17, em Lisboa, pelas 18 e 30 do dia 30 de Setembro de 1985.

7.ª O sorteio realizar-se-á no dia 4 de Outubro de 1985 nas dependências atrás referidas, através de esferas numeradas de zero a nove, contidas em recipiente a esse fim destinado, dele se extraindo tantas esferas quantas as necessárias para a formação dos números que indicarão os talões premiados. Assim, em cada extracção, a primeira esfera a sair representará o algarismo das unidades, o segundo o das dezenas, o terceiro o das centenas, e assim sucessivamente. A extracção dos números premiados será feita por um representante do Governo Civil de Lisboa, na presença de um representante do «Diário de Lisboa».

8.ª No caso de ao mesmo concorrente ou ao mesmo número ser atribuido mais que um prémio, só será mantida a extracção correspondente ao prémio de maior valor, sendo as restantes extracções anuladas e repetidas tantas vezes até recairem em concorrentes ou números ainda não premiados. Serão igualmente anuladas as extracções de números inferiores a 1001.

9.ª Os prémios para os leitores e os prémios para os vendedores e agentes do «Diário de Lisboa» constam da lista publicada neste jornal e deverão ser reclamados no prazo de 90 dias a contar da data do sorteio, na sede do «Diário de Lisboa», na Rua Luz Soriano, n.º 44, em Lisboa, das 9 às 12 e das 14 às 16 horas, às 3.as, 5.as e 6.as-feiras, e das 9 às 12 horas aos sábados.

10.ª O «Diário de Lisboa» obriga-se a anunciar nas suas páginas o nome e morada dos premiados, bem como o último dia do prazo em que os prémios podem ser levantados, logo após a sua determinação.

11.ª A publicidade do concurso será feita no jornal «Diário de Lisboa».

12.ª O «Diário de Lisboa» obriga-se a apresentar no Governo Civil de Lisboa, no prazo de oito dias a contar do termo final daquele a que alude a condição 9.ª, declaração dos premiados com a assinatura reconhecida notarialmente, comprovativa do recebimento dos prémios.

13.ª No caso de os prémios não serem reclamados no prazo devido, ou de não ser feita prova, nos termos e prazo referidos na condição anterior, os prémios, em espécie ou o seu valor em dinheiro, conforme for adoptado pelo Governo Civil de Lisboa, reverterão para o estabelecimento de assistência a designar pelo Exm.º Governador Civil de Lisboa no prazo de trinta dias a contar da respectiva notificação. Haverá também idêntica reversão se, iniciadas, com a participação do público, as operações do concurso, não se realizarem, por qualquer circunstância — incluindo a falta de cumprimento por parte da entidade organizadora do concurso de alguma das cláusulas estabelecidas para o mesmo — o respectivo sorteio ou não for possível atribuir os correspondentes prémios.

14.ª São da responsabilidade dos concorrentes todas as despesas relacionadas com a entrega dos prémios, nomeadamente registos de transferência de propriedade e outras despesas, tal como o selo de recibo, o reconhecimento das assinaturas, as despesas de embalagem, seguro e transporte nos casos em que a entrega não seja feita na sede do jornal, etc. Será dada publicidade desta cláusula através dos meios referidos na condição 11.ª.

15.ª Simultaneamente serão atribuidos 10 prémios (de acordo com a lista de prémios também publicada no «Diário de Lisboa») para os vendedores de jornais e estabelecimentos que venderam os jornais que incluíam os cupões que proporcionaram prémios no concurso principal. Assim:

a) No boletim de identificação do concurso principal, os concorrentes deverão indicar, se quiserem, o nome, morada e telefone (se o tiverem) do vendedor ou estabelecimento (um apenas) onde adquiriu os jornais relativos ao concurso;

b) À medida que forem extraídos os prémios do concurso principal — dos leitores — será elaborada uma lista, pela ordem de extracção, dos vendedores ou estabelecimentos que vierem indicados nos talões correspondentes aos números premiados, até perfazer um total de 10 nomes de vendedores ou estabelecimentos. O primeiro prémio do concurso dos vendedores será atribuido ao vendedor ou estabelecimento que vier indicado no boletim do concurso principal que obtiver o prémio mais alto, o segundo ao vendedor ou estabelecimento que vier indicado no boletim do prémio mais próximo do primeiro, e assim sucessivamente. Isto é, a atribuição de prémios aos vendedores seguirá a ordem de atribuição de prémios aos leitores, sendo por exemplo contemplado com o 1.º prémio de «Vendedores» o vendedor que, identificado no boletim com nome e morada — ou ponto de venda — apareça em primeiro lugar nos boletins dispostos por ordem decrescente dos valores dos prémios previstos para os «Leitores»;

c) Serão aplicáveis a este concurso paralelo — dos «Vendedores» — e à sua entrega de prémios, etc., todas as regras e normas que regem o concurso principal e que lhe forem aplicáveis.

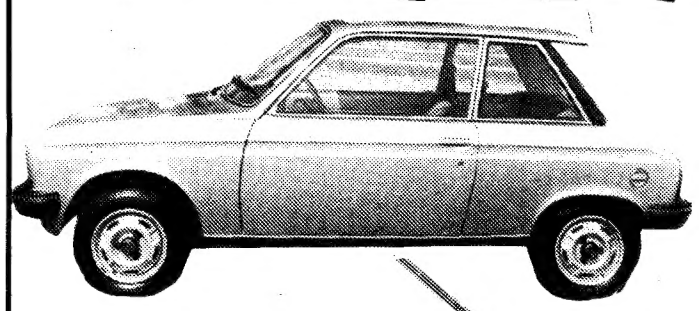
16.ª O «Diário de Lisboa» compromete-se a confirmar por escrito ao Governo Civil de Lisboa, com a antecedência de cinco dias úteis, em relação às operações respectivas, as datas destas e, bem assim, a identificação do seu representante nas mesmas operações.

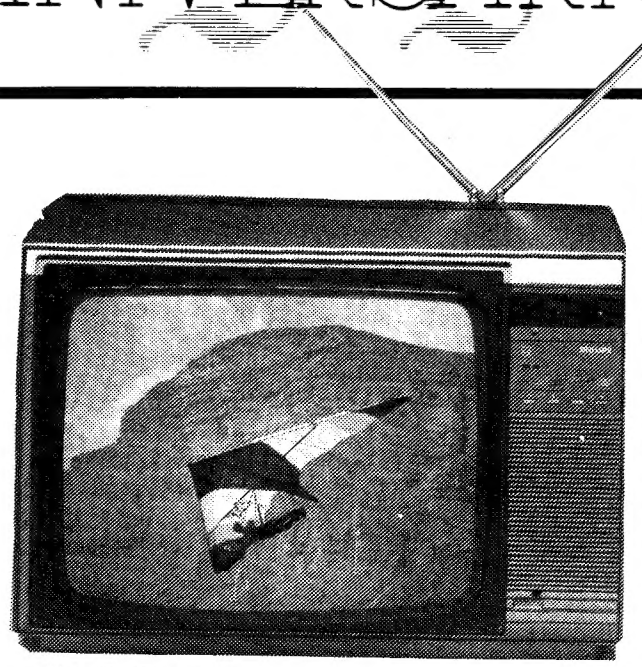
17.ª Através dos meios publicitários indicados na condição 11.ª, serão dados a conhecer ao público não só o local, dia e hora da realização das operações de determinação dos contemplados, como também as datas até às quais as colecções deverão dar entrada na sede do jornal para serem admitidas a sorteio, ou seja, até ao dia 23 de Setembro de 1985, data do carimbo do correio.

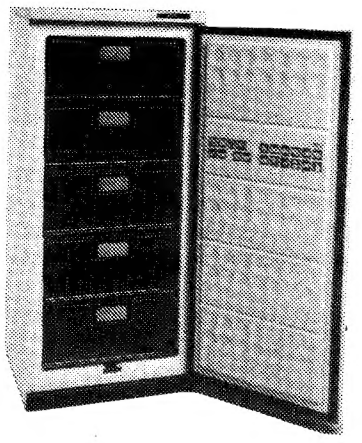
DESCUBRA PORTUGAL

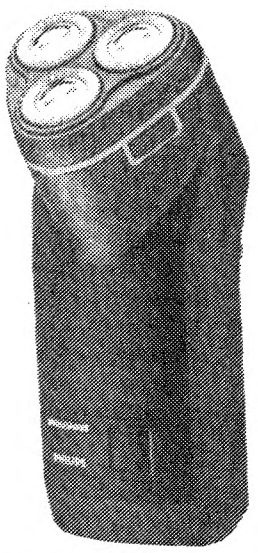
CONCURSO 2º ANIVERSÁRIO

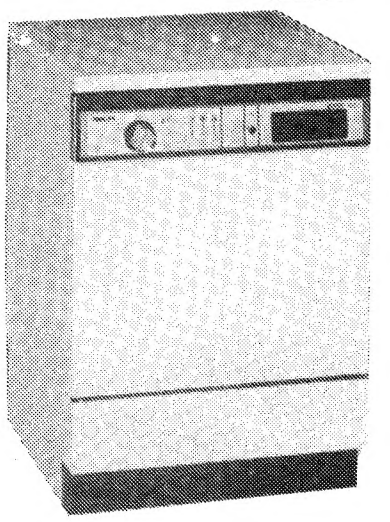
PRÉMIOS PARA OS LEITORES

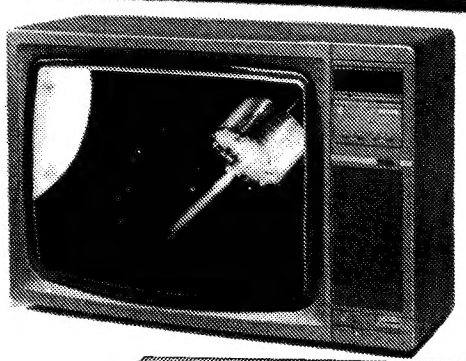


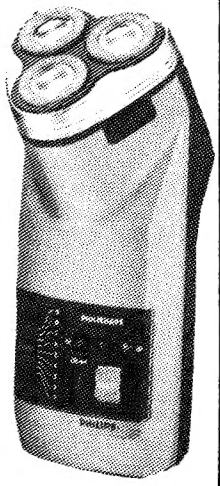


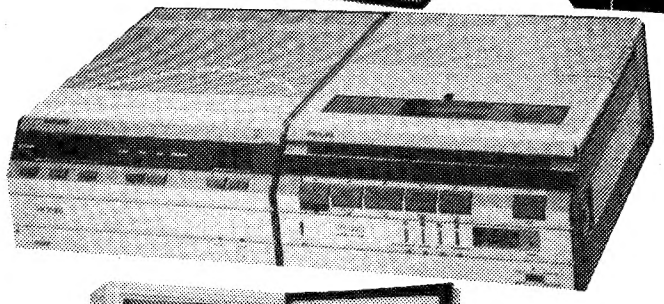


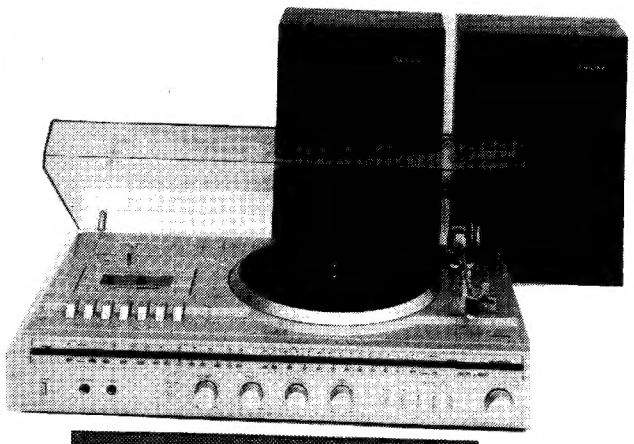


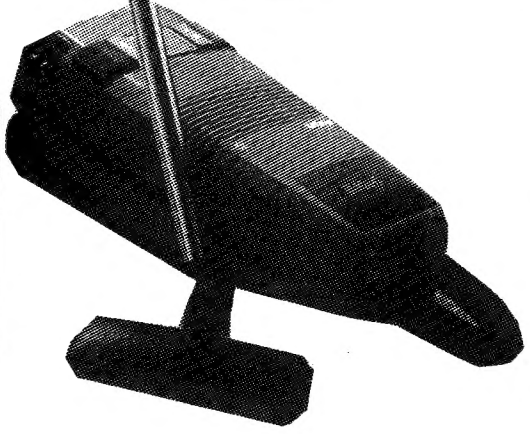


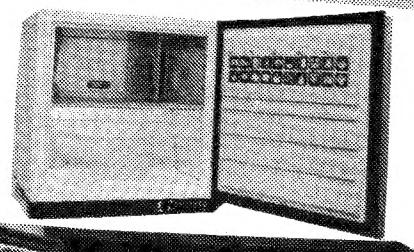


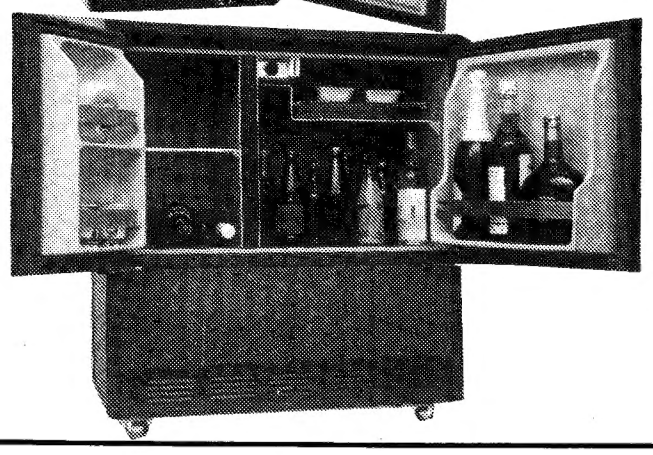


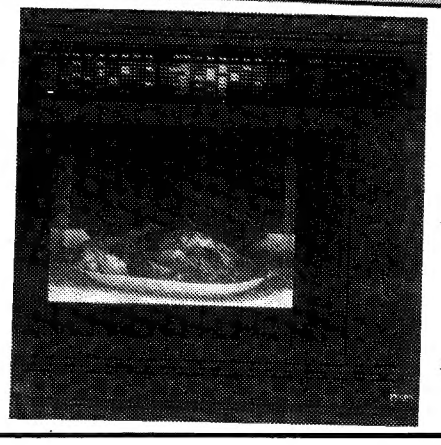


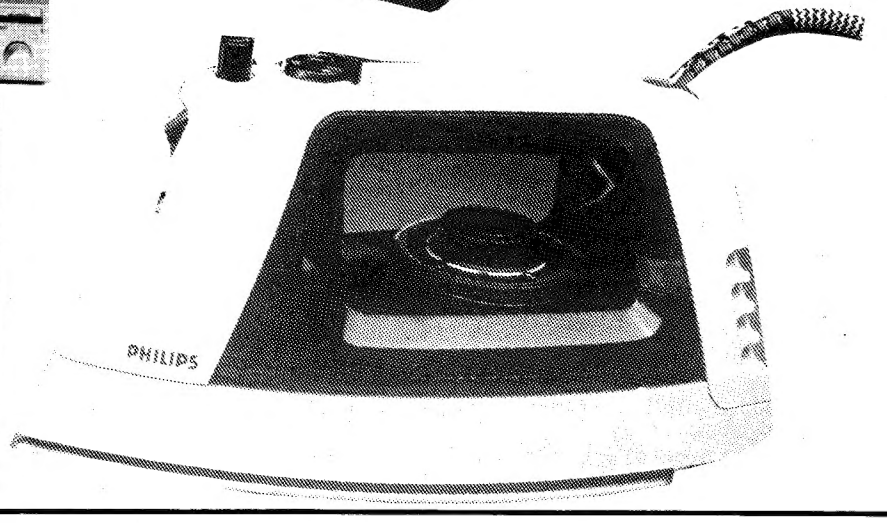












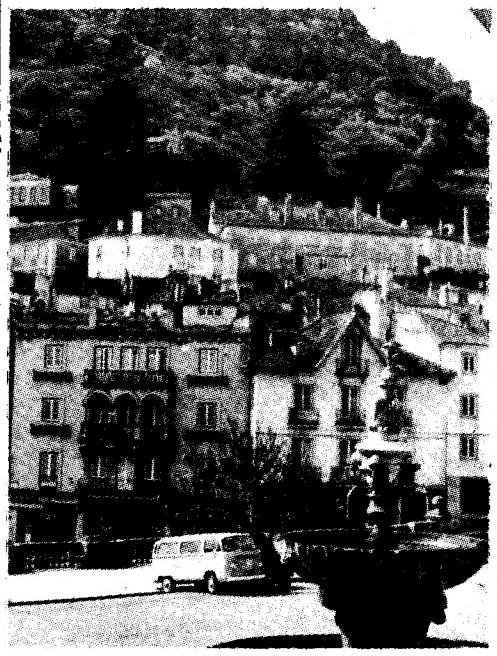
ANIVERSÁRIO

DESCUBRA PORTUGAL

Costa do Estoril: resistir com o dinheiro do jogo

Estoril: nos anos 50 era cenário de um filme sobre as virtudes de ser pobre e trabalhador, em contraposição ao mundo de opulência em que viviam os seus frequentadores. Hoje, dezenas de milhares dos seus habitantes acotovelam-se a caminho do trabalho.

A esta transformação resiste uma das mais populares estâncias de turismo do nosso país, uma zona cosmopolita sem os exageros de um Algarve, onde ainda se ouve falar português. Com problemas de saneamento, a Costa do Estoril prepara o futuro ao ritmo do dinheiro que a concessão de jogo verte para os cofres do Fundo do Turismo.



Sintra: um dos vértices de um triângulo turístico a 25 quilómetros de Lisboa

«Somos um caso excepcional», disse em Novembro ao «DL» a presidente da Câmara Municipal de Cascais, Helena Roseta. Estavam então em causa as verbas necessárias à resolução de diversos problemas de saneamento básico que as cheias de 83 e a polémica sobre a poluição do Verão passado tinham trazido a lume, com a crueza dos factos urgentes.

A «excepcioonalidade» advem de que, ao contrário de outras regiões do país, as dificuldades existentes na «linha» não são de dinheiro. Duzentos e cinquenta mil contos já estavam assegurados e... a fundo perdido.

Este é o resultado da existência de um casino e de uma concessão de jogo que, segundo o contrato, estabelece uma contrapartida a pagar em seis prestações iguais no valor de 841 mil contos cada uma — a preços de 83 — a partir de Junho do corrente ano, cujo destino é o seguinte: plano de saneamento básico da Costa do Estoril e obras de interesse turístico a realizar nos concelhos de Cascais, Mafra, Oeiras e Sintra.

A esta verba juntam-se os 50 por cento das receitas brutas declaradas, a partir da entrada em vigor da concessão e, no ano 2005, os valores destas não poderão ser inferiores a 1 122,5 milhares de contos, a preços de 83.

Terminava, assim, um processo iniciado a 7 de Fevereiro de 1983, com a aprovação na Assembleia Municipal da intervenção da Câmara Municipal de Cascais na revisão da legislação e na renegociação da concessão de jogo da zona do Estoril. Cerca de um ano depois, a 21 de Fevereiro de 1984, o Conselho de Ministros deliberou pôr a concurso público a nova concessão de jogo e, em finais de Maio do mesmo ano a Câmara Municipal de Cascais entregou ao Governo 51 projectos a serem financiados como contrapartida para a concessão. Definido e publicado, a 9 de Agosto, o decreto-lei e o decreto regulamentar estabelecem o quadro legal a observar no concurso público, ganhando este o concorrente que maior caução inicial apresentar. A 22 de Agosto é aberto o concurso, a 8 de Novembro são emitidos dois concorrentes — a Santa Casa da Misericórdia de Cascais e a Estoril-Sol, SARL — a 9 de Novembro são abertas as propostas e, finalmente, a 6 de Dezembro, o Conselho de Ministros adjudicou à Estoril-Sol a concessão do exclusivo da exploração da zona de jogo.

Considerado como um dos que, em valor absoluto, maiores receitas consegue, o actual casino do Estoril, inaugurado em Março de 1968, tornou-se num dos argumentos decisivos quando o turismo deixou de ser apenas um tempo de lazer e se converteu numa indústria de prestação de serviços, num modo eficaz de obter divisas. Aliás, já em 1958, o decreto-lei de 18 de Março, estipulava como sendo obrigação da concessão do jogo a construção de um hotel na zona. Foi, assim, que nasceu o Estoril-Sol.

Nesta perspectiva, de uma área integrada e vocacionada na sua totalidade para o turismo moderno, a Costa do Estoril foi o primeiro espaço, em Portugal, onde tal concepção se desenvolveu.

Do eixo Lisboa-Cascais...

Trinta e cinco hotéis, residenciais e motéis, 116 restaurantes, 23 bares, mais de trinta casas de espectáculos, são alguns números que hoje confirmam a vocação da zona para o turismo.

No entanto, a 25 quilómetros de Lisboa, numa área onde vive uma comunidade de perto de dois milhões, nem tudo são facilidades, por muitas palmeiras de sonho que se implantem.

Da terra piscatória que viu fundeados os barcos do Infante D. Henrique, Cascais, o centro de toda esta zona, tornou-se numa vila dormitório, viu aumentada a sua população. Como reflexo o concelho industrializou-se. Aliás, o mesmo aconteceu com todas as outras áreas da «linha», resistindo apenas, e nalgumas zonas, o aristocrático Estoril — «estância de recreio de reis e asilo da realeza destronada», como afirma a propaganda turística — e o autêntico viveiro de «uma certa política» que os novos tempos trouxeram para a ribalta: a Quinta da Marinha.

A consequência deste processo está à vista de todos. As praias viram a sua frequência alterada, não apenas por uma saudável democratização das áreas, a que se juntou o progresso dos transportes. A frequência também é da crise, a dos lisboetas, que redescobriram a «linha» bem mais perto da sua casa, de que as praias que as distâncias tornam economicamente inviáveis. Mas, também, a poluição que urge combater. Segundo as autarquias, com o dinheiro do jogo, será de fácil vitória.

Desde Maio que as águas das praias do concelho de Cascais têm sido submetidas a análises periódicas, seguindo os parâmetros bacteriológicos determinados pela CEE. E, de acordo com responsáveis da Câmara de Cascais, as análises feitas no ano passado, quando a polémica sobre a situação atingiu o auge e o domínio público, demonstraram que a situação não era tão má como se dizia... Contudo, os dados da experiência não confirmam todo este optimismo e, os mais fiéis adeptos da «linha» começaram a procurar novos espaços.

Por uma estrada larga e segura, a contrastar com a velha marginal, a completar em breve 45 anos de trânsito e problemas, chega-se ao Guincho ou à abrigada Praia do Abano. Pelo caminho o sol da serra de Sintra e do mar a queimar num ciclista ou cavaleiro, o perfil de um candidato à Presidência da República, a sombra conhecida de um ministro demissionário, ainda que permaneça em funções.

Para além do turismo, esta também é a zona do conhecido eixo «Lisboa-Cascais» que teve honras de título e primeira página no léxico político português. Por ali, nos campos de «golf» ou nos de ténis, «tendências organizadas» de um mesmo partido travam animadas disputas.

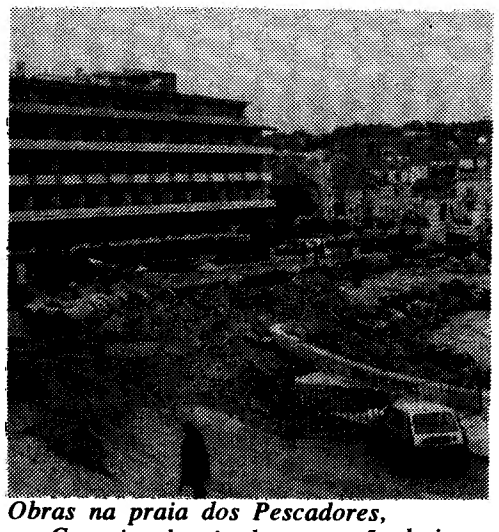
...ao triângulo dos domingos

Ao fim-de-semana a opção é sair cedo e, com paciência, percorrer os 25 quilómetros de uma Marginal de entroncamentos à esquerda, passagens de peões — algumas suicidas —, bichas de carros de tempos memoriáveis.

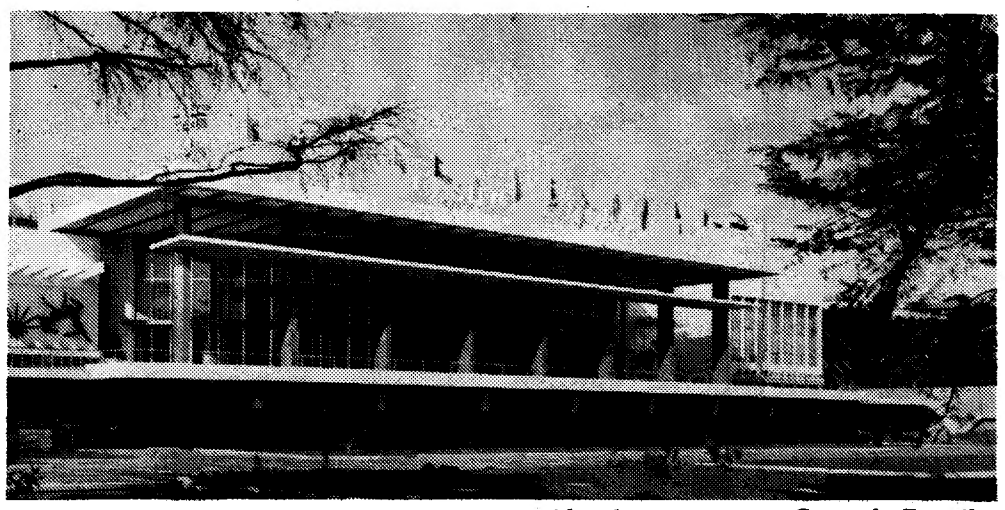
Inicia-se, assim, o périplo de domingo, que a monotonia dos tempos antigos popularizou como «passeio dos tristes». Lisboa-Cascais-Sintra, num percurso que alterna a cidade agreste, a cor do mar e a sombra das matas da serra. Oportunidade única para, em escassos quilómetros, mudar de paisagem e descobrir que, bem perto da capital, ainda há uma riqueza imensa chamada «zona protegida Cascais-Sintra.»

Sempre à beira-mar, da marginal dos passeios, ao Guincho das dunas, sobe-se em direcção ao cabo da Roca, dominando então uma área em que o azul do mar e o castanho-verde da terra se conjungam numa paleta de cores única.

Depois, incursão pela Peninha, as cores tornam-se mais vivas, de um verde de vários matizes. O ar é mais fresco, o silêncio impera. Curva a curva, ladeira a ladeira, vão-se subindo os contrafortes da serra de Sintra, a eleita de Byron.



Obras na praia dos Pescadores, em Cascais: depois da concessão do jogo tudo mais fácil para a Câmara, segundo dizem os autarcas



Casino do Estoril: até ao ano 2005 as contrapartidas desenvolverão a Costa do Estoril

Num desfilar de casas antigas, algumas a necessitarem de restauro urgente e cuidado, chega-se aos palácios que despontam entre as árvores. Pena, Palácio de Sintra, o Castelo dos Mouros, são sobejamente conhecidos. Mas, bem perto da praça do Palácio da Vila de Sintra, escondida entre os muros altos das casas grandes, está a Casa-Museu Ferreira de Castro. Três salas merecem uma visita atenta, do escritório onde trabalhava o autor de «A Selva», aos expositores onde figuram documentos vários de cartas de amigos à solidariedade que o tempo político então impunha.

Do equilíbrio quase ideal entre o trabalho do homem e a natureza, aos tempos modernos de uma pista de um autódromo e dos hangares do aeródromo de Tires, um conjunto diversificado de «ofertas» turísticas, a escassos quilómetros de uma grande cidade.

No triângulo dos domingos a afirmação de uma área que, apesar de próxima, merece sempre ser revista. É, no fundo, a hipótese de um passeio a preços módicos numa zona que, apesar de tudo, ainda resiste, e tem o seu encanto.

ASSEGURE OS EXEMPLARES DO "DL" NECESSÁRIOS PARA CONCORRER

ANIVERSÁRIO

Leitor amigo, não se fie no acaso; reserve o "Diário de Lisboa" no seu vendedor habitual e, se não tiver nenhum posto de venda próximo, ou se por qualquer outro motivo quiser garantir os seus cupões para o concurso, preencha com letra bem legível este talão, junte um cheque ou vale do correio de 960$00 (ou 1920$00 para as 2 séries) e envie-nos. Aproveite este preço especial que fazemos para o período do concurso e, além de poupar, terá a certeza de ficar habilitado a concorrer.

ASSINATURAS

(VIA NORMAL PARA O CONTINENTE E ILHAS)

Considerem-me assinante a partir do dia _____ de _____ de 1985
pelo período correspondente a ☐ 30 jornais (concurso — 1 série) — (960$00)
☐ 60 jornais (concurso — 2 séries) — (1920$00)

NOME .....

MORADA .....

Juntar cheque ou vale de correio e enviar para:
"Diário de Lisboa" Rua Luz Soriano, 44 — 1200 Lisboa

(NÃO ESQUEÇA O CÓDIGO POSTAL)

Crise política

Conselho de Estado reúne-se amanhã

O Conselho de Estado reúne-se amanhã, a partir das 10 horas, para concluir os seus trabalhos suspensos na quinta-feira passada. Isto mesmo é anunciado num comunicado ontem divulgado pela Presidência da República no qual se adianta que Ramalho Eanes recebe hoje os quatro maiores partidos com assento parlamentar.

No documento, o PR dá conta das razões que o levaram a suspender a reunião do Conselho de Estado de dia 18. Diz Ramalho Eanes que tal se deveu à verificação de «que o Partido Socialista fazia questão em não deixar de considerar a possibilidade de serem ainda encontradas soluções com apoio parlamentar e que permitiriam a não dissolução da Assembleia da República».

Ora, «continuando o Presidente da República a entender ser desejável que tal solução, efectivamente, pudesse ser encontrada, muito embora os elementos de que dispunha apontassem credivelmente no sentido inverso, entendeu confrontar o Conselho de Estado com a suspensão dos seus trabalhos, por forma a não retirar o sentido útil que o partido mais votado conferia ainda às suas próprias diligências», refere o comunicado presidencial.

O texto acrescenta que «uma vez verificada a suspensão dos trabalhos do Conselho de Estado pelos motivos expostos ficaram prejudicadas as condições requeridas para desenvolver qualquer acção mediadora nos termos em que o Presidente da República a tinha proposto».

O comunicado de três páginas faz uma retrospectiva da crise política e fundamenta a comunicação presidencial do dia 18 bem como a mensagem que nesse mesmo dia foi enviada ao Parlamento.

Assim, de acordo com o texto lido por Joaquim Letria, o Presidente entendia, na altura, que «eram basicamenter previsíveis duas hipóteses para a solução da presente crise governativa: a) uma solução no seio do actual quadro parlamentar; b) um Governo que por impossibilidade da primeira hipótese pudesse dar garantias de uma isenta preparação de eleições legislativas antecipadas, ao mesmo tempo que assegurasse uma eficaz gestão da administração pública e condução dos negócios do Estado».

Condicionalismos de tempo

«Dados os condicionalismos de tempo a que o Presidente da República está sujeito e entendendo à explícita posição manifestada por três dos maiores partidos com assento parlamentar, o Presidente da República conduziu as diligências para a superação da crise pela consideração e articulação das hipóteses alternativas que se lhe colocavam» — refere adiante o comunicado.

Após justificar a mensagem ao Parlamento, o Presidente refere que depois da auscultação dos partidos políticos «foi possível concluir pela reiterada indisponibilidade do PSD, PCP e do CDS para viabilizar na presente situação na Assembleia da República, qualquer solução governativa que permitisse poupar ao País os custos de eleições antecipadas».

Face a isto — acrescenta o comunicado de Belém — o Presidente da República, apercebendo-se com mais nitidez da impossibilidade prática da primeira das alternativas colocadas na mensagem à Assembleia da República, desde logo se decidiu pela convocação do Conselho de Estado para os efeitos da dissolução do Parlamento, convocação formalmente efectuada no dia seguinte, 19 do corrente.

A comunicação da Presidência conclui assinalando ser propósito do Presidente «informar o País com regularidade e extensão, dado que a gravidade da actual situação política vem potenciando os efeitos das acções sistemáticas de desinformação a que, nos últimos dias, tem estado sujeita a opinião pública».

Soares vai a Milão

Entretanto, ontem Ramalho Eanes manteve um encontro com o Primeiro-Ministro, Mário Soares. Uma nota da Presidência a propósito do encontro salienta que o Presidente concordou com a deslocação de Soares, no próximo dia 28, a Milão, ao Conselho de Ministros da Comunidade Económica Europeia. Isto leva a supor, caso se concretize esta deslocação, que o Governo estará em funções pelo menos até ao fim do mês.

Por seu lado, o chefe do Executivo recebeu ontem uma delegação da UGT que lhe manifestou «preocupação» pela actual situação política e considerou que «os vazios do poder têm custos para o País e para os trabalhadores».

A posição foi expressa por Rui Oliveira e Costa, um social-democrata do Secretariado Nacional da UGT. Esta organização laboral interroga, a propósito da crise: «Quem vai fazer o Orçamento de Estado e como decorrerá a contratação colectiva durante os próximos meses»?

«The Economist» comenta

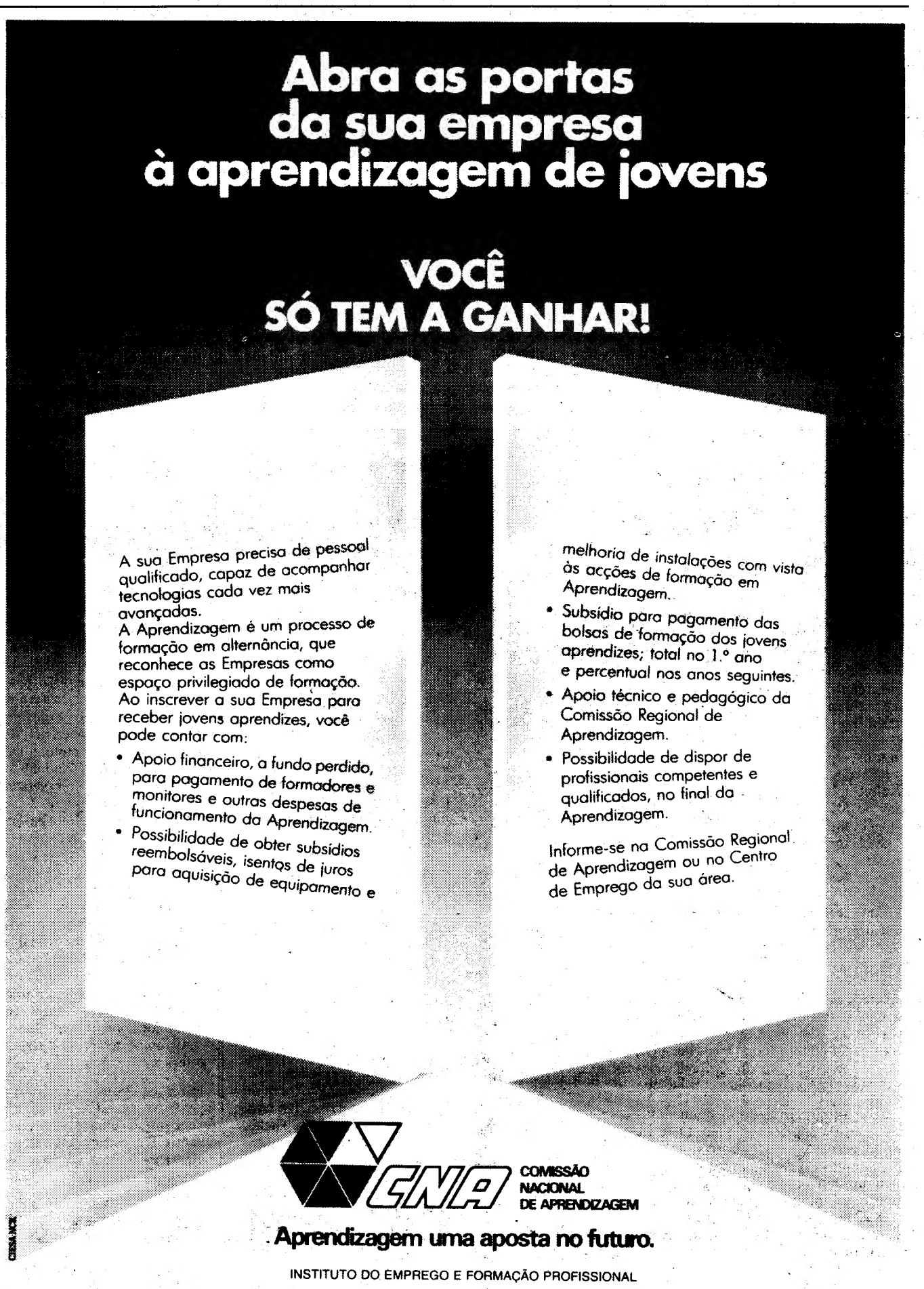
A revista «The Economist», ontem distribuída em Lisboa, comenta que o PSD «não se poderá queixar se os eleitores lhe virarem as costas nas próximas eleições legislativas».

Em artigo sobre a situação política portuguesa, a revista refere que o Presidente da República «não quer dissolver o Parlamento» e que «convidou a Assembleia da República a formar um novo Governo, apesar de os partidos políticos reclamarem a dissolução do Parlamento e a convocação de eleições antecipadas».

O artigo do «The Economist» acrescenta que «o problema surgiu quando os sociais-democratas abandonaram o Executivo de Mário Soares, após desentendimentos sobre as leis laborais e agrícolas».

«O líder social-democrata, Aníbal Cavaco Silva, juntamente com o líder comunista, Álvaro Cunhal, e o líder democrata-cristão Francisco Lucas Pires, reclamam eleições antecipadas» — refere a notícia, que considera que «o Presidente receia em parte a convocação de eleições antecipadas, pois poderá prejudicar a ratificação do tratado de adesão à Comunidade Europeia».

A revista acrescenta que a realização de eleições gerais neste momento «dará provavelmente um Parlamento tão fragmentado como o actual».



10 anos de indpendência

Lisboa não tem mostrado firmeza na cooperação com Moçambique

— *diz embaixador João Baptista Cosme*

«A pouca firmeza» do Governo português no combate aos agentes da Renamo instalados entre nós e a «falta de vontade política» em desenvolver os acordos já firmados com Maputo, foram ontem lamentadas pelo embaixador da República Popular de Moçambique, João Baptista Cosme, ao assinalar em conferência de Imprensa o 10.º aniversário da independência do seu país que hoje se comemora.

Comentando tal situação, o diplomata sublinhou o facto de ser a Itália o maior parceiro económico ocidental de Moçambique. «Isto deve-se sobretudo — acrescentou — à vontade política dos italianos e, ainda a menores dificuldades de financiamento por parte da banca internacional a empresários italianos».

Ausência de programa de cooperação

Baptista Cosme formulou votos que Portugal consiga superar a actual crise política e saia fortalecido desta, tal como também fez votos que a adesão de Lisboa à CEE contribua para melhorar as condições de vida dos portugueses e para o esforço efectivo de cooperação entre Lisboa e Moçambique.

Na parte da conferência que dedicou às relações luso-moçambicanas lamentou ainda a ausência em Portugal de «um programa de cooperação devidamente faseado e, no mínimo, de médio prazo. Programa que deveria corresponder às dificuldades e necessidades prioritárias de Moçambique e que deveria conter a definição dos montantes de financiamento a executar».

O embaixador afirmou que existe, actualmente, uma acção global para se instaurar a paz em Moçambique, pois que a recuperação económica exigirá a liquidação dos grupos armados de oposição ao regime e a concentração do essencial dos esforços e meios de mobilização das capacidades e recursos internos.

Tal esforço — observou — terá de ser complementado com meios materiais, técnicos e financeiros, no contexto da cooperação com diversos países, independentes do seu regime económico e social.

A fim de concretizar semelhante estratégia, Moçambique terá de incentivar a produção e a distribuição de mercadorias, incrementar as exportações, optimizar as importações e assegurar a estabilidade monetária e financeira — prosseguiu Cosme, que durante uma hora procurou dar à Imprensa uma imagem do que é o seu país, das suas realizações e dificuldades, ao longo dos 10 anos que se seguiram à proclamação da independência.

João Baptista Cosme

Em resumo, considerou que estes 10 anos foram positivos, que continua a ser fortelacida a unidade nacional proposta pelo fundador da Frelimo, Eduardo Mondlane, e o país está empenhado na construção da nação moçambicana.

Soares representado

Ao Maputo chegou ontem com uma delegação o ministro Coimbra Martins que ali representará Mário Soares nas comemorações da independência. O ministro frisou que a sua presença enquanto titular da Cultura se deve ao facto de o Governo português fazer uma ligação clara entre o 25 de Abril de 1974 e o 25 de Junho de 1975.

Coimbra Martins presidiu — recorde-se — às comemorações do 25 de Abril em Lisboa promovidas pelo Governo.

Eduardo Âmbar, secretário de Estado da Cooperação, acompanha o ministro da Cultura nesta deslocação ao Maputo.

Cavaco Silva negociou os acordos com o FMI

— *lembrou Cunhal na TV*

Ou um Governo de iniciativa presidencial, com elementos que dêem garantias de isenção e seriedade para a preparação de eleições, ou a constituição de um Executivo de gestão com elementos de todos os partidos com assento parlamentar — foram as alternativas que Álvaro Cunhal defendeu, a noite passada, no programa «Actual», da RTP, para a inevitável dissolução da AR e marcação de legislativas antecipadas.

«Interessa-nos seriedade e democraticidade e por isso temos vindo a sugerir um governo democrático de salvação nacional. Esta proposta mantém-se, mesmo após as eleições que se vierem a realizar» — disse Cunhal, que acrescentou ser «necessário haver convergência de pessoas e opiniões para fazer saír o País da crise».

O líder comunista afirmou que dentro dos ditames da Constituição «não se podem excluir os partidos das instituições e por isso o PCP não aceita ficar de fora de qualquer solução» — referiu.

Para Álvaro Cunhal a tentativa de Eanes de solicitar a contribuição do Parlamento foi «bem intencionada e demonstrativa da vontade de fazer intervir todos os partidos e forças na resolução da crise». Considerou-a, todavia, «ingénua» porque «impossível de concretizar».

Condenou depois a adesão de Portugal à CEE, que disse «ir custar demasiado caro a Portugal em termos financeiros, económicos e sociais», sublinhando que a Assembleia da República «não tem agora legitimidade para ratificar o tratado de adesão».

«Estamos próximos de um novo acto eleitoral e por isso esta assembleia, cuja maioria se desfaz, não pode ratificar um tratado deste tipo» — disse.

PSD e PS: iguais responsabilidades

Cunhal referiu também que **na actual crise as responsabilidades do PSD são iguais às do PS, até porque os ministros sociais-democratas estiveram nas pastas ministeriais mais sensíveis»**, declarou, acrescentando **«ter sido mesmo Cavaco Silva quem chefiou as negociações com o Fundo Monetário Internacional, pondo agora em causa a política do Governo em que o seu partido participou».**

Sobre as recentes conversações havidas em Lisboa entre o PCP e **o Partido Comunista da China,** disse ser «acontecimento positivo», resultante, no seu ponto de vista, «de importantes alterações na República Popular da China».

Cunhal fez ainda referência à necessidade de se «derrotar as candidaturas de direita de Amaral e Mário Soares» e para isso alvitrou uma conjugação de esforços «do sector do Presidente da República, parte do PS e o eleitorado comunista».

Pontos De Vista

"Nem ditador nem assassinado"

Eugénio Alves

Acompanhou Freitas do Amaral nos anos 60, como assistente, centenas das «orações» que Marcelo Caetano, então, proferiu, no repleto Anfiteatro I da Faculdade de Direito de Lisboa, sobre temas de ciência política e direito constitucional, perante os, obrigatoriamente, engravatados alunos do 1.º ano.

Falavam essas lições dos principais sistemas político-constitucionais, sublinhando, particularmente, o efémero sucessor de Salazar os conceitos e experiências dos regimes presidenciais e de tipo chanceler, dominantes no «democrático» Ocidente. Silenciosos, assistentes e alunos ouviam as virtualidades dos esquemas norte-americano, suíço, francês, alemão-federal, italiano e, claro, do velho e sólido sistema britânico.

Vinte anos depois, já integrado num esquema tipo ocidental que dizem ser o nosso (apesar do desemprego, dos salários em atraso e doutros atrasos...), Freitas do Amaral ensaia a corrida para mestre cerimónias do regime. Estranhamente, porém, o eufórico candidato a Belém parece indeciso, ou vacilante, quanto ao tipo de sistema a privilegiar. Há dias, em Coimbra, num jantar da Câmara de Comércio Luso-Francesa, entre tiradas estilo «um taxista em Londres ou Paris é capaz de discutir melhor temas económicos que muitos ministros portugueses», o ex-presidente do CDS (estava presente o embaixador de Mitterrand) considerou que «só com um Presidente da República forte é possível conseguir um Governo e uma maioria em total sintonia».

Dois dias antes, numa informal e discreta coversa com jornalistas estrangeiros acreditados em Lisboa, o perigoso adversário de Soares tocou outra «música». Entre a quase-certeza do apoio de Cavado Silva, o elogio a um Eanes suprapartidário e a tirada de humor sobre a divisão na Igreja perante a sua candidatura e a de Lurdes Pintasilgo («noventa e cinco por cento para mim e cinco por cento para ela», disse), Freitas do Amaral confessou-se, abertamente, anti-regime presidencialista.

E sabem porquê? «Porque — considerou, muito sério, o candidato — os regimes presidencialistas acabam ou em ditadura ou em assassinato do Presidente e eu não quero ser nem ditador nem assassinado»...

Com o "timing" a apertar-se

PRD legaliza-se depois de amanhã

O PRD vai entregar na próxima quinta-feira, às 16 horas, no Supremo Tribunal de Justiça, o processo para a sua legalização como partido político. Um dos pormenores que impediu a conclusão do processo de legalização mais cedo foi a escolha das respectivos símbolos. Finalmente foram escolhidas cores verde, vermelho e branco e a balança como símbolo. Esta noite a Comissão Directiva volta a reunir-se para acertar os últimos pormenores relativos á legalização, designadamente acertos técnico-jurídicos dos seus estatutos, reapreciados em Coimbra e finalmente aprovados na Convenção de Tomar.

Directiva insatisfeita com o trabalho no Porto

Entretanto, uma fonte do PRD revelou-nos ontem que não foi o corrdenador distrital do Porto, Fernando Almeida, que pôs o seu cargo à disposição, mas sim todos os seus membros e dois deles — no final da Convenção de Tomar — enviaram telegramas à Comissão Directiva, embora todos se mantenham disponíveis para trabalhar. Recorde-se que todos os secretariados distritais são provisórios e só agora vão ser feitas eleições num prazo a definir pela Comissão Directiva, de acordo com os estatutos, até porque o Conselho Nacional do PRD terá que ser completado com dois elementos eleitos em cada distrito. Não se trata porém de inerências, pelo que, como já foi dito, esses elementos terão que ser eleitos.

No caso do Porto, segundo um responsável do PRD, «os membros do secretariado provisório não conseguiuram criar a dinâmica que o PRD tem que ter naquela zona do País».

Nos últimos dias Hermínio Martinho foi duas vezes ao Porto, onde, reuniu com os elementos do secretariado distrital provisório.

A última destas reuniões teve lugar na véspera de S. João e ali foi encontrada uma solução para dinamizar a estrutura local do PRD. Destas reuniões apenas esteve ausente o ex-mandatário da CNARPE no Porto, conselheiro Rui Guimarães, que não se encontrava naquela cidade.

A solução encontrada vai ser hoje presente na reunião da Comissão Directiva.

O problema de base da estrutura distrital do Porto do PRD reside, segundo pudemos apurar de fontes oficiais daquele partido, na falta de trabalho de alguns elementos que nesse plano não corresponderam ao desejado. «Em vez de responderem com trabalho à contestação, não trabalharam», salienta-nos um responsável do PRD solicitado a dar-nos uma caracterização desses problemas.

A questão, salientam-nos as mesmas fontes, é apenas essa, não se relacionando com quaisquer pressões de um alegado grupo de contestatários que as estruturas do PRD consideram não possuir qualquer representatividade.

Teste de multidão para Hermínio Martinho

Hermínio Barreto teve na noite de S. João, no Porto, o seu primeiro teste de multidão. Após a reunião ali efectuda, acompanhado por alguns elementos da nova comissão directiva, deu uma volta pelas ruas do Porto para ver, pela primeira vez, aquela tradicional festa popular.

Foi reconhecido por toda a parte mas recebeu um tratamento muito especial das camadas mais jovens. «Olhe que a gente está à vossa espera, mas estamos à espera de obras e não de palavras». Este era, na generalidade o tom das conversas dos que vinham falar-lhe.

Outros diziam: «Olhe que a gente está a ver o nosso futuro bloqueado (lixado). Contamos com vocês. Mas não queremos palavras. Queremos obras».

Esta peregrinação do actual líder do PRD nas ruas do Porto revelou que ele é já uma figura conhecida e que apesar de tudo, em Portugal, os «mass media» rapidamente projectam figuras, seja na política ou noutros campos.

MDP saúda vitória da APU em Carvalhais

A vitória da APU na freguesia de Carvalhais (Bragança) nas eleições autárquicas efectuadas domingo representa para o MDP/CDE «um sinal de crescente vitalidade e projecção da Aliança Povo Unido», naquele distrito.

Em comunicado, o MDP congratula-se por esta vitória afirmando que ela corresponde ao «reconhecimento do bom trabalho realizado pelos autarcas da APU», e exorta ainda os seus militantes e simpatizantes a prosseguirem o trabalho «em defesa das populações e da democracia».

A APU, que nas anteriores eleições tinha ficado na terceira posição, após o PSD e o PS, foi agora o partido mais votado seguido pelo PSD e CDS.

CENTREL

Electrónica Geral, Gestão e Participações, S.A.R.L.

A TECNOLOGIA EXACTA FACE ÀS MUDANÇAS NECESSÁRIAS

A qualidade e a operacionalidade das redes de telecomunicações são hoje condição indispensável ao progresso económico e social e à modernização das sociedades.
As telecomunicações representam, por outro lado, um dos sectores onde, o esforço de investigação aplicada, desenvolvido a nível mundial, tem tido uma incidência mais visível, sendo os avanços tecnológicos registados altamente significativos.
Qualidade e tecnologia, são pois duas vertentes dominantes, no mundo, em permanente mudança das telecomunicações.
Qualidade e tecnologia, que são também duas preocupações constantes na Centrel.
Produzir cada vez melhor e com mais qualidade tem sido um objectivo, do passado e do presente na Centrel, o maior grupo privado português, no sector industrial das telecomunicações e da electrónica profissional.
De par com a qualidade surge a inovação e o desenvolvimento de novos produtos, indispensáveis à sobrevivência e à evolução de qualquer estrutura industrial actuando nestes domínios de produção.
Hoje, nas empresas do Grupo Centrel, trabalham mais de 450 engenheiros e técnicos de telecomunicações boa parte dos quais se dedicam, em exclusivo, à Investigação e ao Desenvolvimento, sendo a Centrel a única estrutura empresarial com actividade própria de I&D, desenvolvida integralmente em território nacional.
A indústria de telecomunicações atravessa, neste momento, em Portugal, uma fase decisiva da sua existência confrontada com desafios de renovação e inovação, que têm que ver, por sua vez e são decisivos para a própria modernização do país. Exige-se das empresas do sector capacidades de resposta, nos planos tecnológicos e produtivo, que permitam acompanhar a introdução de novos serviços e a digitalização progressiva das redes, apoiadas em equipamentos produzidos em Portugal.
A Centrel está consciente deste desafio e trabalha no sentido de assegurar as soluções adequadas e operacionais que são simultaneamente a garantia da continuidade e a viabilidade duma indústria portuguesa de telecomunicações.
Dar resposta às solicitações do mercado nacional de telecomunicações significa, para a Centrel, utilizar todos os recursos tecnológicos ao seu alcance, sejam eles próprios ou alheios.
No quadro nacional existente, a Centrel irá efectuar os acordos empresariais adequados para adquirir as tecnologias para a produção de equipamentos destinados à modernização das redes nacionais de telecomunicações, assegurando em tempo exacto e oportuno, as respectivas transferências, nas condições tidas por mais convenientes para o interesse nacional e para a indústria portuguesa de telecomunicações.
Deste modo, também na Centrel a mudança e a modernização que o novo quadro de referência que a comunidade europeia traduz, são encaradas com determinação e com base nas decisões realistas que as circunstâncias exigem.
Dotando-se dos meios necessários e actuando no tempo correcto a Centrel garante no presente um futuro de mudança, no qual as telecomunicações e a electrónica sejam uma realidade da indústria portuguesa.

Presidente da AR

Fernando Amaral propõe alargamento do mandato

O presidente do Parlamento, Fernando Amaral, apresentou ontem a todos os grupos parlamentares uma proposta que visa aumentar de um para quatro anos o mandato dos presidentes e restantes elementos da Mesa da Assembleia.

De acordo com uma fonte parlamentar, a proposta prevê também que o presidente da Assembleia possa ser destituído por uma moção de censura que suscite o apoio de quatro quintos dos deputados.

A necessidade de uma imagem de maior eficácia e estabilidade é apontada por Fernando Amaral como principal justificação da sua propostas.

O texto distribuído aos partidos fala ainda dos projectos e trabalhos «que implicam uma programação de médio e longo prazo, um estudo, presença e continuidade de acção que o curto período de uma sessão legislativa não permite».

O documento, que poderá vir a ser discutido na conferência de líderes da próxima terça-feira, acrescenta ainda que «a falta de continuidade na acção proporciona a degradação das chefias directas, pelo menos, e a redução no sentido da dignidade da profissão ou funções que se exercem».

Por outro lado, prossegue o texto, «quem tem a superior responsabilidade de decidir e determinar só o fará normalmente, nas soluções de âmbito imediatista, já que para as outras lhe falta tempo para apurar da sua eficácia.»

A proposta de Fernando Amaral aponta ainda as vantagens de um mandato mais dilatado para o relacionamento externo do Parlamento já que os projectos neste âmbito trascendem em regra os limites de um ano.

Além do alargamento do mandato do presidente, são também propostos os dos membros da Mesa da Assembleia e os dos membros das mesas das comissões parlamentares.

A ideia de passar de um para quatro anos o mandato do presidente do Parlamento tinha sido já anteriormente manifestada por outras personalidades e, designadamente, pelo ex-presidente, Tito de Morais.

Mudança na Embaixada dos EUA

Shakespeare sucede a Holmes

O embaixador norte-americano em Lisboa, Allen Holmes, confirmou que o nome que vai ser indicado ao Governo português para o substituir à frente da missão diplomática é o de Frank Shakespeare. Embora salientando que tal confirmação não era oficial e que a administração norte-americana ainda não apresentou o necessário pedido de «agreement», Allen Holes disse que o processo de indigitação de Shakespeare para Lisboa está em curso.

O embaixador cessante falava num encontro com jornalistas, realizado na missão diplomática dos EUA e que assinalou a sua despedida de Portugal.

Holmes, um diplomata de carreira, parte amnhã para Washington a fim de assumir as funações de director do Departamento de Assuntos Político-Militares no Departamento de Estado.

Referindo-se ao seu indigitado sucessor, que sublinhou não conhecer pessoalmente, Holmes disse que Shakespeare é uma figura com grande experiência no serviço público norte-americano, nomeadamente no campo da comunicação social. Shakespeare, que teve responsabilidade nos sectores da Televisão e da Rádio nos EUA, e foi o director da USIA — a Agência Oficial de Informação do Governo norte-americano — é considerado uma personalidade conservadora por meios de Washington.

Holmes afirmou que se Shakespeare for confirmado como próximo embaixador em Lisboa, «representará a continuidade da política externa.

Fazendo o balanço da sua permanência em Portugal, o embaixador Holmes disse que «as relações bilaterais são, actualmente, excelentes» e manifestou a sua satisfação pelo facto de várias iniciativas nas áreas económica, cultural e de cooperação, lançadas recentemente, terem obtido êxito.

O embaixador Holmes destacaria, ainda, a grande importância que a Administração dos EUA concede às autoridades portuguesas relativamente às questõesa africanas, referindo que Lisboa contribuiu para o desanuviamento das relações entre Washington e as capitais de alguns países africanos de expressão oficial portuguesa.

Os poderes do Presidente são muitos e fortes

— *afirma Lourdes Pintasilgo*

Maria de Lourdes Pintasilgo considera que qualquer que seja o calendário eleitoral, as eleições presidenciais são «o grande referente de um novo quadro político».

A opinião da antiga primeiro-ministro está expressa no jornal de apoio à sua candidatura posto, ontem, a circular, em Lisboa. Nesse jornal, intitulado «Democracia e Desenvolvimento», Maria de Lourdes Pintasilgo afirma, sobre a actual crise política, que se tornou claro que «os poderes de que é depositário o Presidente são muitos e fortes» ao contrário do que se afirma em «especulações teóricas».

Para a futura candidata a Belém, os poderes são o de decidir, o de ouvir, o de congregar, e tudo isto «para tornar consciente o primado do bem comum sobre os interesses individuais ou de grupo», o de inovar para «encontrar caminhos alternativos», o de discernir e o de «descobrir o elemento-chave que, nesta crise, é a brecha, a saída, a solução adequada».

Por isso, escreveu Maria de Lourdes Pintasilgo, recai sobre o Presidente da República «o poder de criar uma situação nova, capaz de revitalizar, por dentro, a própria democracia».

«O PR detém, nesta crise concreta e datada, o poder de escolher entre a solução jurídico-institucional e a solução política que coloca as questões ao nível do Estado e da realidade dinâmica de que ele é expressão e suporte», acrescenta a antiga chefe do V governo constitucional.

Um Presidente forte

Maria de Lourdes Pintasilgo é de opinião que «a importância e o peso crescente» do Presidente da República são «uma evidência indiscutível» e que «a preservação desse capital político é um factor de estabilidade do regime». Considerando, assim, como «fulcral o papel do PR na consolidação da democracia em Portugal», Lourdes Pintasilgo garante que «qualquer que seja o seu lugar no tempo, as eleições presidenciais têm o primeiro lugar na perspectiva de uma adequação do funcionamento do sistema político as realidades concretas do nosso país».

O País precisa de continuar a dispor de um Presidente forte que dê tempo, abra espaços e crie o contexto cultural necessários para o fortalecimento do sistema partidário/parlamentar». Por isso, Maria de Lourdes Pintasilgo declara-se convencida de que só um Presidente independente «pode realizar essa missão; estimular a necessária recomposição das forças políticas, assegurar a renovação do quadro político global do País, as suas metas e os seus métodos e contribuir para a revitalização de todo o tecido social».

Actualização do recenseamento fica hoje concluída

A consulta aos cadernos eleitorais para rectificação de erros e omissões termina hoje.

Durante quinze dias os cadernos eleitorais estiveram expostos publicamente para que os cidadãos pudessem verificar se o seu nome estava correctamente inscrito.

A exposição dos cadernos seguiu-se ao preíodo de actualização do recenseamento eleitoral que decorreu no país durante o mês de Maio.

Os resultados deste novo recenseamento só deverão ser conhecidos em Agosto, disse à agência NP uma fonte oficial do SRAPE, organismo ministerial que superintende aos assuntos do processo eleitoral.

Para os finais do ano estão constitucionalmente previstas as eleições para as autarquias locais e também para a Presidência da República. Admite-se a hipótese de ocorrerem igualmente eleições legislativas antecipadas.

Caso elas se concretizem o calendário eleitoral poderia ser o seguinte: Outubro (a 5 ou a 6), Legislativas, Dezembro, Locais, e, Janeiro (a 5 a primeira volta e a 26 a segunda), as Presidenciais.

Comemoração o 10.º aniversário da independência de Moçambique

A Associação Portugal-Moçambique promove uma sessão comemorativa do 10.º aniversário da independência e fundação da República Popular de Moçambique, no Teatro Maria Matos, quinta-feira, dia 27 de Junho, pelas 21 horas e 30 m. Serão oradores o embaixador da RPM Batista Cosme, e os drs. Domingos Lopes e António Arnaud. A sessão terminará com a intervenção artística de Carlos Alberto Moniz.

As pessoas que não solicitarem bilhetes directamente à Associação de Amizade Portugal-Moçambique poderão levantá-los nas bilheteiras do Teatro Maria Matos.

DIRECÇÃO-GERAL DO MATERIAL NAVAL
CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

Torna-se público que os prazos de entrega das propostas relativas aos concursos públicos n.ºs 1, 2 e 3/85 foram prorrogados para as datas abaixo indicadas, procedendo-se à abertura das propostas no dia seguinte às 10.00 h.

- **CONCURSO PÚBLICO 1/85 ..... dia 10/7/85**
- **CONCURSO PÚBLICO 2/85 ..... dia 11/7/85**
- **CONCURSO PÚBLICO 3/85 ..... 11/7/85**

NOTA: A caução provisória não deverá ser inferior a 2.5% do valor da proposta.

O PRESIDENTE
Sérgio Serafim Guerreiro
C/Alm. ECN

Emigrantes no Havai em Portugal à procura das origens

Cerca de quatro dezenas de emigrantes portugueses do Havai encontram-se em Portugal «à procura das origens». Trazem nos bolsos fotografias de seus familiares e no coração alguma saudade. Pertencem à quinta geração de açorianos e madeirenses que em 1890 emigraram para o Havai. Dizem que se sentem «emocionados e felizes» por estarem em Portugal, país que consideram «maravilhoso».

A delegação é chefiada pelo vice-cônsul de Portugal no Havai, Lina Carvalho, e fazem parte da comitiva a presidente da Associação de Portugueses no Havai, Doris Naumu, e o jornalista de origem portuguesa Herbert Carlos.

A 2 de Julho os 40 luso-americanos deixam Lisboa com destino à Madeira e, a partir do dia 5 vão visitar as ilhas açorianas de S. Miguel, Pico, Faial e Terceira, onde ficarão durante 10 dias.

Até ao dia 5 de Julho exemplos da cultura nascida do encontro entre portugueses e havaianos vão estar patentes em Lisboa.

Herbert Carlos, responsável dos programas portugueses ma rádio havaiana, afirmou à NP que presentemente os açorianos e madeirenses do Havai «vivem bem». «Os nossos avós, disse a propósito, tiveram problemas de cultura e religião, pois em 1890, os havaianos não autorizavam a prática do catolicismo».

Presentemente é quase nula a emigração portuguesa para o Havai, onde já quase ninguém entre os portugueses fala a língua de seus avós.

Fazer renascer o português

«Portugal não é, contudo — diz Herbert Carlos —, uma coisa esquisita para nós. Os jovens luso-americanos no Havai estão a fazer renascer a língua portuguesa».

No arquipélago do Havai existe entre a comunidade portuguesa uma grande devoção por Nossa Senhora do Monte de origem madeirense e pelos impérios de Espírito Santo que os primeiros emigrantes levaram dos Açores.

Em Honolulu, capital do Havai, existe uma capela do Senhor Santo Cristo dos Milagres que está na origem em S. Miguel das maiores festas dos Açores. Aliás, a 1 de Julho comemora-se no Havai o dia da Madeira e a 24 de Janeiro é o dia dos Açores; 30 de Outubro é o dia da herança portuguesa no arquipélago, a festa que reúne a «quinta geração» à volta da música típica dos Açores e Madeira.

A Sociedade Portuguesa de Genealogia, criada pela luso-americana Doris Naumu, tem a árvore genealógica de quase todos os portugueses que emigraram para o arquipélago. Segundo este testemunho, 29 navios entre 1878 e 1900 transportaram cerca de 30 mil emigrantes açorianos e madeirenses para o Havai. Ainda hoje existe uma certa rivalidade entre os portugueses dos Açores e Madeira no Havai, mas um facto é certo: gentes dos dois arquipélagos levaram consigo um pouco dos seus usos e costumes. Lá, no arquipélago do Pacífico, ainda existem os fornos de pão típicos dos Açores e os trajes regionais da Madeira.

Sindicalistas da Polícia rejeitam "Dia da PSP"

A Comissão Pró-Associação Sindical da PSP convidou todos os agentes a não comparecerem às cerimónias do «Dia da PSP» que se realiza a 2 de Julho.

A comissão afirma em comunicado ontem divulgado que esta é uma «forma de protesto contra a falta de liberdade, de democracia e do bloqueamento do processo de legalização» da Associação Sindical.

A Comissão Pró-Associação da PSP vai desenvolver acções nos próximos dias para chamar a atenção das entidades competentes para a concretização das suas reivindicações, como colocação de dísticos, cartazes e distribuição de comunicados.

O órgão sindical pretende também realizar uma conferência subordinada ao tema «O Polícia e a Juventude» e vai comemorar o seu quarto aniversário nos princípios de 1986, no Porto.

A comissão irá realizar uma cerimónia para o lançamento das comemorações de um «Dia do Polícia»

APU da Régua pede inquérito à Camara

A APU de Peso da Régua pediu ao Ministério das Finanças e do Plano a abertura de um inquérito à gestão financeira e patrimonial daquele município — informou um elemento da aliança Povo Unido.

A APU diz aue desde 1979 que a Câmara de Peso da Régua (PS) não apresenta o relatório de actividade e contas à Assembleia Municipal e que este ano não se efectuaram as reuniões obrigatórias da mesma Assembleia.

São «duas situações anómalas e ilegais» — afirma também a APU, que põe em causa a «transparência e dignidade dos órgãos municipais».

Em réplica àquela iniciativa. O presidente da Câmara Municipal afirmou à APU que a não entrega à Assembleia Municipal do relatório de Actividades e Contas dos últimos quatro anos se deve exclusivamente a «razões técnicas».

António Renato de Aguiar disse, no entanto, que tem todas as contas com despesas e receitas aprovadas pelo Tribunal de Contas.

Jovem atirou-se do viaduto Duarte Pacheco

Uma jovem atirou-se ontem do viaduto Duarte Pacheco para a Avenida de Ceuta, tendo dado entrada no Hospital de S. José em estado grave — informou uma fonte hospitalar.

Ana Maria Gonçalves Nunes de seu nome, tem 22 anos e ficou internada nos cuidados da Unidade de Urgência daquele estabelecimento hospitalar.

Tabaco estrangeiro valia 15 mil contos

Tripulantes do iate "Henry II" condenados em Alcobaça

O Tribunal de Alcobaça condenou ontem o mestre e quatro tripulantes do iate inglês «Henry II» apresado no dia 20 ao largo da Figueira da Foz pelo navio-patrulha «Save» da Marinha de Guerra.

O Tribunal de Alcobaça confirmou o auto de acusação do comandante do navio «Save» condenado o mestre António Jezus a 22 meses de prisão e os restantes quatro elementos da tripulação a 8 meses de prisão cada. O juiz aplicou ainda aos cinco elementos da tripulação, todos de nacionalidade portuguesa, multas de 78 750 escudos cada, podendo a mesma ser substituída por 300 dias de prisão. A embarcação e as 300 caixas de tabaco estrangeiro apreendidas, no valor de 15 mil contos, reverteram a favor do Estado português.

A defesa recorreu da sentença para o Tribunal da Relação de Coimbra, saindo os cinco elementos da tripulação em liberdade após caução.

Recorde-se que o navio patrulha «Save», da Marinha de Guerra portuguesa apresou na madrugada de 20 ao largo da Figueira da Foz o iate inglês «Henry II», registado em Southampton tripulado por cinco portugueses. A intercepção do barco ocorreu cerca das 2 horas do dia 20 de Junho. O iate tornou-se suspeito por fazer ocultação de luzes.

II Feira do Artesanato em Junho e Julho em Tomar

Uma feira do artesanato decorrera este ano pela segunda vez em Tomar, de 29 de Junho a 7 de Julho, certame dedicado a arte popular e que conta com a presença de artifíces portugueses.

Com 129 pavilhões distribuídos por uma área de 15 mil metros quadrados, a II Feira — Mostra Nacional do Artesanato está integrada no Parque Natural de Mouchão e tem a presença de 75 representações de centros de artesanato, autarquias, associações, e artesãos.

Em 1984 estiveram, presentes 68 artesãos distribuídos por 129 pavilhões, tendo sido visitados por 30 mil pessoas.

O ministro do Trabalho, o secretário de Estado do Emprego e da Segurança Social e o governador civil de Santarém, estarão presentes ao acto inaugural no dia 29.

Obras de remodelação no Aeroporto de Lisboa

Na sequência das obras de manutenção, remodelação e redecoração que a Empresa Públiça Aeroportos e Navegação Aérea — ANA, EP, vem realizando na aerogare dos voos internacionais do Aeroporto de Lisboa, reabrem amanhã ao público, o bar e o self-service situados no piso superior do hall central das partidas.

Estas novas instalações, projectadas e totalmente equipadas pela ANA, EP, enquadram-se, com o «new look» da nossa principal aerogare.

Aquela empresa pública vai iniciar, em Outubro, a remodelação da área das chegadas internacionais. Oportunamente, será ampliada e remodelada a área de «check-in», incluindo a substituição dos balcões e do sistema de pesagem e transporte da bagagem.

Pombal também tem Associação de Defesa do Património Cultural

Com as eleições dos primeiros corpos sociais e aprovação do programa e orçamento foi constituída em Pombal uma Associação de Defesa do Património Cultural.

A Associação tem como objectivo promover o estudo, a defesa e a divulgação do património cultural da região de Pombal.

A Associação irá promover e apoiar actividades de carácter cultural, cooperar com as instituições e defender o meio ambiente da região.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

EU gosto muito de vinho verde, de cozido à portuguesa e de doce de gila. Ponto um. Também gosto muito da democracia. Ponto dois. Só que ainda é possível, quando o desejo cresce, comprar uma garrafa — não digo de Alvarinho ou de Tormes, mas da Cooperativa de Monção, pelo qual, tenho devoção especial; e, quando a guloseima ataca (perdõe, querido amigo dr. Carlos George, mas um homem não é de pau, para isso lá estão os santos!), ainda se pode chegar a um docinho dos tais, na Versalhes; e quando chega a hora da perdição, seja o que Deus quiser, um dia não são dias, avante pelo cozido à Portuguesa.

Com a democracia é diferente. A democracia é boa, mas cara. Os pobres não se podem dar ao luxo de ser democráticos. Onde é que eles vão arranjar o bago suficiente?
A própria essência de uma democracia é o voto. Mas os custos de umas eleições são elevadíssimos. Quando um cidadão se isola na câmara, de forma a que nada viole a sua intimidade, e mete na ranhura o instrumento da sua virilidade cívica, não se dá conta das consequências gravosas que isso pode trazer ao País.

De modo que vou entrar com uma campanha para modificar o ritmo das legislativas. Em vez de quatro anos, passará a ser de dez. Num período de 100 anos, por exemplo, já viram o dinheiro que se poupa?
Claro que, se houver quem dilate o ritmo para 20 anos, eu concordo, pois nesse caso é maior a economia. As contas são fáceis de fazer.
Bem vistas as coisas, o ideal era até que não houvesse nenhumas eleições. Primeiro, porque não havendo ***nenhumas*** *se evitava* ***de todo*** *a tentação das eleições antecipadas — e vocês já repararam que o custo das antecipadas é sempre maior que o das outras?*
Depois, porque não havendo eleições não há necessidade de haver partidos e agora vejam só o que se economizava em cartazes, em comícios, em congressos, em reuniões, etc. etc.? Nesse caso, os partidos que quisessem existir não contariam com a legalidade — mas isso era lá com eles...
Enfim, sendo as coisas o que são, eleições de quatro em quatro anos, como as olimpíadas, vá que não vá. Agora antecipá-las é que não. Principalmente quando sabemos que não vamos ganhá-las. Nesse caso, os custos de umas eleições são, de facto, ***elevadíssimos!***

Castelo Branco: quem tem medo dos

Ribeiro Cardoso

Na Câmara de Castelo Branco as suspeitas de irregularidades, má gestão, negligência e até corrupção são mais que muitas. Na cidade as histórias que se contam não têm fim, toda a gente fala do compadrio existente e apontam-se os casos mais conhecidos. O escândalo é de tal ordem que os eleitos da APU, com o apoio dos vereadores do PS, enviaram, há cerca de um ano, uma exposição ao MAI pedindo uma sindicância à Câmara.

Porém, contrariamente ao que sucedeu em Pinhel e Covilhã (ou por isso mesmo?) Castelo Branco não vai ser, pelo menos para já, alvo de qualquer sindicância, pois tudo indica que o pedido foi, espantosamente, arquivado.

Vejamos.

No dia em que Mário Soares visitou Castelo Branco — 28 de Maio passado — a APU recebeu uma carta da Secretaria de Estado da Administração Autárquica (a primeira cerca de um ano depois da entrega do pedido de sindicância) na qual era informada de que o Conselho Distrital havia decidido no dia 11 de Fevereiro, «por unanimidade, emitir parecer desfavorável à concretização da sindicância.»

Carta estranha, essa. Por vários motivos. Em primeiro lugar, porque não diz abertamente se o pedido foi ou não arquivado; um segundo, porque somente depois de passados dois meses e meio sobre essa reunião informa dos seus resultados; além disso, toda a gente sabe, o parecer do CD não é vinculativo e o MAI parece não ter efectuado qualquer outra diligência para aquilatar da justeza do pedido de sindicância; por fim, até hoje ainda não foram nomeados, por Conselho de Ministros como determina a lei, três dos membros do CD, pelo que a reunião de Fevereiro teve a presença apenas do governador civil e de cinco presidentes de câmaras eleitos pela Assembleia Distrital — o que pode dar razão àqueles que dizem, e não são poucos, que tal parecer apenas reflecte o pavor que todos os responsáveis por municípios têm de ver entrar pelo concelho dentro os inspectores do MAI...

A acrescer a tudo isto há ainda o facto de a APU ter pedido ao governador civil uma acta da reunião do CD e ter visto o seu pedido recusado (o governador civil disse ao «DL» que a lei a tal não o obriga); e o comportamento, alegre e feliz, do presidente da Câmara, César Vila Franca, do PSD, que não esconde o seu regozijo e afirma a toda a gente que o pedido de sindicância foi mesmo arquivado.

Chegados aqui, as perguntas que todos fazem: não seria mais curial que, se dúvidas e queixas existem, tudo fosse esclarecido? Afinal quem tem medo da sindicância? E por que razão os eleitos da APU, com o apoio, sincero ou não, dos vereadores do PS, apresentaram esse pedido de sindicância? Foi apenas porque estavam mal dispostos e resolveram fazer uma gracinha ou, pelo contrário, há indícios sérios de «graves irregularidades, má gestão, negligência, incúria, actos prepotentes do presidente da Câmara», para não falarmos já da corrupção que, no dizer daqueles que pediram a sindicância, «não só entrou nos actos da Câmara como se tornou um factor decisivo para as suas decisões»?

O melhor, certamente, e já que não há relatório de sindicantes, será dar uma vista de olhos pela exposição enviada em 31 de Julho do ano passado ao MAI.

Loteamentos, claro...

Comecemos pelos loteamentos. Os signatários da exposição não estão com meias medidas: começam logo por dizer que «todos os loteamentos e planos de pormenor aprovados pela Câmara de Castelo Branco estão feridos de ilegalidade, pois não existindo Plano Geral de Urbanização aprovado superiormente, não foram enviados para a Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico para aprovação.» Depois relatam com pormenor dois casos que consideram dos mais significativos — loteamentos em nome da família Pires Marques e em nome de Silva Ferreira & Henriques — e concluem:

«Julgamos os dois casos acima expostos bem esclarecedores do modo como é gerida a Câmara Municipal de Castelo Branco e de como se canaliza para alguns munícipes avultadas quantias do erário municipal, pelo que não iremos fazer muitas referências concretas a muitos outros casos que envolvem: o interesse de técnicos camarários em construções e compras de terrenos, aproveitando a sua situação profissional; as dificuldades criadas à aprovação de projectos, sem que haja razão legal que o justifique; informações diferentes sobre o número de andares que é permitido construir em determinados locais, consoante a «cara» do construtor, prestadas pelos serviços camarários e com a conivência do presidente da Câmara; projectos onde se não respeitam as mínimas formalidades legais.»

Filhos e enteados

Passemos agora aos títulos de dívida. O documento que estamos a citar diz que «uma análise, mesmo breve e sumária, das Declarações de Dívida emitidas pela Câmara de Castelo Branco para desconto bancário, é mais do que indiciária de má gestão, incúria, negligência, incompetência, prodigalidade que, a serem praticados na gestão do património pessoal, davam certamente azo a uma acção de interdição, por irresponsabilidade. Isto, claro, porque quanto à corrupção é à sindicância que o compete declarar...»

Será mesmo assim?

Bom, a acreditar nos autores da exposição, «desde 1980 que o presidente da Câmara começou a emitir declarações de dívida como forma de pagamento de despesas não orçamentadas, o que, por si só, constitui grave violação. Note-se que o pagamento dos juros destas declarações também não aparecem nos orçamentos enviados à Assembleia Municipal para apreciação.»

Mais: «Essas declarações, na sua generalidade, foram decididas pelo presidente à revelia do executivo, apresentando-as depois como facto consumado à Câmara a que preside.»

Assim, «o montante das declarações de dívidas no final de 1983 ultrapassava os 170 mil contos, dos quais 58 mil contos respeitam a declarações emitidas a partir de Setembro de 1982, por decisão pessoal do presidente do executivo e de que a Câmara só na sessão de 22 de Dezembro de 1982 tomou conhecimento! (note-se, em data posterior às eleições autárquicas de 82)».

Como se isto não fosse já de si suficientemente grave, acontece que — sempre no dizer dos eleitos da APU — «também a gestão da dívida é feita não por critérios de gestão corrente, mas por critérios dominados pelo compadrio e por critérios de natureza pessoal, despidos de todo e qualquer bom senso ou senso comum». E em socorro desta tese apontam de seguida dois casos: a dívida da Câmara à Celpur, de Maio e Junho de 82 e de valor superior a 1.338 contos (incluindo juros), que em Fevereiro de 84 continuava a aguardar liquidação apesar da data de vencimento ser em 31 de Dezembro de 83, enquanto as declarações de dívida a Maria José Mota, casada com o funcionário Carlos Candeias (membro do PSD, o partido do presidente), no montante de 789 contos, relativas a tintas sem concurso ou qualquer deliberação camarária, foram pagos na data prevista, 30 de Março de 84.

«É tal a prepotência do presidente da Câmara que até os credores se podem dividir em filhos e enteados» — assim termina este capítulo da exposição...

Admissões, promoções e processos

Um outro ponto em que se baseia o pedido de sindicância — e que é conhecido de toda a gente em Castelo Branco, sendo alvo da chacota e das conversas de café — refere-se à política de pessoal seguida pelo presidente.

Quanto a admissões, o escândalo não tem limites: de 1 de Janeiro de 80 até Junho de 82 o número de trabalhadores do quadro e eventuais por contrato passou de 346 para 457 (mais 111) sem qualquer concurso, por decisão pessoal do presidente e sem conhecimento dos vereadores... E desde essa data até agora, upa, upa, a base de apoio do presidente continuou a aumentar...

Quanto a promoções, claro, óbvio, os amigos sobem que nem flechas. «Os favores pa-gam-se» diz-se à boca cheia. E o curioso, segundo afirmações proferidas pelos eleitos da APU, é que o próprio presidente reconheceu as ilegalidades de muitas dessas promoções... «mas a sua arbitrária concepção do exercício do cargo leva-o a considerar supridas as ilegalidades».

De resto, e conforme consta da acta da sessão da Câmara de 30 de Julho de 80 — altura em que o presidente propôs a promoção de um elevado número de trabalhadores em condições ilegais — o próprio chefe da secretaria referiu algumas ilegalidades a que o presidente não ligou importância.

Um dos ilegalmente promovidos foi o eng. tec. João Manuel Pereira Venâncio, que em Julho de 82 foi nomeado instrutor de um processo disciplinar mandado instaurar ao trabalhador António dos Santos Peres, que foi suspenso. «Os muitos afazeres, certamente não camarários, do instrutor» — lê-se na exposição — «levaram-no a prolongar a instrução do processo e a suspensão do trabalhador. Passados 17 meses (!), o processo continuava por terminar, o trabalhador continuava suspenso... acabando este por pedir a demissão». E por aqui ficamos quanto a processos, que estão longe de se esgotar neste caso.

Milhares por um projecto

Ora bem: o pedido de sindicância refere ainda muitos outros aspectos do que tem sido a vida da Câmara de Castelo Branco: desde a compra de materiais (o presidente não promove qualquer concurso para a aquisição de materiais, nem sequer propõe ao executivo a sua compra, mesmo que sem concurso — e isto desde 1980!), passando pela aquisição de máquinas usadas em condições pelo menos estranhas, até às relações com as freguesias (com contas bem pouco claras pelo meio), de tudo os signatários do documento apresentado ao MAI dão conta em pormenor, na tentativa, até agora vã, de mostrar a necessidade de uma inspecção ou de uma sindicância.

Dois casos, porém, merecem um pouco mais de atenção. Refiro-me ao projecto da estrada Ladoeiro-Monforte e ao famoso projecto da construção na Rua Conselheiro Albuquerque.

No primeiro caso trata-se de uma estrada que liga a freguesia de Monforte da Beira, do concelho de Castelo Branco, à freguesia do Ladoeiro, do concelho de Idanha-a-Nova. É uma estrada nacional, portanto da responsabilidade da Junta Autónoma das Estradas.

De acordo com a exposição da APU «a 17 de Março de 82, por ordem individual do presidente da Câmara, foram pagos 2.000 contos ao eng. José António Afonso Calmeiro, funcionário dos Serviços Municipalizados da Câmara de Castelo Branco, por um projecto por si elaborado para a dita estrada» (apenas como informação refere o documento que a Câmara de Idanha-a-Nova pagou ao mesmo funcionário mais de 2.000 contos pela sua parte no mesmo trabalho...).

Ora, entre outras, dizem os eleitos da APU terem-se verificado as seguintes ilegalidades: não houve deliberação do executivo para a elaboração do dito projecto; o funcionário em causa não pode receber dinheiro da Câmara, para além do seu vencimento e subsídios a que por lei tem direito; o executivo desconhecia ainda (na data em que o documento foi elaborado) o projecto pelo que é inteiramente legítimo perguntar: haverá projecto(?); o dito projecto, se existe, não tem execução legal, já que é da competência do Poder Central, através da J.A.E..

O caso da Rua Conselheiro Albuquerque

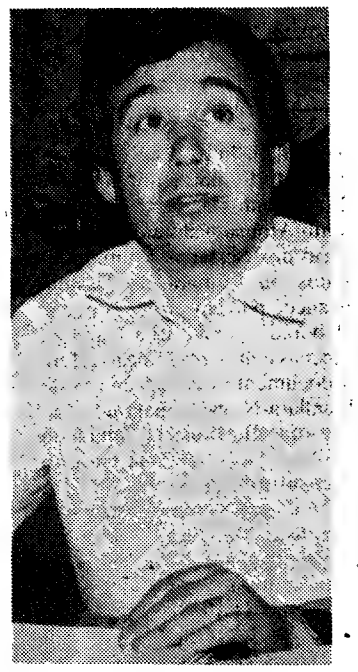
Deliciosa, é, sem dúvida, a história da Rua Conselheiro Albuquerque, de que toda a gente fala em Castelo Branco.

Tudo começou — e passamos a citar o documento que vimos referindo — «quando, com a justificação de que se tornava necessário definir o número de andares a permitir edificar na Rua Pedro da Fonseca, a repartição técnica encarregou o seu técnico principal, eng. téc. João Manuel Pereira Venâncio, de elaborar o respectivo estudo.

Na cidade de Castelo Branco, as histórias que se contam não têm fim

(conclusão)

inspectores?



César Vila Franca, presidente do município: com alívio e regozijo, garante que de sindicâncias nem sombra

Para o cruzamento daquela rua com a Conselheiro Albuquerque, propunha, o ilegalmente promovido técnico prîncipal Venâncio, uma zona verde...

Perante as dúvidas da câmara sobre a proposta de uma zona verde onde estava construída uma casa, argumentou o eng. Venâncio que se tornava necessário «descongestionar a população»... E a câmara aprovou o estudo.

No entanto, como a casa do gaveto das ruas citadas fosse um bom local de construção, vários foram os munícipes que se dirigiram à câmara para saber das possibilidade de ali construir um imóvel. Que não, que era zona destinda a jardim, a fim de «descongestionar a população»... E os eventuais compradores do imóvel procuraram outros locais de construção.

Surpreendentemente, sem que a câmara tivesse comprado «a casa da Rua Conselheiro Albuquerque» para ali colocar uma zona verde, a casa, sem quàlquer licença, começou a ser demolida, pois tinha sido vendida, segundo projecto entrado na câmara, a «Aurélio Martins e outros», sendo que os outros eram o largamente referenciado nesta exposição, eng. téc. João Venâncio e o funcionário municipal Carlos Candeias, casado com. Maria José Mota, ambos referenciados igualmente neste documento (caso das tintas).

A emenda que o presidente Vila Franca imaginou para este caso — dizem os signatários do pedido de sindicância — «é, como sempre acontece nestas circunstâncias, pior que o soneto...»

«Na acta da sessão de câmara de 16 de Abril de 84 aparece a aprovação de um projecto de construção de um imóvel no gaveto citado, sem que o assunto tenha sequer sido ventilado na sessão é sem que no estudo de pormenor elaborado pelo referido técnico principal Venâncio houvesse alteração da zona verde para um imóvel.» Isso aconteceu apenas no dia seguinte ao da aprovação da construção, através de um despacho «presidencial» datado de 1 / de Abril de 84!...

Sindicâncias e ricochetes

Ora bem: chegados aqui o mínimo que se pode dizer é que a situação em Castelo Branco está longe de ser límpida. E os esforços que fizemos para um esclarecimento do que na verdade se passa também não se mostraram... muito esclarecedores.

Os eleitos da APU com quem falámos continuam a afirmar não conhecer os fundamentos do parecer desfavorável à conscretização da sindicância emitida pelo Conselho Distrital, que além de mais, dizem, não existe legalmente porque está incompleto.

O Governador Civil, esse limitou-se a dizer que tudo está conforme com a lei, que a reunião do Conselho Distrital foi perfeitamente legítima, que não tem nada que dar uma fotocópia da acta da reunião e que a decisão quando é sindicância pertence ao MAI.

No MAI, ou melhor, na Secretaria de Estado da Administração Autárquica, chegámos à fala com o chefe de gabinete de Helena Torres Marques que, de um modo simpático e polido, nos informou daquilo que já sabíamos: o teor do ofício enviado à APU. Quanto ao resto, também não soube esclarecer se efectivamente o pedido de sindicância estava ou não arquivado. Limitou-se a dizer que ninguém melhor do que o Conselho Distrital — «eles é que estão lá em cima e tudo conhecem» — poderia pronunciar-se sobre as razões que haviam levado a tal parecer. De qualquer modo sempre foi adiantando que os eleitos da APU, ou de qualquer outra força política, poderiam, sempre que o entendessem, pedir de novo uma sindicância, desde que trouxessem à luz do dia outros pormenores, bem entendido. «Vendo bem as coisas» — esclareceu — «uma sindicância pode ser desencadeada a qualquer momento e não faz sentido falar na possibilidade de estar ou não arquivada».

Quanto aos vereadores do PS que em 28 de Setembro de 84 enviaram uma carta ao MAI manifestando a sua estranheza e mesmo apreensão pelo facto de nessa data ainda não ser conhecida a decisão ministerial relativo ao pedido de sindicância apresentado pela APU (pedido que tinha o seu apoio e acordo), nada disseram até ao momento, sendo cada vez maiores os rumores de que qualquer inquérito em Castelo Branco não atingiria apenas as gentes do PSD, mas faria igualmente ricochete no PS...

Por fim, e quanto ao presidente da câmara, César Vila Franca: quando por Castelo Branco andámos, não foi possível contactá-lo pois encontrava-se a acompanhar a visita ao concelho feita pelo Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares. Depois, algumas tentativas telefónicas para chegarmos à fala foram baldadas. O que se compreende: um presidente tem sempre muito que fazer. Paciência.

Seminário internacional sobre educação musical na Gulbenkian

Com uma manhã marcada pela actividade da Academia dos Amadores de Música, decorre hoje no Auditório II da Fundação Gulbenkian o segundo dia do Seminário Internacional sobre Educação Musical-Música no Ensino Especial, promovido pela Associação Portuguesa de Educação Musical.
A primeira comunicação da manhã coube à arquitecta Elizabete Évora Nunes sobre o tema «Algumas achegas da relação espacio-temporal na educação estética» seguiu-se a comunicação de Maria Teresa Ferreira de Macedo, «A formação musical nas escolas profissionais de música», após o que jovens alunos da Academia dos Amadores de Música executaram um miniconcerto.

Ainda integradas no programa desta manhã foram as comunicações da Salwa Castelo Branco, «A música extra-europeia e popular na educação musical», e de Maria Helena Correia, «A educação musical em países em vias de desenvolvimento».

Ao abrir ontem os trabalhos, Madalena Azeredo Perdigão, presidente da APEM, afirmou ser objectivo desta iniciativa «contribuir para o desenvolvimento e aprofundamento dos estudos sobre o ensino da música no ensino em geral».

A manhã de ontem foi preenchida por três intervenções brilhantes, e um não menos brilhante miniconcerto, (os miniconcertos fazem parte do programa do seminário até à próxima sexta-feira) pelo Coro da Câmara de Lisboa, dirigido por Teresita Gutierrez Marques.

A primeira das intervenções coube a João de Freitas Branco, professor do Departamento de Ciências Musicais da Universidade Nova de Lisboa, que abordou o tema «Por uma reformulação da disciplina de Estética Musical».

Começou por acentuar a discrepância entre estética musical e o que se ensina em disciplinas com tal nome em escolas de vários países e de vários graus de ensino. Dum modo geral, frisou, dão-se tópicos da História da Estética e da Estilística, em detrimento da «Estética tout-court».

Defendeu a integração da Estética, nomeadamente a estética musical, que considerou a porta de abertura por excelência àquela disciplina, desde o ensino infantil e pré-primário até ao superior. Acentuando que esse ensino deve começar por privilegiar os aspectos da espontaneidade, sensibilidade, em detrimento do normativo e do dogmático, considerou que a disciplina de Estética e, em sua opinião, no ensino superior, o complemento formativo mais compensador das formações especializadas, sobretudo, as adquiridas nos cursos de tecnologia.

João de Freitas Branco terminou a sua intervenção resumindo esquematicamente aquilo a que chamou a sua proposta de «operação estética»: 1.º uma descoberta e invenção de valores desde a infância, simultaneamente com uma prática de valoração livre, em espontaneidade individual; 2.º desenvolvimento aos níveis etários subsequentes, em articulação com matérias de história e estilística, mas sem redução a estas; 3.º assimilação essencial dos mecanismos da cadeia PIRA e dos significados axiológicos estabelecidos, dentro do mesmo espírito de abertura, de criatividade e, portanto, de defesa contra o preconceitual; 4.º no ensino profissional, conservatorial e universitário, mais nítida demarcação da disciplina em relação às de história e de estilística; 5.º habilitação de professores de todos os graus de ensino genérico e específico-profissional, bem como de críticos e outros publicistas musicais; 6.º em todos os casos e incidências, oposição ao dogmático, ao estereotipado, ao julgar logo a manifestação artística em vez de ganhar algo dela.»

«Isto — acrescentou — com base na convicção de que a Grande Estética e, em especial, nos parâmetros deste encontro, a Grande Música, continua a facultar o mais autêntico conhecimento, a mais perfeita comunhão entre seres humanos e, o que é mais, de cada qual consigo mesmo(...)».

Finlândia: 700 festivais em três meses de Verão

A João de Freitas Branco seguiu-se a comunicação de Ellen Urho, directora da Academia Sibelius, sobre «O lugar na música na Finlândia do jardim infantil à universidade».

Ellen Urho começou por afirmar que o grande desenvolvimento da música que se verifica nos últimos anos no seu país não teria sido possível sem a remodelação antecedente do sistema da educação musical.

Para os participantes portugueses no seminário a comunicação de Ellen Urh foi eficaz, particularmente pelo modo conciso e directo com que, através de esquemas, diaporamas, números, etc, transmitiu uma panorâmica da música no seu país, e, depois, pelo efeito esmagador de certos números, sobretudo se os compararmos com a nossa penúria. Registemos alguns: com 4,5 milhões de habitantes (cerca de metade da população portuguesa), a Finlândia anima-se nos três meses de Verão em que o Sol nunca se põe, (a «Midsummer night»), com nada mais nada menos que 700 festivais de música por todo o país. Possui cerca de 20 orquestras sinfónicas profissionais e semiprofissionais, às quais se juntam as amadoras e 1500 agrupamentos corais. A educação musical é compulsiva dos 7 aos 15 anos (correspondendo, portanto, ao nosso ensino básico e unificado) e optativa nos quatro anos subsequentes. Para quem quer seguir formação profissional, dispõe de sete conservatórios e a academia Sibelius que possui estatuto universitário. Nesta academia e em cinco universidades se faz o trabalho de investigação científica em música.

Seguiu-se a comunicação da professora da universidade de Montpellier Jacqueline Verdeau-Paillés, também médica-chefe do sector psiquiátrico de Carcassonne, cujo tema foi «Aproximação metodológica em Musicoterapia». A sua exposição foi já dirigida a especialistas pela pormenorização dos dados e terminologia, mas importa saber que a musicoterapia se aplica a pessoas de todas as idades e a sintomas como angústia, ansiedade, instabilidade, apatia, entre outros.

Central fica instalada na Guarda

Excrementos de galinha vão dar electricidade

A maior central de energia da Europa à base de excrementos de galinha vai começar a ser instalada nos finais de Julho na Guarda, apurou a NP.

O contrato para o início do empreendimento foi assinado ontem em Lisboa entre uma empresa de construção civil e a proprietária de um aviário de meio milhão de galinhas, na Guarda.

A central de quatro grupos geradores tem uma estimativa de produção anual na ordem dos 4 milhões e 500 mil kws.

Cerca de 700 mil kws destinam-se anualmente à exploração do aviário, e os restantes 3800 serão debitados na rede da «EDP», fornecimento para o qual já existe um contrato de auto produção de energia.

Para além da sua transformação em energia, os excrementos de galinha, mediante o sistema que será instalado na Guarda, proporcionarão uma proteína equivalente a onze toneladas de milho por dia.

Esta proteína é incluída em rações para a alimentação das galinhas.

O projecto, que está orçado em 350 mil contos foi já enviado pelo Ministério da Indústria e Energia para Bruxelas, a fim de ser contemplado com um financiamento da CEE ao abrigo das ajudas de pré-adesão.

Os secretários de Estado da Energia e do Orçamento assinaram já, por outro lado, um despacho conjunto atribuindo um subsídio governamental de cerca de 56 mil contos para início das obras da nova central energética.

Este subsídio foi concedido a fundo perdido de acordo com a legislação nacional que define os esquemas de apoio aos consumidores de energia.

O complexo da Guarda, onde será instalada a central, possui, além do aviário de meio milhão de galinhas, uma fábrica de rações, estando já projectada a construção de uma indústria de papel para fornecimento de caixotes de cartão para embalagem de ovos.

Para reavivar laços de cooperação

Faro e Tânger celebraram acordo de geminação

As cidades de Faro, no Algarve, e de Tânger, no Norte de Marrocos, celebraram ontem um acordo de geminação que se propõe reavivar «os laços de cooperação e aproximação».

A carta de geminação foi assinada no decorrer de uma sessão solene no salão nobre da Câmara Municipal pelo presidente do município, Negrão Belo, e pelo presidente do Conselho Municipal de Tânger, Derham Dahman.

A geminação foi patrocionada pela Federação Mundial das Cidades Unidas e pela Organização das Cidades Árabes, dadas «as excelentes relações que existem e ligam o reino de Marrocos e a República Portuguesa».

O documento assinado em Faro diz que a geminação tem por base «a analogia geográfica das duas cidades, o carácter positivo das actividades desenvolvidas em ambas nos sectores económico, turístico, social e cultural».

Tânger é uma das principais cidades de Marrocos, com uma população de 300 mil habitantes, cerca de seis vezes mais que a cidade do Algarve.

A cidade marroquina constitui um pólo industrial e uma importante zona turística, com uma capacidade hoteleira da ordem das 12 mil camas.

Ali Agca em tribunal

O terceiro homem e a segunda arma

Com o andar das semanas, torna-se cada dia mais evidente que o atentado cometido contra o Papa João Paulo II, na Praça de São Pedro, em Roma, no dia 3 de Maio de 1981 tem duas pistas internacionais: os «Lobos Cinzentos» (turcos) e a República Federal da Alemanha, país-chave da actuação daquele grupo. Não se trata — nem isso está em causa — de implicar directa ou indirectamente a República Federal da Alemanha, constatação dos factos indica que o atentado teve como eixo a organização extremista fascista turca, «Lobos Cinzentos» na RFA: só isso.

Um elemento novo interferiu agora em todo o processo — a prisão na Holanda no passado mês de Maio de um outro «Lobo Cinzento», também ele provindo da República Federal da Alemanha — Ahmed Samet. Esse jovem, que, no dia 13 de Maio de 1985, se dispunha a atentar contra a vida do Papa durante a visita de João Paul II à Holanda, era portador de uma Browning de 9mm pertencente ao lote que os «Lobos Cinzentos» adquiriram ao austríaco Gillmayer, uma das quais serviu a Ali Agca.

Confrontado com a foto de Samet no Tribunal de Roma, Ali Agca respondeu: «Pode ser que o conheça, pode ser que não». Mas o pai de Ahmed Samet declarou textualmente ao jornal turco «Milliete»: «O meu filho deu abrigo em sua casa várias vezes a Ali Agca».

Numa audiência da semana passada, Ali Agca confirmou também ter sido escrita por ele uma carta dirigida à Embaixada dos EUA em Roma na qual o terrorista ameaça os EUA de «começar a falar». A carta foi transcrita pela primeira vez há meses pelo jornal italiano «La Republica» e tem sido pouco referida, nas sínteses que se fazem sobre o caso Ali Agca.

Neste momento, o tribunal presidido pelo juiz Severino Santiapichi investiga a identidade do terceiro homem (que se encontrava na Praça de São Pedro no dia 13 de Maio de 1981) e procura apurar se existia ainda um «quarto homem», suspeita que as autoridades judiciais italianas alimentam.

Em anteriores depoiamentos Agca idenficara o terceiro homem como Akif. Ontem, perante a insistência do juiz, Ali Agca irritou-se e acabou por dizer que se tratava de mais um «Lobo Cinzento», com quartel-general também na RFA, agora extraditado na Turquia, chamado Omer Ay. O nomes deste terrorista teria sido dito a Agca, segundo este disse ontem, por outro «Lobo Cinzento», vivendo na RFA, Yalcin Oezbey, a quem Agca teria pedido mais um elemento para o acompanhar na sua acção terrorista de Roma.

O depoiamento de Ali Agca foi contraditório, marcado por incoerências, acessos inesperados de irritação, e reafirmações de que ele, Agca, é Jesus Cristo. Ali Agca disse que sabe fazer ressuscitar cientificamente qualquer morto porque o «Vaticano diz a verdade absoluta de que eu sou Jesus Cristo». E acrescentou, falando no italiano que a Camorra lhe ensinou na cadeia: «Não sou falso. Não sou louco. Esta última geração da humanidade será destruída em breve».

O desastre do "Jumbo" da Air India

Buscas para encontrar corpos e a caixa negra

Uma busca no mar está hoje a ser feita para tentar encontrar mais corpos de vítimas da queda de um avião indiano ao largo da Irlanda, depois de as autoridades terem dado por terminadas as buscas aéreas.

O avião despenhou-se no domingo com 329 pessoas a bordo e as autoridades consideram não haver sobreviventes. Até agora apenas foram encontrados 131 corpos.

As buscas que hoje estão a ser efectuadas têm igualmente como objectivo encontrar a «caixa negra» do avião, um Boeing 747, para ajudar a determinar a causa da queda.

A «caixa negra» poderá estar a 2000 metros de profundidade, o que impossibilita a acção dos mergulhadores do navio britânico «Challenger», que se encontra no local. Mas as autoridades estão a preparar um minisubmarino capaz de atingir tal profundidade.

Um membro do departamento irlandês das Comunicações, Vincent Feehan, disse que as gravações jazem a 2 mil metros sob a água do mar a 150 milhas da costa Sudoeste da Irlanda. O avião voava do Canadá para a Índia quando se despenhou.

Especialistas da aviação, disseram que as provas sobre o acidente indicam que uma bomba teria explodido e o governo indiano dá crédito a informações de que extremistas sikhs teriam sabotado o aparelho.

Um médico britânico que examinou os 39 cadáveres já recolhidos afirmou: «Os corpos estão na generalidade intactos — bastante esmagados e quebrados mas constituindo uma só peça».

Entretanto, a polícia japonesa solicitou auxílio da Interpol para provar a eventual ligação terrorista entre o desastre do Boeing 747 indiano e a explosão de um contentor de bagagem no aeroporto Maritade, Tóquio.

A polícia japonesa está preparada para enviar agentes para o Canadá para descobrir alegadas ligações entre os dois incidentes.

A explosão no aeroporto de Narita matou dois bagageiros e feriu quatro outros.

As autoridades indianas admitem que dois sikhs procurados pelo FBI poderão estar envolvidos nos dois acontecimentos.

A Real Polícia Montada Canadiana confirmou que estava a procurar pistas sobre os dois incidentes entre a comunidade Sikh do Canadá, mas que não comentaria as notícias de que os mesmos poderiam ser ligados a uma alegada tentativa para matar o primeiro-ministro indiano, Rajiv Gandhi, durante a sua visita aos Estados Unidos no mês passado.

Moçambique co dez anos de indo

Todos os chefes de Estado e governo dos países membros da Linha da Frente chegaram ontem ao Maputo, convidados pelo presidente moçambicano para as comemorações do décimo aniversário da independência, que hoje se comemora.
Em aviões que fizeram aterragens seguidas, com curtos intervalos, chegaram nomeadamente o presidente de Angola, José Eduardo dos Santos, o presidente da Zâmbia, Kenneth Kaunda, do Botswana, Quett Massire, e da Tanzânia, Julius Nyerere, e o primeiro-ministro do Zimbabwe, Robert Mugabe.

Todos os líderes dos países membros da Linha da Frente foram recebidos, à sua chegada, pelo presidente Samora Machel e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano, acompanhados pelas suas mulheres e por outros membros do governo e do Partido Frelimo.

Também já chegou a delegação portuguesa às comemorações, composta pelo ministro da Cultura, Coimbra Martins, e pelo secretário de Estado da Cooperação, Eduardo Ambar.

Delegações da França, Saara Ocidental, URSS, Irão, Iraque, Checoslováquia, RDA, Bulgária e Nigéria chegaram também ontem.

Na sua mensagem à nação comemorativa desta data, o presidente Samora Machel afirma que «a agressão contra Moçambique não derrotou o governo da FRELIMO, nem conseguiu fazer participar os bandidos armados no governo da FRELIMO».

«Queriam que partilhássemos o governo com os colonos, com os estrangeiros» acentuou Samora Machel.

«Com eles o único diálogo possível é o das armas».

Foi esta uma resposta solene do chefe do Estado moçambicano e presidente do Partido FRELIMO às sucessivas propostas da Renamo segundo as quais a guerra só acabará se a FRELIMO partilhar o governo com os rebeldes.

Na sua mensagem à nação, Samora Machel historiou a luta da FRELIMO até chegar à independência e analisou o que foram estes dez anos de luta para a construção do país

Chiitas libertados queixam-se de maus tratos

Xiitas libaneses libertados ontem da cadeia de Atlit, em Israel, queixaram-se de espancamentos e torturas na prisão.

Os trinta e um homens vestidos de negro reuniram-se às famílias em Tiro, 80 quilómetros a sul de Beirute, depois de Israel os ter entregado à Cruz Vermelha Internacional em Biyada, a norte da fronteira israelo-libanesa, dentro da zona-tampão controlada pelo Exército do Sul do Líbano, apoiado pelos israelitas.

Daí seguiram de autocarro para Tiro, seguidos por dezenas de iarros com pessoas que esperavam que familiares seus se encontrassem entre os libertados.

À chegada, os libertados foram recebidos com gritos de «Deus é Grande» e um serviço religioso.

«Bem-vindos à terra de Musa Sadr, à terra dos combatentes que derrotaram Israel e a forçaram a retirar», disse um comandante da milícia xiita Amal.

Musa Sadr era o líder religioso xiita desaparecido em 1978 na Líbia.

Maus tratos e torturas, como estar de pé durante quatro dias com as mãos atadas atrás das costas, foram contados pelos libertados.

Os sequestradores dos cerca de 40 passageiros do avião da TWA desviado há mais de uma semana para Beirute exigiram a libertação dos mais de 700 xiitas detidos em Atlit, antes de libertarem os reféns.

Fim do cerco

A Polícia libanesa ocupou hoje três campos de refugiados de Beirute, pondo fim a um cerco de cinco semanas que forças xiitas impuseram a palestinos — revelaram fontes de segurança.

Unidades paramilitares das Forças de Segurança Interna (FSI) entraram nos campos de Sabra, Shatilla e Bours Al-Brajneh. Esta força de dissuasão integra entre 70 a 100 homens, cerca de 50 deles destacados para Sabra e Shatilla.

Pelo menos 635 pessoas foram mortas, 2500 foram feridas e centenas ficaram sem abrigo durante os ataques lançados pela milícia xiita Amal e por soldados do Exército libanês com o objectivo de impedir o renascimento do poder palestino no Líbano.

Os xiitas, exigindo que os palestinos depusessem as armas, capturaram Sabra e Shatilla, mas não conseguiram penetrar em Bury Al-Brajneh, o campo maior e mais defendido.

A presença da Polícia nos campos faz parte de um acordo de paz assinado, há uma semana, pela Frente de Salvação Nacional Palestina, pela milícia xiita Amal e por partidos de esquerda libaneses, com a mediação da Síria.

Os jornais de Beirute referiram que o líder da Milícia Amal, Nabih Berri, e o dirigente druso, Walid Jumblatt, viajarão hoje para Damasco a fim de debater meios de melhorar a segurança na capital libanesa.

Cossiga é o novo presidente da Itália

O democrata-cristão Francesco Cossiga, antigo primeiro-ministro por duas vezes e actual presidente do Senado, foi ontem eleito novo presidente da Itália no primeiro escrutínio de uma votação transmitida em directo pela televisão.

Cossiga sucedera ao socialista Sandro Pertini, 88 anos, em 7 de Julho, para um mandato de sete anos como oitavo presidente da República.

Com 56 anos, é o presidente mais jovem eleito para aquele posto predominantemente protocolar.

A Câmara de Deputados irrompeu em aplausos quando Cossiga obteve a necessária maioria de dois terços dos votos. Fora apoiado por todos os principais partidos, incluindo os comunistas, da oposição.

Cossiga foi o primeiro homem a ser eleito presidente da Itália no primeiro escrutínio desde Enrico de Nicola em 1946.

Cossiga, que precisava de 674 votos, obteve 752. Outros candidatos receberam apenas 77 votos entre eles e os restantes foram brancos ou nulos.

O presidente comunista da Câmara de Deputados, Nilde Iotti, que supervisou a votação secreta e leu os resultados, abraçou Cossiga quando terminou a eleição.

Fontes políticas disseram que a eleição de Cossiga no primeiro escrutínio representou um triunfo para o líder democrata cristão Ciriaco de Mita, quesconsultara cuidadosamente os seus aliados na coligação governamental — socialistas, republicanos, sociais-democratas e liberais — bem como os comunistas sobre a escolha de um candidato.

Participaram na eleição 1011 «Grandes Eleitores», incluindo senadores, membros da Câmara de Deputados e representantes das 20 regiões do país.

A propósito dos reféns de Beirute

Weinberger diz que c "uma nova guerra"

O secretário da Defesa dos Estados Unidos, Caspar Weinberger, qualificou ontem a tomada de reféns norte-americanos em Beirute como o início de uma guerra.

O responsável norte-americano rejeitou ainda uma exigência do líder xiita libanês, Nabih Berri, para que as forças navais dos Estados Unidos se afastassem da costa libanesa.

Weimberger observou que o movimento destas forças para a vizinhança do Líbano deve ser encarado como movimento militares em tempo de guerra. É isto que temos vindo a dizer».

A espionagem norte-americana sabe «muito bem quem são os terroritas» que assaltaram o voo 847 da TWA há mais de uma semana, sublinhou Weinberger.

O secretário da Defesa pareceu contudo pôr de parte qualquer opção de acção militar imediata ou de retaliação, pois isso poderia resultar em violência sobre civis inocentes.

Caspar Weinbergerg ficou a um passo de chamar terrorista a Berri, afirmando que o líder chiita Amal «identifica-se como uma pessoa que está no controlo da situação, pelo que se entende que não só conhece como tem contactos com os terroristas, e fala em nome deles».

O secretário da defesa fez as declarações em entrevista às quatro redes norte-americanos de Televisão.

Por sua vez, o vice-presidente dos Estados Unidos, Geordge Bush, disse em Roma que a queda do Jumbo da AIR India «abalou a consciência do mundo» e explicou que o presidente Reagan o incumbiu de formar uma força especial de combate ao terrorismo.

Falando numa conferência de Imprensa depois de ter conferenciado com líderes italianos e com o Papa, Bush reafirmou energicamente a recusa da sua Administração em solicitar a Israel a libertação de presos em troca pela liberdade dos 40 reféns norte-americanos de Beirute.

George Bush, que chegou domingo à noite a Roma na primeira escala de uma digressão por sete nações europeias, disse desconhecer a causa do desastre que no domingo matou 329 pessoas a bordo do avião indiano ao largo da costa irlandesa, mas notou que têm sido feitas recentemente ameaças ao primeiro-ministro indiano, Rajiv Gandhi.

Dois grupos extremistas sikhs reivindicaram nos Estados Unidos responsabilidade pela colocação de uma bomba no avião.

Un se p to

comemora independência

e do Estado. Dez anos em que a paz esteve sempre ausente do povo moçambicano.

Primeiro foi a guerra da Rodésia contra Moçambique, aquando da independência do Zimbabwe e, logo a seguir, os assaltos constantes da RENAMO contra alvos civis e militares moçambicanos.

Para Samora Machel, no entanto, «a agressão contra o nosso país não abalou os princípios essenciais da revolução socialista em Moçambique».

Depois de indicar as várias fases da luta do povo moçambicano, Samora falou da libertação do Zimbabwe, aludindo de seguida ao significado da independência de Moçambique.

A guerra que é movida contra Moçambique, somada a calamidades naturais que temos enfrentado nestes últimos anos, constitui a causa principal dos graves problemas que vivemos, frisou o presidente.

Samora Machel identificou esses problemas como a escassez generalizada de bens essenciais, em virtude da diminuição da produção em grande número de sectores, pelo declínio das exportações e do rendimentos dos serviços e consequente agravamento das condições de vida e do povo».

Samora Machel passou depois a enumerar algumas das conquistas entre as quais salientou a liquidação do racismo e tribalismo.

No nosso país todos são iguais, independentemente da raça, cor ou religião, acrescentou.

Referiu ainda a explosão escolar que aumenta cada vez mais o facto de os professores já serem neste momento moçambicanos, em grande maioria.

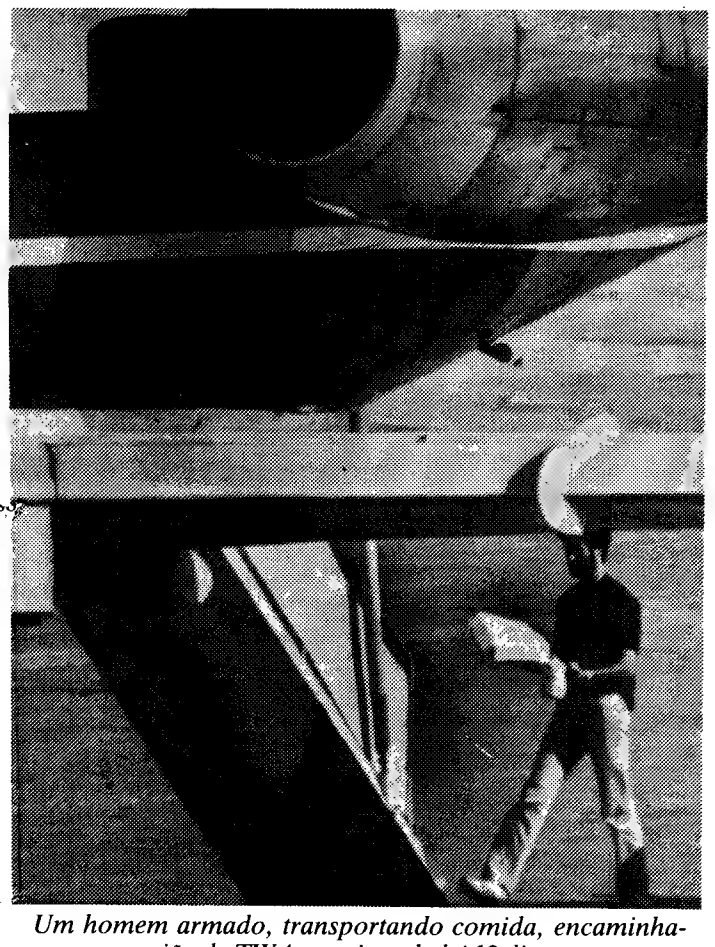
Moçambique dirige as suas próprias empresas, há engenheiros, médicos, veterinários, actores, músicos, construtores de barragens, etc., de nacionalidade moçambicana.

No contexto internacional Moçambique faz parte activa do movimento dos Não-Alinhados, colabora intensamente na OUA e em todas as organizações da ONU.

Especial menção foi feita por Samora Machel à solidariedade de Moçambique com a luta do povo da África do Sul, liderado pelo ANC, e do Povo da Namíbia, guiado pela SWAPO.

Ao terminar a sua longa mensagem, Samora Machel voltou a insistir em que tarefa principal dos moçambicanos é liquidar o terrorismo e o crime para conquistar a paz e a estabilidade.

e começou



Um homem armado, transportando comida, encaminha-se para o avião da TWA estacionado há 12 dias no aeroporto de Beirute **(Telefoto NP/"DL")**

'Discovery' regressa

Os astronautas do vaivém espacial norte-americano, «Discovery» aterraram ontem, na Base Edwards, no final de uma missão de sete dias, durante a qual levaram a cabo a primeira experiência integrada na chamada «guerra das estrelas» (Telefoto NP/«DL»)

Nicarágua em estado de prevenção

O Exército nicaraguense entrou ontem em estado de prevenção e mobilizou tanques e veículos blindados de transporte de tropas e obuses para várias zonas «nevrálgicas» da capital.

Fontes oficiais informaram em Manágua que a decisão foi tomada para reforçar a defesa do país perante uma eventual «agressão estrangeira».

Desde a madrugada de ontem que veículos militares, incluindo carros blindados, começaram a ser mobilizados em Manágua, sendo colocados em locais estratégicos, nomeadamente no aeroporto, aquartelamentos militares e Palácio Presidencial.

Entretanto, o Minisatério nicaraguense da Defesa emitiu um comunicado em que se afirma que «perante os últimos acontecimentos que ameaçam a segurança do povo nicaraguense, o Exército Popular Sandinista está a tomar as medidas consideradas adequadas para garantir a integridade e a segurança nacional».

A mobilização militar em Manágua reflecte uma outra decretadaem Outubro de 1984, quando o Exército Sandinista mobilizou grande parte das suas artilharias e tanques em locais estratégicos da capital, face aos que os dirigentes militares nicaraguenses julgaram tratar-se de uma invasão norte-americana.

Recentemente, a Administração Reagan acusou os sandinistas de darem apoio à guerrilha salvadorenha, o que o governo da Nicarágua rejeitou por considerar um pretexto para justificar uma invasão do país, como aconteceu em Granada, em 25 de Outubro de 1983.

VALE 1 BILHETE
na compra de 2 bilhetes

tearto
à espera de Godot

De Terça a Domingo às 21.30
casa de teatro do tear
rua do heroísmo, 86 · PORTO

UMA OFERTA
válida para o dia 26.06.85
recorte este anúncio e apresente-o na bilheteira

INSTITUTO DE PREPARAÇÃO PARA A UNIVERSIDADE I.P.U.

SECÇÃO DE LISBOA
Prioridade no ingresso nos cursos superiores da Universidade Livre reconhecido oficialmente paralelismo pedagógico

INSCREVA-SE JÁ

10.º e 11.º anos: áreas A, C e D
12.º anos: 1.º, 2.º, 3.º e 4.º cursos

CURSO COMPLEMENTAR DOS LICEUS
(Regime Nocturno Intensivo)
Inscrições desde 21 de Junho

Informações pormenorizadas na Secretaria
Rua Vítor Córdon, 41-47
1200 LISBOA
Telefs.: 36 88 37, 37 17 22, 37 17 23, 37 17 83 e 37 37 72

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raul Cascais 1 A
1200 Lisboa
Tel. 661515 e 669205
teatro do bairro alto

teatro da Comuscópia

RICARDO III
de
SHAKESPEARE

3.ª feira a sábado às 21 h
Domingo às 16 h.

Sinal de trânsito não é objecto decorativo. Respeite-o!

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO

COMANDO GERAL DA GUARDA FISCAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO
PARA O FUNCIONAMENTO
DE «TORRES METÁLICAS C/PÁRA-RAIOS»
— PROC.º 323/85

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de «TORRES METÁLICAS C/PÁRA-RAIOS».
2. Serão recebidas propostas até às 17h30 do dia 25 de Julho de 1985, procedendo-se à abertura às 10h00 do dia imediato, 26 de Julho de 1985.
3. O Caderno de Encargos está patente no Concelho Administrativo do Comando Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2 — 1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser adquirido ao preço de 30$00 cada exemplar.

A caução provisória a prestar será de 70 000$00.

Salários em atraso aumentam

O número de empresas com salários em atraso continua a aumentar, segundo dados apurados pela CGTP, referentes a Abril/Maio do corrente ano. Neste período, diz a central sindical, existiam 766 empresas com salários atrasados, abrangendo 104:450 trabalhadores e uma dívida de cerca de 12 milhões de contos. Este estudo refere-se apenas a seis distritos (Aveiro, Lisboa, Porto, Portalegre, Santarém e Setúbal). Embora o número de trabalhadores tenha diminuído sensivelmente, «em resultado da luta», os dados divulgados representam mais de 58 por cento de empresas devedoras, em relação a igual período do ano passado. A CGTP-IN salienta a importância da luta, como factor decisivo para o pagamento dos salários em atraso.

Regulamento de carreiras em causa

Maquinistas da CP dispostos a entrar em greve

Os maquinistas da CP estão dispostos a entrar em greve se até amanhã o conselho de gerência «não satisfazer as reivindicações dos trabalhadores» — afirmou um dirigente sindical.

Jorge Godinho, da direcção do Sindicato Nacional dos Maquinistas dos Caminhos de Ferro Portugueses disse que em causa está o regulamento de carreiras e que o prazo apresentado coincide com a próxima reunião de negociações com o conselho de gerência da CP.

«O conselho de gerência da empresa tenta impor um regulamento de carreiras criando novas categorias, em que os trabalhadores farão o mesmo trabalho por menos dinheiro» acrescentou o dirigente sindical.

Jorge Godinho sublinhou que os maquinistas lutam por um regulamento de carreiras «digno e justo para a condução ferroviária».

Machado e C.ª Lda

Os trabalhadores da Machado e C.ª Lda,. empresa metalúrgica de Arrifana, concelho da Feira, iniciaram ontem uma paralisação diária de três horas, que se prolonga até sexta-feira, repartidas por períodos intercalares de meia-hora.

Estes trabalhadores lutam pelo pagamento de salários em atraso, situação que se arrasta desde Setembro do ano passado.

Comissão pró-Sindical da PSP

A Comissão Pró-Associação Sindical da PSP convidou todos os agentes a não comparecerem às cerimónias do dia da PSP que realiza a 2 de Julho.

A Comissão afirma em comunicado que esta «é uma forma de protesto contra a falta de liberdade, de democracia e do bloqueamento do processo de legalização» da associação sindical.

Concentração amanhã junto ao ME

Delegados e activistas sindicais dos trabalhadores das escolas, jardins de infância e direcções escolares vão concentrar-se amanhã em frente do Ministério da Educação, para exigir o cumprimento do seu caderno reivindicativo. Os trabalhadores do sector pretendem também a abertura de concursos de promoção de diversas carreiras. Os trabalhadores dos Serviços da Acção Social Escolar vão juntar-se à manifestação pelos mesmos objectivos e contra a ameaça de extinção do seu quadro de pessoal e consequente integração na carreira administrativa.

A luta contra o IVA

Relativamente ao adiamento da entrada em vigor do IVA e à itenção oficial de isentar deste imposto os medicamentos e os livros a CGTP considera que constitui uma importante vitória dos trabalhadores. Em comunicado, a CGTP recordou ter sido a primeira organização a denunciar que a inttrodução do IVA «iria inevitavelmente determinar o agravamento da elevadíssima taxa de inflação existente».

«Agravaria ainda mais a injustiça fiscal já que os bens de luxo consumidos pelas classes de rendimentos mais elevados sofreriam um forte desagravamento fiscal», acrescenta o comunicado. A Inter afirma que «é preciso continuar a luta pela isenção fiscal de todos os bens essenciais à maioria da população», sublinhando que a introdução do IVA «causa também grandes problemas às pequenas e médias empresas».

Queixa contra a RTP

A CGTP-IN anunciou que vai apresentar mais uma queixa contra a RTP junto do Conselho da Comunicação Social pela sua ausência no Encontro Nacional da Juventude Trabalhadora que promoveu no sábado. A central sindical que exige a demissão do conselho de gerência da RTP diz que «a atitude da televisão é tanto mais grave quanto é sabido que estamos no Ano Internacional da Juventude».

Fila humana pela dissolução da AR

Em apoio da exigência da dissolução da Assembleia da República, uma fila humana de luta percorre amanhã a cidade de Lisboa, entre o Terreiro do Paço e S. Bento. Orgazinada pela União dos Sindicatos de Lisboa (USL) esta acção visa nomeadamente a reposição da legalidade, a resolução dos problemas dos trabalhadores, uma solução patriótica para a crise e a dissolução da Assembleia da República.

O cortejo em bicha percorrerá um longo trajecto, entre o Terreiro do Paço e S. Bento: partirá da Praça do Comércio às 14 e 30, passará pela Rua do Arsenal, Praça do Município, Rua Augusta, Rossio, Praça da Figueira, Rua D. Duarte, Martim Moniz, Av. Almirante Reis, Praça do Chile, Av. Guerra Junqueiro, Praça de Londres, Av. João XXI, Campo Pequeno, Av. da República, Av. António Serpa, Av. 5 de Outubro (concentrações frente à RTP e ao ME a partir das 17 e 30), Av. V. Valmor, Av. da República, Praça Duque de Saldanha, Av. F.P. de Melo, Praça M. de Pombal, Rua Braancamp, Largo do Rato e Rua de S. Bento, até chegar ao largo em frente da Assembleia da República.

Informação

PASSEIOS FLUVIAIS

INTEGRADOS NAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA ESTAÇÃO DO BARREIRO

A CP, com a colaboração da Câmara Municipal do Barreiro e da Associação Portuguesa dos Caminhos de Ferro (APAC), promove a realização dos seguintes passeios fluviais, com animaçaão cultural:

21 de Abril, das 15 às 17-30
19 de Maio, das 15 às 17-30
2 de Junho, das 15 às 17-30
29 de Junho, das 21 às 23-30

com origem e término no Barreiro.

Cada um destes passeios terá itinerário diferente. O passeio de 29 de Junho (nocturno) permitirá assistir ao fogo de artifício das festas da cidade.

Lotação rigorosamente limitada.

Tarifa única: 150$00.

Bilhetes à venda, a partir da antevéspera de cada passeio, nas estações de Lisboa-TP, Barreiro, Pinhal Novo e Setúbal.

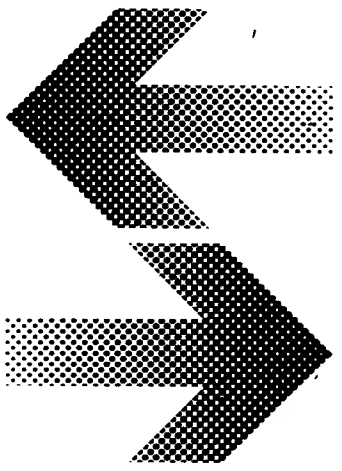
Caminhos de Ferro Portugueses

COMPRO — CARRO

A particular, económico e com pouco tempo. Contactar telefone 606282

HORÁRIO DE VERÃO 85

MAIS COMBOIOS, NOVOS SERVIÇOS.
VIAGENS MAIS RÁPIDAS, PREÇOS ACESSÍVEIS.



Novo Horário de Verão. Válido até 28 de Setembro. Mais 2 comboios directos por dia, na linha da Beira Alta. Mais 1 directo, todos os dias, na Beira Baixa, com reduções significativas nos tempos de trajecto de alguns comboios que servem esta Linha. Mais 2 comboios entre Lisboa e Faro, às Sextas-Feiras e Domingos, que lhe proporcionam ao preço de «directo», vantagens de «rápido». Isto é, menos paragens e reserva de lugar obrigatória. Novos serviços de transporte de automóveis de Lisboa para Coimbra e Mangualde, e vice-versa. Tempos de trajecto muito favoráveis. Preços extremamente acessíveis.

Aproveite as vantagens que a CP lhe oferece através do novo Horário de Verão. Informe-se nos balcões habituais.
Peça já o seu Horário de Bolso.

Comboio, a opção dinâmica.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 6.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da publicação do 2.º e último anúncio respectivo.

Execução Ordinária n.º 3308 2.ª Secção

Exequentes — Zacarias Simões Ferreira, residente em Lisboa

Executado — Bernardino José Lopes Campanha, residente em S. Lourenço, em Estremoz.

Lisboa, 14 de Maio de 1985

O Juiz de Direito,
Carvalho Pinheiro

O Escrivão Adjunto,
Fátima Valadas Campaniço

"D.L." 25/6/85 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

O DOUTOR MACHADO E MOURA, JUIZ DE DIREITO ESTAGIÁRIO DO 15.º JUÍZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA.

Faz saber que por este Juízo — 2.ª secção correm seus termos uns autos de Acção com Processo Comum Sumário, registado sob o número 7/82 em que é autora INÁCIA MENDES LOPES MARTINS NUNES e RÉ INTERNATIONAL MARKET'S SARL, residente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Latino Coelho, n.º 12-A e B em Lisboa.

E que, nos referidos autos correm éditos de trinta dias, citando a ré para no prazo de OITO DIAS, findos os dos éditos e a contar da 2.ª e última publicação, contestar querendo, aquela acção e dar cumprimento ao n.º 3 do art.º 86.º do Código de Processo de Trabalho, sob pena de ser condenada imediatamente no pedido, o qual é o constante da petição inicial, cujo duplicado se encontra no 15.º Juízo — 2.ª Secção à disposição da ré, devendo ainda no mesmo prazo, deduzir oposição ao pedido de assistência judiciária, formulada pela autora.

E, para constar se passou o presente anúncio a fim de ser publicado.

Lisboa, 2 de Abril de 1985

O JUIZ ESTAGIÁRIO
Rui Moura
A escriturária
(Ilegível)

D.L. 25/6/85 — 2.ª Pub.

Em Lisboa é só no mês de Julho

Espanha debate tratado de adesão já na próxima terça-feira

O Congresso de Deputados de Espanha inicia terça-feira o debate de ratificação do tratado de adesão à CEE, informaram fontes parlamentares em Madrid.

A jornada de terça-feira será totalmente dedicada ao debate na generalidade da lei enviada pelo Governo no passado dia 13.

O Governo utilizou o procedimento de urgência, mas não o de leitura única, pelo que o debate se prolongará por mais tempo do que o previsto.

O grupo parlamentar da oposição conservadora apresentou uma emenda com texto alternativo, mas enquanto o texto do projecto de lei governamental só tem dois artigos, a emenda da oposição conservadora incluiu oito artigos e disposições adicionais, entrando em mais pormenores.

O Partido Comunista de Espanha apresentou nove emendas parciais, uma delas a pedir uma menção expressa de que a adesão à comunidade não significa a aceitação da situação actual de Gibraltar.

As emendas parciais serão debatidas na Comissão de Assuntos Exteriores do Congresso, na quarta-feira de manhã.

O texto de ratificação do acordo entrará na sessão plenária de quarta-feira, em que se procederá à votação final, pela Câmara.

O Senado debaterá e votará a ratificação do tratado na próxima semana, depois de lhe ser enviado pelo Congresso.

A 9 e 10 em Lisboa

Em contrapartida, em Lisboa, o tratado de adesão de Portugal à CEE deverá ser, seguramente, debatido e votado na Assembleia da República antes da dissolução do Parlamento, para que apontam os contactos do Presidente no sentido de ultrapassar a crise.

O debate está agendado para os dias 9 e 10 de Julho, na previsão de que, mesmo sendo dissolvida a Assembleia, o seja só depois de ratificar o tratado. O Presidente da República perde a faculdade de dissolver a AR no dia 14. Como a votação deverá ocorrer no dia 10 aponta-se nos meios políticos para a dissolução com data de 12 ou 13, mas já com o tratado ratificado.

Se não acontecesse assim, todo o processo seria perturbado podendo, inclusive, ser posto em causa um calendário útil aos interesses portugueses, com influência negativa nos parlamentos dos países da Comunidade onde se prevêem dificuldades de ordem processual e política, como são, nomeadamente, os casos da Bélgica e da Holanda.

Como as eleições se deverao efectuar num prazo de 90 dias, logo no limite, a 14 de Outubro, com o prazo para a proclamação dos resultados e para a primeira reunião, isso significaria que só em meados de Novembro, já muito próximo do fim do ano, poderia ser agendado o debate sobre o tratado de adesão.

Recorde-se que a assinatura recente aponta a data de 1 de Janeiro do próximo ano como o da entrada oficial de Portugal na Comunidade Europeia, portanto já com as ratificações concretizadas em Lisboa e nos Parlamentos dos Dez actuais membros da CEE.

Dificuldades nos Parlamentos holandês e belga

Os parlamentos dos futuros doze Estados membros da Comunidade Económica Europeia terão, apenas três a quatro meses úteis para ratificarem o tratado de adesão de Portugal e da Espanha. A seis meses e meio do fim do ano, menos, portanto, que os novemeses considerados ideais, é necessário contar com as interrupções dos trabalhos parlamentares por ocasião das férias de Verão e do Natal. Mas se esse período pode, na grande maioria dos casos, ser considerado suficiente, para outros apresenta-se bastante limitativo sobretudo devido a dificuldades processuais. Entre esses casos encontram-se a Bélgica, a Holanda

A Bélgica tem eleições legislativas até 8 de Dezembro deste ano, facto que implica uma dissolução das duas câmaras 40 dias antes, ou seja, no mais tardar, a 29 de Outubro, apenas com 13 dias úteis no recomeço da actividade parlamentar (a 8 de Outubro) depois de umas férias de cerca de três meses.

Como esses dias úteis serão utilizados para discussões tendentes à alteração da Constituição belga, se a ratificação não ocorrer antes das férias não poderá sê-lo já durante este ano.

Para o fazer antes das férias, no entanto, os deputados belgas haviam feito saber da necessidade de disporem do texto do tratado nos primeiros dias de Junho, um objectivo que se encontra bastante ultrapassado.

Na Holanda, por outro lado, o procedimento de aprovação é particularmente lento durante o processo, desde a apresentação da proposta por parte do governo até à aprovação pelo Parlamento, nove meses nos casos considerados mais fáceis.

O único processo de obter um voto rápido passa pela utilização do procedimento dito tácito, que supõe que nenhum deputado tem questões a colocar, uma situação que é dificilmente visionável neste caso devido às implicações orçamentais.

Nos . casos citados, no entanto, admite-se que a vontade política em concretizar o alargamento seja suficiente para suplantar as dificuldades e, em particular no caso português, que uma nova maioria não seja particularmente hostil à forma como as negociações foram conduzidas.

Nos restantes países, quer porque não existem grandes problemas políticos, quer porque existem procedimentos de urgência passíveis de serem utilizados, não se esperam grandes problemas.

A única excepção é da França, país em que, a pouco mais de seis meses das eleições legislativas, se sentiram alguns sintomas quanto à possíbilidade de uma utilização, por parte da actual oposição, da questão do alargamento como tema de campanha eleitoral.

O representante permanente da França junto das Comunidades Europeias, aliás, chegou a fazer-se eco, em Bruxelas, das preocupações do seu governo quanto a um eventual atraso do início do processo de ratificação e insistindo para que o mesmo se efectuasse ainda durante o primeiro semestre.

O eleitorado do Sudoeste francês, tradicionalmente socialista, tem-se manifestado contra o teor dos acordos de adesão, em particular no sector agrícola.

O dirigente gaulista Jacques Chirac defendeu, por outro lado, uma renegociação dos termos do acordo no caso de uma vitória da oposição.

Os observadores não esquecem a evasiva com que o presidente da França, François Mitterrand, respondeu a uma pergunta que lhe foi colocada sobre se admitiria a eventual realização de um referendo sobre a questão do alargamento.

Suspensa taxa sobre moeda estrangeira

O Banco de Portugal suspendeu a taxa aplicada pela banca comercial nas trocas de moeda estrangeira e que estava em vigor desde Maio, confirmou à Anop uma fonte do banco central.

«A suspensão é temporária enquanto o Banco de Portugal estuda o problema de modo a tornar normal a aplicação da taxa» disse.

A taxa consistia na cobrança, pelo banco que trocava o dinheiro, de 0,25 por cento do valor da troca num limite mínimo de 300 escudos e até a um máximo de 15 mil escudos.

Contactado o representante dos hoteleiros algarvios Cabrita Neto contestou a existência da taxa e acusou o Banco de Portugal de ter sancionado uma pretensão da banca comercial que considera «absurda».

«Só em Portugal, acrescentou, é que um banco afirma que perde dinheiro a trocar moeda estrangeira e pede uma taxa para o fazer».

Cabrita Neto sublinhou a possibilidade de «no caso de um turista querer trocar simplesmente uma nota de 200 pesetas ter, por força da taxa de, não só não receber nada como ainda pagar o que faltasse para os 300 escudos mínimos».

Entregues os prémios a futuros empresários

Os prémios «Estudante — Empresário Amanhã», criados no ano passado no âmbito do Forum das PME/Primeiro Salão de Criação de Empresas, foram ontem entregues na Associação Industrial O concurso teve por objectivo sensibilizar os estudantes do ensino superior para a actividade empresarial em geral e para o lançamento de pequenas iniciativas

PRATIQUE DESPORTO

DEFENDA A SAÚDE

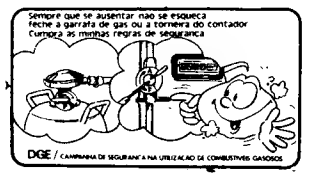
PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 72 992 para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE DERIVADOS DE PIRIDOXINA COM EFEITO ANTI-HIPERTENSIVO».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 — 3.º-Esq.
1000 — LISBOA

S. PEDRO DE MOEL
APART. FÉRIAS

ALUGA-SE
JULHO, AGOSTO, SETEMBRO
T. 044 52 652



NATURA

FOI POSTO À VENDA O N.º 368 REFERENTE A MAIO

Se desejais evitar a doença e curar-vos dos vossos males, pelos meios puramente naturais, assinai já esta utilíssima revista de Higiene Geral e alimentar de Saúde e Cultura integral, podendo estar certos que pelos ensinamentos recuperais mais bem-estar e alegria de viver.

Director e Proprietário: Dr. INDIVERI COLUCCI

DO SUMÁRIO DESTACAMOS OS SEGUINTES ARTIGOS:

- **Repercussão estrondosa de uma entrevista com o dr. Colucci no «Correio da Manhã»**
- **Como devemos cozinhar os Alimentos**
- **Haverá na infância uma profilaxia da droga?**
- **O valor do banho de ar — Em que consiste e como tomá-lo**
- **Resistência à doença através da alimentação MAGNÉSIO**
- **O que comer? Laranjas ou Romãs?**
- **Tiróide da vida**
- **A Medicina contra o bisturi**
- **A gravidez frente à alimentação**
- **O poder das plantas na vida moderna do homem**
- **Fumar é uma espécie de suicídio lento**
- **Saúde! Património comum a todos**
- **Etc., etc.**

RUA ANTERO DE QUENTAL, 35-1. (ao Intendente)
Telefone 55 64 98
Assinatura Anual: 600$00 • Semestral: 360$00
Estrangeiro: 1020$00 • Avulso: 60$00

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	69$65	75$65
ALEMANHA FED (marco)	56$30	57$40
ÁUSTRIA (xelim)	7$95	8$15
BÉLGICA (franco)	2$634	2$834
BRASIL (cruzeiro)	$010	$020
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126$95	128$95
(notas de 5 a 1000)	127$45	129$45
DINAMARCA (coroa)	15$70	16$10
ESPANHA (peseta)	$934	1$054
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	173$55	175$55
(notas de 5 a 1000)	174$05	176$05
FINLÂNDIA (marka)	27$15	27$75
FRANÇA (franco)	18$45	19$15
HOLANDA (florim)	49$95	50$95
IRLANDA (libra)	177$25	181$25
ITÁLIA (lira)	$080	$090
JAPÃO (iene)	$670	$705
NORUEGA (coroa)	19$60	20$10
REINO UNIDO (libra)	223$55	227$55
SUÉCIA (coroa)	19$55	20$15
SUÍÇA (franco)	67$40	68$40
VENEZUELA (bolívar)	11$25	12$25

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

PONTA ESQUERDA

Distinções do Comité Olímpico

O atleta Jose Pinto recebeu a medalha olímpica «Nobre Guedes», um dos galardões mais prestigiosos do Comité Olímpico Português, num jantar promovido por ocasião do «Dia Olímpico». Outras distinções: o antigo atleta internacional **Guilherme Espírito Santo** recebeu o troféu «Fair Play» e o trofeu «Francisco Lázaro foi atribuído a **Artur Oliveira,** vencedor da maratona nacional de 1985. **Margarida do Carmo,** a mais jovem representante nos jogos olímpicos de Los Angeles (15 anos) recebeu o prémio «juventude» e as menções honrosas foram atribuídas a **Rui Borges** (natação) e **Fernanda Ribeiro** (atletismo).

A Sociedade Filarmónica União Artística Piadense recebeu o trofeu olímpico devido à meritória obra em prol do desporto».

Futebolistas: segurança em estudo

Um grupo de trabalho no âmbito das Secretarias de Estado da Segurança Social e dos Desportos foi criado por diploma publicado no «Diário da República» para aperfeiçoamento do regime dos jogadores profissionais de futebol.

O grupo será constituido por dois representantes de cada uma das Secretarias de Estado e deverá proceder em conjunto à ponderação dos problemas existentes com o objectivo do aperfeiçoamento do regime de segurança social dos jogadores de futebol profissionais e poderá fazer-se assessorar por técnicos de departamentos, organismos ou instituições ligadas às situações em debate, tendo em vista a apresentação de propostas concretas, no prazo de 90 dias.

Penarol de cofre vazio

O Penarol, o clube mais prestigiado do futebol uruguaio, não participou na segunda jornada do campeonato de futebol do seu país por dificuldades de tesouraria, como, de resto, já não participara na primeira, pois que solicitou um adiamento da sua participação a fim de que os dirigentes consigam encontrar uma fórmula de pagamento dos prémios de jogos da temporada anterior e dois meses de salários a todos os seus futebolistas profissionais.

O adiamento foi extensivo a outro «grande» do futebol uruguaio, Nacional, e ao campeão da época anterior, o Centro Espanhol.

Falcão e o Roma em conflito

As relações entre o jogador brasileiro Falcão e o presidente do Roma, o senador Viola, atravessam uma crise devido ao jogador se ter recusado a fazer um exame médico e ter partido para o Brasil em férias.

O clube enviou ao jogador, por meio de carta registada, uma convocatória oficial para que se submeta a vários exames médicos.

O presidente do clube pretende certificar-se se Falcão está totalmente curado da intervenção cirúrgica que sofreu num joelho, no princípio do ano.

O jogador brasileiro, que disputou vários jogos particulares com o Roma nas últimas semanas, decidiu não responder a esta convocatória e afirmou: **já foi provado que o meu estado de saúde é excelente**, principalmente depois de um exame médico feito pelo professor Andrews, que enviou as suas conclusões ao presidente Viola».

Tenistas dão uma ajuda

Setenta dos mais destacados tenistas do mundo acordaram em entregar parte dos prémios em dinheiro que obtiverem no torneio de Wimbledon como auxílio contra a fome na Etiópia e no Sudão.

Ray Moore, presidente da associação de tenistas profissionais, negou-se a revelar os nomes dos jogadores que decidiram participar na campanha.

Os jogadores decidiram entregar cinco por cento dos seus ganhos para uma campanha denominada «jogadores de ténis pela África».

Bulgária: futebolistas irradiados

Os futebolistas internacionais búlgaros Borislav Mikhailov, 22 anos, e Plamen Nikolov, 27, foram irradiados da modalidade por **brutal violação da moral desportiva socialista e por libertinagem** — anunciaram as autoridades desportivas búlgaras.

Mikhailov e Nikolov, guarda-redes e defesa do Levski Spartak e da selecção búlgara de futebol, foram irradiados na sequência dos violentos incidentes ocorridos entre os jogadores na final da Taça da Bulgária, disputada quarta-feira entre o Levski e o CSKA, de Sófia.

O Comité Búlgaro de Educação e Desportos e a Federação Bulgara de Futebol puniram também com um ano de suspensão os centro-campistas do Levski Spartak e da selecção búlgara, Nasko Sakirov e Kostadin Yontchev.

As autoridades desportivas búlgaras tinham anunciado sexta-feira a decisão de dissolver as equipas participantes na final e que este ano se classificaram nos dois primeiros lugares do campeonato búlgaro.

Do boato à certeza

Chalana é pretendido pelo Paris Saint Germain

O futebolista Fernando Chalana foi contactado pelo Paris St. Germain para na próxima época vir a reforçar os seus quadros, disse à ANOP em Paris, o representante dos interesses do jogador na capital francesa.

Chalana cumpre actualmente um contrato com o Bordéus mas as divergências com o clube girondino levaram o jogador português a manifestar o desejo de deixar a equipa.

A transferência de Chalana, do Benfica para os Girondinos de Bordéus foi considerada a mais cara da história do futebol francês, mas Chalana não pode corresponder às espectativas por ter estado praticamente durante toda a época impossibilitado de mostrar o seu valor devido às lesões que o obrigaram a uma inactividades de mais de 7 meses.

Esta situação criou mal estar no seio da sua equipa e as relações entre Chalana, os colegas e os dirigentes do clube, não cessaram desde então de se degradar.

Chalana em várias entrevistas concedidas em França e em Portugal tem vindo a manifestar o seu desejo de abandonar a sua actual equipa e, segundo o representante do jogador em Paris, Abílio Laceiras, o Bordéus teria sido já sondado pela equipa parisiense, mas a transferência implicaria uma importante movimentação de francos, já que o actual clube do jogador português não estaria na disposição de perder, dinheiro do investimento que fez em Chalana.

De acordo com a mesma fonte, o único obstáculo à transferência prendê-se com o número de jogadores estrangeiros existentes na equipa parisiense, problema que poderia ser ultrapassado com a naturalização de um dos actuais futebolistas do Paris Saint Germain.

A notícia aqui fica. Agora, resta aguardar a evolução do assunto, todavia, a avaliar pelas declarações que Chalana tem vindo a fazer no que se refere às suas relações com o presidente do clube de Bordéus, a transferência não será nada fácil. O melhor é aguardarmos ainda que, com o desejo de que o futuro do grande futebolista luso seja bem diferente do que o passado recente.

Setúbal «pesca» em Alvalade

As transferências de Jorge Plácido para o Sporting de Braga e do avançado Fernando Cruz, de Alvalade para o Bonfim, foram confirmadas por Rui Salas, dirigente do Vitória de Setúbal, deste modo.

Está praticamente assegurada a transferência de Jorge Plácido para o Sporting de Braga. O presidente do clube bracarense já pediu autorização ao Vitória para Plácido assinar e ainda esta semana o ex-avançado sadino deverá ingressar no Braga.

O dirigente do futebol sadino salientou também que **está praticamente certa a vinda de Fernando Cruz**, que ficará por duas épocas, e cujo contrato só será assinado depois de Silvério Jones falar com o presidente do Sporting, João Rocha.

Rui Salas referiu que o clube está interessado também em Zézinho, do Sporting, e que o benfiquista Shéu continua a estar nos seus planos, mas que a Porto, e a sua mostra será, segundo o alcaide de La Corunha, Francisco Vasquez, «o símbolo das festas de São Firmino do futebol espanhol».

A câmara de Hércules, organizadora da prova, preparou já um vasto programa comemorativo dos 40 anos do troféu, criado por iniciativa de três corunheses com o objectivo de conseguir fundos para a beneficiência municipal e de homenagear Teresa Margarita Herrera e Pedrosa, benfeitora da cidade que viveu entre 1712 e 1791.

última palavra pertence ao novo treinador do Benfica, o inglês John Mortimore.

Quanto à transferência de Carraça, do Farense para Setúbal, Rui Salas disse: **o presidente do Farense está a colocar obstáculos à vinda de Carraça, afirmando querer a continuação do jogador em Faro.**

Porto: «Teresa Herrera» renderá dez mil contos

O Porto vai receber dez milhões de pesetas (cerca de dez mil contos) pela sua participação no Trofeu Teresa Herrera em futebol, a realizar em Agosto noticia a agência EFE.

O Real Madrid vai receber cerca de 21 mil contos, o Fluminense, do Brasil, 12 mil e o Atlético de Madrid oito mil contos.

Das quatro equipas presentes na prova deste ano, o Porto é a única que nunca venceu o torneio, ganho já sete vezes pelo Real, três pelo Atlético madrileno e uma pelo Fluminense.

O Troféu Teresa Herrera, uma reprodução em metais nobres das milenárias torres de Hércules, vai ser apresentado proximamente em Madrid e no

Chalana: depois de mudar de visual irá mudar de camisola?

Vital é o novo treinador do Farense

O Farense contratou **Dinis Vital** para treinar a sua equipa principal de futebol. Dinis Vital, que esta época dirigiu o Alcobaça, substitui Fernando Mendes, treinador com quem o clube algarvio rescindiu o contrato.

A saída de Fernando Mendes começou a desenhar-se quando a escassas jornadas do termo do campeonato, o Farense, que necessitava urgentemente de pontos para escapar à despromoção, foi derrotado em casa pela Académica de Coimbra.

Ténis:

Wimbledon

Chuva "trava" torneio

O norte-americano John McEnroe, e o australiano Peter McNamara iniciaram o torneio de ténis de Wimbledon, mas aos 22 minutos de jogo os juízes suspenderam a partida devido ao mau estado do «court».

Na altura da interrupção o marcador indicava um empate de pontuação no primeiro «set», depois de McEnroe ter pedido, no primeiro jogo, o serviço.

Devido ao estado da pista o jogador norte-americano dirigiu-se ao juiz principal e disse **não nos podemos mover, a pista está impraticável.**

Com o acordo de McNamara, o juiz principal Alan Mills dirigiu-se ao público e anunciou que o encontro estava suspenso até quinta-feira «devido ao mau estado do piso e à possibilidade de lesão dos jogadores».

O público contestou a decisão com protestos e assobios devido ao facto de ter esperado, na sua maioria, quatro a cinco horas pela partida.

Ciclismo: Grande Prémio "JN"

Paulo Ferreira foi o vencedor

Paulo Ferreira, do Sporting, e a equipa do Bombarralense foram os vencedores, individual e colectivo, do Grande Prémio «Jornal de Notícias» em ciclismo que ontem terminou no Porto.

A sétima e última etapa, percorrida entre Vila do Conde e Porto, na distância de 133 quilómetros foi ganha por **António Fernandes,** do Bombarralense, em 3.20,40 horas, à média de 39,767 quilómetros/hora.

Classificações finais

Geral individual: 1.º — Paulo Ferreira, Sporting, 25.10,30 horas à média de 36,762 quilómetros/hora

2.º — Manuel Cunha, Lousa a 33 segundos

3.º — António Fernandes, Bombarralense, a 1,06 minutos

4.º — Benedito Ferreira, Bombarralense, a 2,49m

5.º — Eduardo Correia, Sporting, a 3,05m

Paulo Ferreira: pódio é lugar que bem conhece

6.º — Adelino Teixeira, Lousa, a 3,57m

7.º — Marco Chagas, Sporting, a 4,04m

8.º — Fernando Carvalho, Bombarralense, a 4,14m

9.º — Jacinto Paulinho, Lousa, a 4,18m

10.º — Belmiro Silva, Bombarralense, a 4,20m

Equipas (três primeiras)

1.ª — Bombarralense, 75.37,58 horas

2.ª — Sporting, a 34 segundos

3.ª — Lousa, a 2,13 minutos

Vencedores outras classificações:

Combinado: Manuel Cunha, Lousa, seis pontos; **Montanha:** Manuel Cunha, Lousa, 32 pontos; **Pontos:** António Fernandes, Bombarralense, 36 pontos; **Juventude:** Manuel Abreu, Guimarães; **Metas Volantes:** José Fernandes, Ajacto, 10 pontos; e **Prémio elegância:** Marco Chagas, Sporting, 64 pontos.

Média geral da prova: 36,805 quilómetros.

Recorde-se que ontem disputaram-se duas etapas tendo vencido Eduardo Correia (a primeira) e António Fernandes a última como acima referimos.

Pode passar-se sem religião?

Conjugando todos os saberes das ciências humanas num livro rico e complexo, Marcel Gauchet pensa que o declínio da religião torna a sociedade «psiquicamente esgotante para os indivíduos».

Jean-Philippe Domecq

Há uns vinte anos, Michel Foucault concluía em **Les Mots et les Choses** que o homem, como objecto de saber, era uma invenção recente» cujo «**fim estaria próximo**». Este problema das origens e do fim, que continua a ser uma das nossas tradições de investigação, põe-se hoje a propósito da religião como base das sociedades, precisamente porque as nossas sociedades funcionariam agora sem ela.

«**Se há fim de religião, isso não se deve ao enfraquecimento da crença, mas à recomposição do universo humano-social, não só fora da religião mas a partir e ao revés da sua lógica religiosa de origem.**» É esta a hipótese posta por Marcel Gauchet no prefácio do **Désanchantement du monde**.

É um pensamento «em mergulho» que anuncia um pensamento muito amplo. Benjamin Constant (1) num dos raros antecedentes a este projecto, **Histoire politique de la religion, considerara** (esta) **na sua origem, formas e desenvolvimentos.** O trabalho de Marcel Gauchet abre mais perspectivas aos saberes que conjuga, antropológico, teológico, histórico e filosófico.

Investigar o infinito

Marcel Gauchet sabe que, no que diz respeito a ciências humanas, temos o estômago frágil, desde que reinam «**o pequeno, o plural ou as margens**», a par com a desmultiplicação das especialidades e o desenvolvimento burocrático dos saberes. Ao ver unicamente os «**malefícios dos pensamentos da totalidade**», não nos libertámos, diz ele, **da dogmática inversa: as apologias do sem fundo (...) da diferença, do heterogéneo e das outras ideias quiméricas».**

Depois desta metodologia prévia, outra precaução se impõe, a propósito do além da religião onde teríamos entrado, e que não tem nada a ver com qualquer reinterpretação laica da história. O pensamento de Gauchet, escruta, pelo contrário, o infinito, primeiro porque o nosso sono não o apaga, e sobretudo porque ele é o horizonte comum aos crentes e ao pensador. A religião «**por alguma coisa foi o principal caso dos nossos antepassados e não foi por acaso que dominou a quase totalidade da história**». Seguindo esta lógica, Gauchet vai refazer todo o percurso desde as religiões primitivas até aos nossos dias em que se torna possível «**compreender o fenómeno religioso a partir do seu esgotamento terminal**».

Uma ordem sem vertigem

Na sua miséria o homem teria sobrestimado as forças da natureza, só nela teria visto o mistério, e tê-lo-ia conjurado figurando-o através dos deuses. Os seus poderes actuavam por todo o lado e o homem submetia-se-lhes. Desde então não havia história, o presente reconduzia um passado mítico de onde procedia, uma vez por todas, a hierarquia social.

Claro que as provas desta religião primitiva descobertas pela etnologia são precárias e deixam demasiada latitude à interpretação. Mas encontramos marcas nas nossas nostalgias e mal-estar de civilização. Com efeito, como explicar que «**a mais durável e poderosa das paixões humanas**» seja «**a do imovebilismo**», se não for a nossa nostalgia de uma ordem sem vertigem, movimento ou vazio?

De onde vem, no entanto, que o movimento — a história — surgirá entre «**dezenas de milénios de religião contra a política**» e «**cinquenta séculos de política contra a religião**»? Entre as «**Metamorfoses do divino**» e o «**Apogeu da morte de Deus**», nasce e desenvolve-se o cristianismo, que, rematando a história do homem religioso, seria «**a religião da saída da religião.**»

Antes de mais o cristianismo afinou, universalizou a religião monoteísta, que nos fez passar dos deuses para um só Deus, tornado o Outro absoluto. Dos deuses a Deus perdemos os mediadores entre a natureza e nós. Deus recuou no invisível, longe do cá-em-baixo que ele criara.

Encontramo-nos sós com o problema de Deus, visto que ele já aqui não está. Privilégio de eleição mas fonte de angústia. Outra consequência; estamos sozinhos com uma natureza agora dessacralizada, logo transformável.

Mas o monoteísmo também tem uma origem política. O deus de Moisés é a resposta a uma situação de inferioridade. Ele regressa e leva ao máximo o despotismo faraónico, visto ser «**incomensurável com os deuses dos Egipcios**». Mais poderoso do que todo o poder, o deus de Moisés não se compara, exclui: «**Ele não é o mais alto mas o único.**»

A ameaça da heresia

Cristo levará mais longe o exclusivo. O seu «**reino não é deste mundo**», que ele deixa a César, a quem retira os fiéis para os levar, não para a terra prometida, mas «**longe do mundo, levando-os do mundo.**» O amor cristico, «**é, na verdadde, a distância interior do indivíduo no elo da sociedade.**»

A partir daí, o dogma sentirá sempre a ameaça da heresia. Porque este diálogo individual com Deus, faz do cristianismo a «**religião da heresia**». Contra o que a Igreja instaurará a «**primeira burocracia do Ocidente**», com «**autonomia do aparelho de salvação**» e «**profissionalização do seu pessoal**»: É que onde cada um pode falar com Deus, é necessário legislar.

Outra contradição que explicaria o «**milagre ocidental**», o seu dinamismo técnico e a sua produtividade política. Jesus acentua a censura entre o além e o aqui, mas, ao mesmo tempo, ele veio aqui. A Encarnação ordena que se recuse a recusa deste mundo. Desde então põe-se o problema da validade dos nossos actos, por outras palavras, a questão moral.

O príncipe e o padre

O aspecto crístico é de longo e múltiplo alcance. Ele tornou possível todo e qualquer diálogo individual e não só com divindade. Torna-se possível interrogarmo-nos sobre a conformidade das leis deste mundo com as leis divinas que decifrámos em nós, na conformidade dos representantes de Deus com o Deus íntimo, «escondido», e, enfim, sobre a conformidade do reino político com o reino divino: a adequação dos «dois corpos do rei», príncipe e padre.

E quando um e outro forem dissociados, poderá pôr-se a questão de um poder político definido em termos autónomos: por outras palavras, a questão da representatividade do povo sem representação de Deus. Assim o cristianismo trazia em germe os nossos Estados tanto como os nossos direitos do homem. O paradoxo só é aparente nesse «**enraizamento religioso da génese das nossas formas laicas de pensamento e de acção.**»

Hoje que o outro já não é Deus único, que, pelo menos, totalizava o conjunto das experiências humanas, hoje que só há outros, indivíduos irredutíveis e infinitesimais, simplesmente unidos pela «**institucionalização do conflito**» que permite a democracia, já não temos vector de sentido para explicar os nossos actos, o nosso nascimento e a nossa morte. «**O declínio da religião paga-se em dificuldade de ser o próprio.**»

Não se pondo o problema de Deus, põe-se o da pessoa que, agora sozinha, não passa de um átomo sem molécula, um nada narcísico (2). Claro que haveria a arte que é «**a continuação do sagrado por outros meios**», no sentido de que aponta, sem o traduzir, para o quotidiano mistério «**no familiar das coisas**», e assim nos familiariza com o espanto de existir.

Mas, no total «**a sociedade segundo a religião também é a sociedade em que o problema da loucura e da perturbação interna de cada um (3) toma um desenvolvimento sem precedentes. Porque é uma sociedade psiquicamente esgotante para os indivíduos, onde nada os socorre nem já os apoia face ao problema que lhe vem de todo o lado permanentemente: porquê, eu, agora?**».

Mas, pergunta-se ao fechar o livro: se todos sentem uma falta, as nossas colectividades poderão escondê-lo durante muito tempo?

Esta falta não ocuparia o lugar vazio das crenças necessárias às sociedades? E os «**espaços infinitos**» assustariam menos desde que ignorados? Manifestar-se-ia assim algum refluxo metafísico?

Notas

★ **Le Désenchantement du monde**», de Marcel Gauchet. Gallimard. «**Bibliothèque des sciences humaines.**»

(1) De quem Marcel Gauchet prefaciou **De la liberté chez les modernes,** antologia de textos políticos, publicada em 1980.

(2) Sobre a hipertrofia contemporânea do individualismo, ver **l'Ére du vide,** de Gilles Lipovetsky.

(3) Cujo estudo Gauchet empreendeu, com Gladys Swain em **La pratique de l'esprit humain — L'institution asilaire et la révolutin democratique.**

Os hooligans dos estádios não são só ingleses **Págs. 20 e 21**

Música de autodidatas numa escola de Belas Artes **Págs. 22 e 23**

Viagens na pele de um hooligan

A «chacina» de Bruxelas não surpreendeu os observadores que, na área das ciências humanas, têm estudado o comportamento dos adeptos de futebol. Chauvinismo, racismo e uma enorme vontade de aproveitar a fundo o clima de violência nos estádios têm sido detectados desde há anos por investigadores preocupados com o fenómeno

Em baixo: O «Bulldog Boy», mascote da Football Association. Em cima: fãs britânicos

Considerados por todos responsáveis do drama de Bruxelas, os hooligans ingleses tinham atrás de si uma longa carreira de feridas e de inchaços. «Beber, bater, gozar». Parece ser este o viático das hordas que, durante os últimos anos, penetraram nos estádios da Europa. Três sociólogos de Liverpool observaram-nos de perto. E falam.

Agatha Logaert

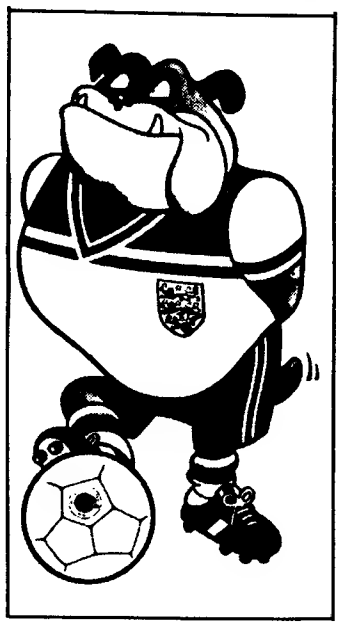
John Williams, Eric Nunning e Patrick Murphy, investigadores do Departamento de Sociologia da Universidade de Leicester, são três apaixonados de futebol. Cada um deles tem o seu clube favorito: o primeiro Liverpool, o segundo, Leicester o terceiro, Fulham. Desde 1979 que estudam o fenómeno dos hooligans. Em Inglaterra, mesmo durante encontros entre clubes britânicos, depois no estrangeiro.

Em 1984 publicam em conjunto um livro **Hooligans abroad** (Os Hooligans no estrangeiro), na editora Routledge e Keagan Paul. «Mascarado» de **supporter,** John Williams acompanhou vários grandes desafios no estrangeiro. Uma das situações analisadas, a mais rica, é a da Taça do Mundo de Futebol que decorreu em Espanha, em 1982. Durante três semanas o jovem investigador (tem trinta anos) partilhou a vida dos **supporters** ingleses: todos os ingredientes que concorreram para a tragédia do Heysel, em Bruxelas, já estavam presentes.

No dia 15 de Junho de 1982, às 4 e 30 da manhã, no fim de uma viagem cansativa, oito **supporters** ingleses batem à porta do hotel Arteche, na pequena vila de Cestona, a 10 quilómetros de Bilbau. Entre eles John Williams, investigador da Universidade de Leicester. Doze horas depois, no estádio San-Mames de Bilbau, é o início do desafio França-Inglaterra. Debaixo do estádio, uma gaiola de aço de 8 pés por 6 (2,50m por 1,80m) espera os tão receados hooligans (capacicade de acolhimento: oitenta pessoas). Trinta e um mil e quinhentos polícias e guardas civis estão prontos a receber dezenas de milhares de **supporters** turbulentos, violentos por vezes. E entre eles vinte mil britânicos precedidos pela sua má reputação.

Desde o fim dos anos 70 que o mito do **supporter** pacífico está bem morto. As primeiras violências nos estádios, até aí reservadas a desafios entre clubes britânicos, foram exportadas. Desde o desafio As Ostende-Manchester United, em que os **supporters** ingleses semearam o pânico na Bélgica, o fenómeno não deixou de se amplificar.

Se, em 1966, a mascote oficial da equipa de futebol inglesa era um leão, em 1982 os tempos mudaram. O Footbal Association muito imprudentemente adopta «Bulldog Boby»: o grande cão tem dentes ameaçadores, uma pança que se adivinha cheia de cerveja. Fecha os olhos, conquistador e seguro de si. Os hooligans ingleses não se enganam e, com um sentido de humor muito especial, afastam a mascote e mandam imprimir T-shirts piratas, representando o mesmo bulldog, sem o nome de «hooligan oficial». No National Front, a organização de



extrema-direita, pode ter crédito na consagração: pois não é **Buldog** o nome do jornal destinado aos jovens militantess, esses jovens que o National Front procura particularmente recrutar nos estádios? O Bulldog Bobby é muito popular em Espanha, nesse fim de Primavera de 1982. Ele floresce principalmente sob a forma de tatuagem nos braços e no peito de **supporters** britânicos, como tantas vezes o nota John Williams.

Um pouco de tempero na viagem

Em Cestona são uns sessenta **supporters** britânicos. Nem piores nem melhores do que noutros lugares. Saídos da classe operária ou da pequena burguesia, fizeram grandes sacrifícios para pagar a viagem (276 a 1000 libras pelas fórmulas médias). Alguns estão desempregados outros, que não conseguiram os dias livres para o Mundial, partiram de qualquer maneira sem saber se no regresso encontrariam o emprego. Assim aconteceu a um pintor de construção civil de Manchester, que partiu impensadamente, deixando os pincéis e a mulher com quem casara dois meses antes. Quando John Williams o encontra em Madrid, no fim da Taça do Mundo, está sem dinheiro, a mulher, ao telefone, ameaça-o com o divórcio se ele não voltar imediatamente para casa, e ele procura desesperadamente vender a sua história a um jornalista para comprar o bilhete de regresso...

Será loucura essa paixão pela bola? Talvez. Kel, um **supporter** do Arsenal, é trabalhador manual na construção civil. As suas únicas viagens são os desafios de futebol no estrangeiro. Participou em todas as recentes lutas nos estádios estrangeiros onde os ingleses jogavam. Passou mesmo uma noite numa prisão belga. Tanto para ele como para outros, conta John Williams, bater-se durante estas expedições, acrescenta «um pouco de tempero na viagem». **«A minha amiguinha faz-me rir quando me diz que sou louco por acompanhar assim o Arsenal e a equipa de Inglaterra. Mas as pessoas não percebem, não é verdade? Não é só por causa do futebol. É pelo resto: beber, bater, gozar...»**

Durante três semanas, até à final, a 5 de Julho, em Madrid, John Williams vai partilhar(?) esses prazeres viris, esses ritos de clãs tão característicos dos **supporters,** de bom humor. Mulheres, nenhuma. Em Cestona, os espanhóis puseram as mulheres e as filhas fora do alcance da horda inglesa. Mas no que diz respeito ao álcool e à pancadaria, não faltam a John Williams temas de observação. O dinheiro de bolso é raro. E os **supporters** têm sede. É então uma loucura de sistema D para se comer e beber o mais barato possível.

«England, England!»

Rouba-se, sai-se dos bares sem pagar. Ao sol muito forte, o vinho espanhol bebe-se ao litro. Multiplicam-se as provocações de **supporters** «tocados». O mooning (moon = lua) faz parte da traição: trata-se de baixar as calças e mostrar aos autóctones — nas melhores ocasiões — roupa interior com as cores da Union Jack. Uma noite, em Cestona, por volta das 3 horas, apoiados por membros do National Front, **supporters** «entre as dez e as onze» sobem com dificuldade uma colina escarpada e vão lá colocar a bandeira inglesa, aos berros de **«England, England!»,** sob o olhar inquieto do polícia da vila que segue o grupo, de lanterna na mão, sem ousar intervir.

Criancices, brincadeiras de colegiais? Decerto. Mas por vezes, quando os **supporters** ingleses se encontram em frente de jovens espanhóis dispostos a responder, as «brincadeiras» de gosto duvidoso degeneram num nacionalismo exacerbado. Em pleno País Basco, quando a guerra das Malvinas durava há perto de três meses, quando ingleses e espanhóis continuam a disputar Gibraltar, as ocasiões não faltam. Os militantes do National Front distribuem badges e documentação. A Polícia espanhola deixa por vezes os incidentes ir muito longe, isto quando não actua directamente e sem razão aparente sobre **supporters** britânicos que só são responsáveis de ser ingleses. O próprio John Williams é interpelado quando passeia tranquilamente à beira mar na companhia de outros **supporters.** Encostados à parede, de pernas abertas, proibidos de falar, os ingleses são retidos durante horas antes de serem soltos.

Este género de incidentes aumentam as narrativas de brutalidades policiais contadas entre os grupos britânicos. O equipamento muito sofisticado dos polícias espanhóis, cargas de cavalaria, balas de plástico, granadas lacrimogénias, matracas impressionam os ingleses. Por seu lado os militantes da extrema direita espanhola, Fuerza Nueva, ficam praticamente impunes quando atacam **supporters** ingleses.

A horda de hooligans tão receada pelos espanhóis começa a ter medo ao fim de uns dez dias. Alguns abandonam o circuito dos desafios. Outros, pelo contrário, acham que ficar e bater é uma espécie de cruzada em que a honra britânica está em jogo. Os grupos rivais ingleses encontram, em face do inimigo comum, o espanhol, um terreno de entendimento. Skin heads ingleses e alemães pactuam.

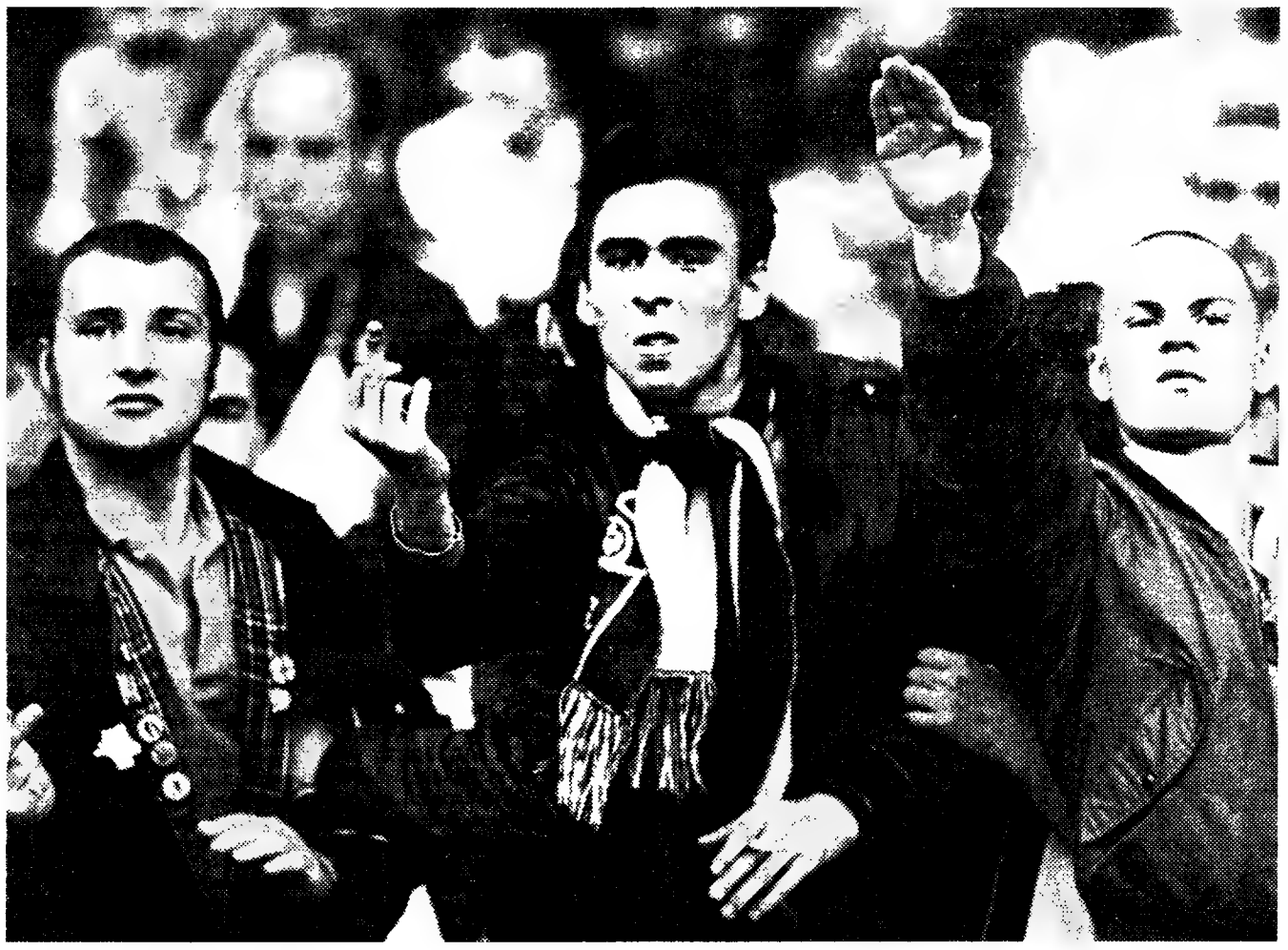
John Williams também conta como se cria um eixo Londres-Berlim entre jovens neonazis. A má separação dos **supporters** nos estádios, a venda de bilhetes no mercado negro, a fadiga, o calor, condições precárias de hospedagem, falta de dinheiro, eis os ingredientes para a catástrofe. E, no entanto, ela não teve lugar, mesmo que durante as três semanas caóticas do Mundial sejam sem conta as feridas e os inchaços. Mas todos os **supporters** voltam a casa sãos e salvos.

«Em Bruxelas, explica John Williams, **tratou-se de um acidente. As pessoas que morreram não eram os alvos habituais dos hooligans. Eles eram muitas vezes muito mais velhos.»** O género de «acidente» que pode acontecer em qualquer parte se não se tiver cuidado. Para o jovem investigador, as consequências da interdição dos clubes ingleses na Europa pronunciada depois da tragédia do Heysel são muito graves. Premonitória, em 1984, esta frase extraída do **Hooligans abroad: «A exclusão dos grupos ingleses atrairia sobre os ingleses e a Inglaterra comentários semelhantes aos provocados pelo boicote da África do Sul devido ao apartheid».** Hoje, aconteceu. O que mudará essa colocação no index? ■

"Morte ao Toulouse!"

Pensou-se, erradamente, que a violência nos estádios era sobretudo britânica. Aqui fica um desmentido francês, vivido no passado dia 4, no Parc des Princes

Queriam ter medo, fazer-nos medo ou divertirem-se, esses jovens que, durante um recente desafio da Taça da França de Futebol, se gabavam da sua presença nas bancadas sangrentas do Heysel? Palavras incoerentes e excessivas, mas que não podemos ouvir sem nos interrogarmos sobre as motivações dos seus autores.



Bancadas do Bolonha, no Parc des Princes, 4 de Junho

Um rádio-repórter no estádio

No dia 4 de Junho, no Parc des Princes, de Paris, O **Canal Plus** transmite em directo a meia final do desafio da Taça da França de futebol Paris-Saint-Germain — Toulouse. Charles Bietry, chefe do serviço dos desportos da cadeia e comentador do encontro, avista na «tribuna do Kop», reservada aos **supporters** da equipa parisiense, um grupo de jovens visivelmente muito excitados, que colocou no painel luminoso de colocação dos «scores», uma pequena bandeirola à glória do Heysel.

Logo decide ir à tribuna e entrevistar os membros desse grupo. Publicamos aqui, na sua brutalidade e espontaneidade, o texto exacto dessa conversa.

«Vim a esta tribuna do Parc des Princes» «a tribuna do Kop» onde encontro **supporters** e não **supporters.** Vamos tentar descobrir um pouco toda a gente que está à minha volta. Primeiro vejo um, loiro alto de cabelo em escova, que tem uma bandeira aos ombros, azul, branca e vermelha:

— Então veio apoiar o Paris-Saint-Germain?

— Mais do que nunca, depois do que vimos, viemos para isso, não há razão para termos vindo para outra coisa.

— Vieram então pelo futebol porque gostam da equipa de Paris-Saint-Germain?

— Eu sou fascista, sou nacionalista, sou pelo meu país, é isso. E vamos matar os árabes.

Vejo um que vai explicar-nos:

— E você, vem por causa do futebol?

— O que sentimos é ódio.

—Ódio a quem?

— Aos supporters **dos outros.**

— O que é que faz na vida?

— Estamos todos desempregados.

— Em todo o caso pagou o seu lugar?

— Felizmente!

— Vai todas as semanas a estes desafios de campeonato?

— Vou a todos.

— O que censura aos **supporters** do outro lado?

— São umas bestas.

— Conhece-os? Há ali uma pancarta que diz Liverpool. Que quer dizer?

— Nós temos razão. Somos hooligans.

— Que significa ser hooligan?

— Somos nacionalistas...Somos pela França para os franceses...

Pela França para os franceses? Aqui há um desafio Paris contra Toulouse. Porquê gritar «morte a Toulouse»?

— Quer dizer o ódio. Estamos fartos, a sociedade repele-nos. Viemos ao Parc des Princes, para partir tudo.

— Por que quer partir tudo no Parc des Princes e no futebol?

— Tem que haver violência. Aqui podemos libertar-nos, fazer tudo, estamos em casa.

— Não o fazem na rua, mas vêm fazê-lo ao Parc des Princes?

— Aqui podemos exprimir-nos.

— Vi aqui um cartaz como em Bruxelas. Trouxeram-no de lá?

— Eu estive em Bruxelas, estive com os ingleses, carreguei ao lado deles.

— Quer dizer que participou em tudo aquilo? Estão contentes com isso?

— Estamos. Excepto no caso das crianças, que não têm nada a ver com isto. E também das pessoas idosas. É o que lamentamos mais.

— Não têm nada a ver com o futebol?

— Sim, em todo o caso, é a nossa equipa que nos representa.

— E pensam que os jogadores gostam de ter **supporters** como vocês?

— Gostam de nos encontrar para criar ambiente. Só em Bolonha, só connosco.

— Criar ambiente é uma coisa. Mas criar ódio?

— Os sionistas impedem-nos de falar. Todos os judeus nos impedem de falar. Aqui só há franceses.

Outro hooligan:

— Os comunistas impedem-nos de falar.

Tenho a meu lado um homenzinho de uns dez anos que tem na mão uma pequena bandeira do PSG:

— Que fazes tu aqui? Senteste-te bem?

— Vim encorajar a minha equipa.

— A tua equipa é a equipa do PSG?

— É.

— Jogas futebol durante a semana?

— Não, não.

— Não te parece que não estás no lugar certo?

— Estou no melhor lugar.

— Sentes algo de comum com todos aqueles lá atrás, com a cabeça rapada?

— Não, mas vim aqui para encorajar a minha equipa. Estou contente.

Gritos, lá atrás, dos hooligans: **Fascistas! Fascistas!**

Sinais dos Tempos

Dinheiro e fase anal

Paul-Loup Sulitzer é hoje dos escritores que mais livros vende. De repente foi a completa loucura consumista — Sulitzer é marca de produção, emblema, garantia, e num só nome, a referência de um larguíssimo estrato das classes médias em ânsia de ascensão não só social como muito fundamentalmente económica.

Ele é um milionário, teve a particular sorte de por seu próprio pulso juntar uma fortuna importante. A escrita veio depois, e as suas contas de banco beneficiaram mais da descoberta desta sua vocação. É que Sulitzer não é um qualquer Harold Robbins... será também, enfim, um escritor vocaciondo para as massas, utiliza as receitas certas que está provado o público leitor deste género de coisas preferir, mas ele até escreve bem, tem garra, é manhoso, conhece os truques do romance, é um grande manipulador do suspense. Inútil e ridículo qualquer tipo de complexo. Paul-Loup Sulitzer faz boa literatura de classe B. É ele que actualmente melhor poderá simbolizar o escritor «best-seller» e uma tendência dominante da leitura.

Mas afinal o que encontram as pessoas nos seus livros, todos eles girando à volta de um tema-base, precisamente o dinheiro? É que nele a posse é apresentada nos mais pulsivos enredos de amontoação, de retenção e de jogo entre investimentos e lucros, ou seja, de risco e obtenção, de tacteação e descoberta do que se tem.

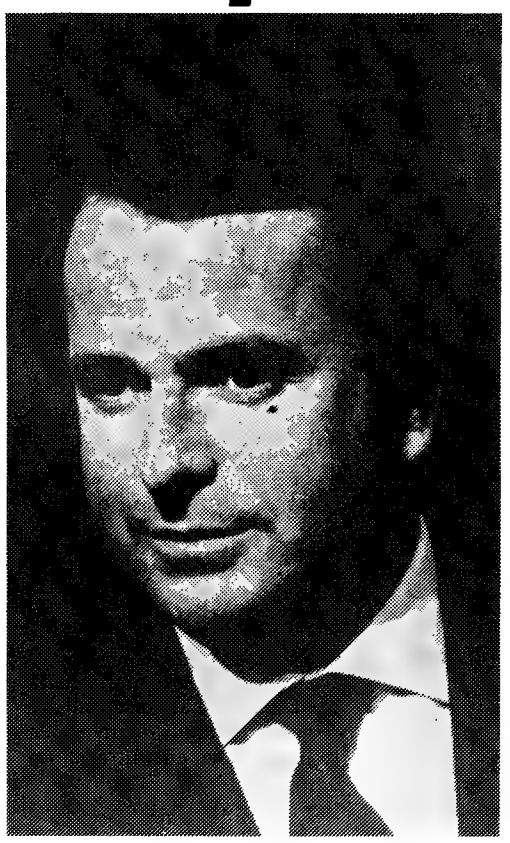
Compare então tais características com as que podem definir uma criança na fase anal, que retém as fezes porque tem prazer, porque assim se sente mais, porque desse modo investe demoradamente numa posterior e deliciosa libertação-usufruto. É que muitos de nós, que nos inebriamos com as aventuras monetárias de Sulitzer, tivemos a nossa fase anal mal resolvida. Ou porque aconteceu mais intensamente e ficou qualquer coisa, ou porque retardou e ganhou-nos a adolescência e acabou por nos influir a idade adulta, ou, sabe-se lá, porque foi reprimida, censurada, no momento em que era natural acontecer, havendo a ideia de que pelo ânus o prazer é censurável. Outros motivos plausíveis se poderão computar, como ser o potencial leitor sulitzeriano, por exemplo, um homossexual auto-reprimido.

Mas não se assuste com o que aqui dizemos. Não, não é provocação gratuita — confirme: leia o Freud e discípulos e perceberá em que medida o dinheiro se pode assemelhar à merda. Ah, já agora, boa tarde.

Os novos romantismos

Lembra-se da revolução sexual, da batalha do amor livre, da transgressão dos comportamentos amorosos que caracterizaram os anos 60 e 70? Pois tudo isso está enterrado e bem enterrado. Em seu lugar novas tendências surgem. Já mensuráveis.

As sondagens, um pouco por todo o lado, estão-se a fazer. Uma, e bem elucidativa, é a que apresenta a revista francesa «Le Nouvel Observateur» na sua edição da passada semana.



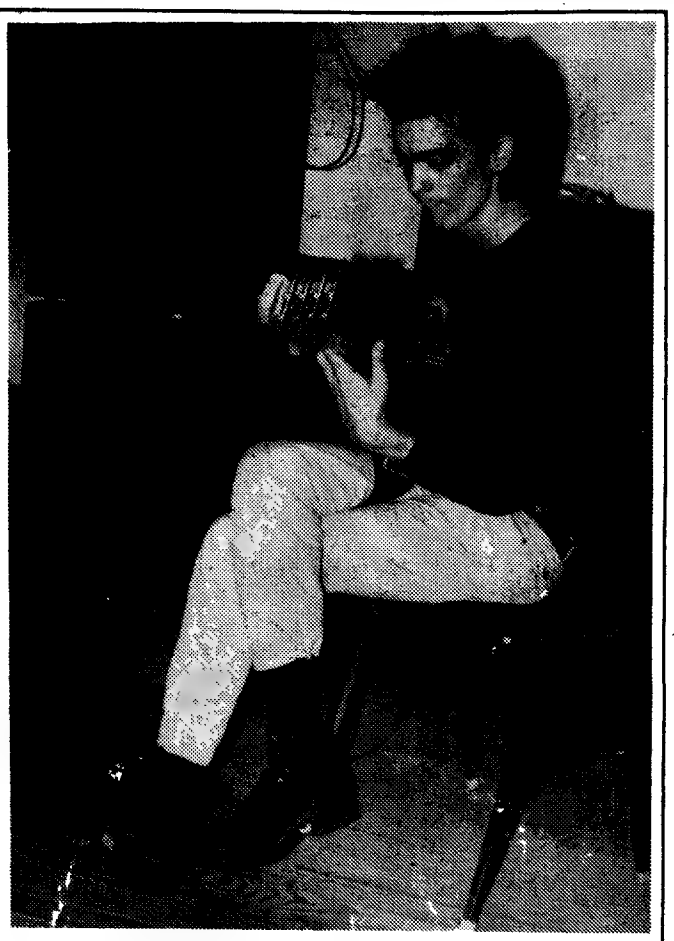
Paul-Loup Sulitzer, dólares e ânus — uma saga freudiana

Os inquiridos foram franceses, obviamente, mas a mesma tendência está a valer para todos nós, europeus e americanos.

Alguns exemplos: uma relação já não está a ser justificada pela convergência sexual, antes se trocou pelo amor-paixão, com tudo o que tem de romântico e de espiritualizado. Fazer amor já não interessa tanto quanto seduzir, conquistar. A quantidade de companheiros diminuiu; prefere-se hoje a relação duradoura, fiel, mesmo para os homossexuais, o que é pelo menos inesperado. Os adolescentes são agora mais líricos, interessam-se menos pelo corpo do outro, chegam à relação por um lento processo com tudo de poético.

«Os ventos mudaram», comenta a «Le Nouvel Observateur», ainda perplexa e maravilhada, tanto que chama à geração que ama nestes 80 de «love generation». Voltam os grandes valores do passado: ternura, estabilidade, fidelidade. E introduz-se uma reformulação, que os americanos chamam de «nova castidade». A revista afasta-se um pouco da geografia própria para contar o que se passa nestes dias nos «campus» universitários dos States, entre os jovens: o rapaz vê-se obrigado a assinar, perante testemunhas, um «documento» onde se assinala o comprometimento resultante do primeiro encontro sexual com uma rapariga, incluindo a data e hora. Foi assim que um tal de Herbaki Elmasssi acabou por ser suspenso de Berkeley e obrigado a uma multa de 5000 dólares pelo Women Organization Against Sexual Harass-

Continua na pág. 24



«Cannibal Roses» (duas primeiras fotos) e «Emílio e a Tribo de Rum» (terceira foto): grupos autodidactas na escola das artes

Bandas de escola

Rui Eduardo Paes

Música e Arte na António Arroio

No último dia 14, numa sexta-feira à tarde e como despedida de mais um ano lectivo, realizou-se um festival-concurso na António Arroio, hoje escola secundária, direccionada para as artes decorativas e outrora um estabelecimento de exclusiva vocação artística, tendo como tal ganho um prestígio que é ainda caracterizante, embora definhado. Os agrupamentos musicais que desfilaram pelo palco do ginásio da escola eram todos eles constituídos, pelo menos parcialmente, por alunos ou antigos alunos da António Arroio, estudantes de arte. Foram eles a Free Choice Band, os Kafkugarden, Napalm Clímax, Cannibal Roses, Bellrose Hospital, Emílio e a Tribo de Rum, Frakturados, Violet Ink e Madame Le Roy. Segundo o que apurámos, muitos mais grupos a António Arroio, talvez a escola com mais peculiaridades em toda a Lisboa, deu aso a que se constituíssem, o que se torna num verdadeiro fenómeno social e cultural.

Se a música de algumas das bandas foi irremediavelmente má, ou pelo menos sem aquilo que a poderia tornar partilhada por quantos assistiam, alguns dos nomes, perfeitamente desconhecidos ou ainda com uma rodagem muito circunscrita, resultaram em agradáveis descobertas. Entre os muito maus podem-se indicar os dois primeiros grupos e outros desagrados terão causado Frakturados e Violet Ink. Os restantes apresentaram trabalhos interessantes, porém desiguais, destacando-se deles algumas forças originais, como os Madame Le Roy, os Napalm Clímax ou os Bellrose Hospital, conquistando estes últimos a maioria dos votos do júri.

Foram estas bandas que reunimos uma tarde destas num dos lugares «must» das novas geografias pós-modernas do Bairro Alto, o «Arroz-Doce».

■ Os Napalm Clímax tinham apresentado um trabalho que podemos contextualizar no pós-punk, tocando uma música que substituiu uma expressividade violenta (que ainda conhecemos num festival punk acontecido na Teia e que tivemos oportunidade de comentar nestas páginas há tempos atrás) por uma outra que joga com climas de tensão, muito elaborados, em que estruturas repetitivas conseguem coexistir com desenhos melódicos.

■ Cannibal Roses foi um sugestivo nome para uma música talvez mais identificável que a dos primeiros e que de modo algum teve o mesmo passado e as mesmas referências. Uma sonoridade de depois dos Siouxsie and the Banshees e que se caracterizou por conciliar, com felicidade, um tom agreste com a delicadeza e fragilidade expressivas da cantora e da violinista.

■ Os vencedores da tarde, Bellrose Hospital, igualmente se definiram pelas tendências dominantes da música que se convencionalizou chamar de «moderna» ou de «vanguarda». Mais trabalhados e imaginativos que o grupo anterior, conjungaram com harmonia desde os efeitos sonoros da guitarra até aos pequenos sons das percussões, sobretudo do xilofone. Uma música sugestiva.

■ Os Emílio e a Tribo de Rum foram uma das duas bandas que desconcertaram os assistentes. Com um formato hoje inabitual — um músico tocando ou guitarra ou baixo, outro na harmónia e o terceiro na bateria — interpretaram um misto bastante rico de consequências entre o blue e o punk, com uma certa tónica de discurso jazzístico, muito solto e improvisado.

■ Maior perplexidade receberam os Madame Le Roy, que ficaram prejudicados na sua prestação por vários problemas técnicos mas ainda assim puderam mostrar um pouco das suas elaboraradas e audazes concepções musicais. Utilizando banda magnética, que continha inesperados coros com muito de étnico e de música erudita contemporânea e outros artifícios sonoros de impacto, centraram-se na guitarra acústica e no canto poético, com bordejos de percussões e «recorders» e «slides» projectados atrás. Má sorte parecida já tinham tido numa presença recente no Café Conserto.

São pessoas sem dúvida com limitações técnicas, a maior parte deles, inclusive, sem qualquer formação musical. A sua aproximação aos respectivos instrumentos aconteceu enquanto autodidactas, o que lhes veio caracterizar as sonoridades — não têm truques, aqueles de que os «profissionais» se foram armando, têm da música uma perspectiva de descoberta e exploração sonora, não se lhes encontra maneirismos musicais, mesmo quando ambiciosos e audazes têm uma certa ingenuidade que, longe de os prejudicarem, lhes vai possibilitar uma outra riqueza. São músicos de escola, nada mais do que isso, por agora.

Mas outras limitações igualmente os caracterizam, as materiais. Instrumentos não os têm; alguns vão compondo e ensaiando com guitarras de caixa, outros conseguem arranjar uma Fender emprestada. Ensaios de grupo só muito de longe em longe, quando há massas e dá para ir a uma sala de ensaios num fim-de-semana, onde se podem alugar os instrumentos durante uma hora ou duas. No concerto muitos utilizaram o mesmo baixo, e a bateria, por exemplo, não estava em condições para ser usada.

Uma escola diferente

No «Arroz-Doce» todos foram comuns em afirmar que a profusão de bandas musicais na António Arroio tem directamente a ver com a opção pela arte dos que lá frequentam as aulas. É nesse mesmo sentido que do lado dos Emílio e a Tribo de Run nos dizem que este estabelecimento de ensino Alameda «tem uma ambiente completamente diferente do de todas as outras escolas», sendo a música para eles um «complemento ao estudo de arte». Os Cannibal Roses acham natural que tal associação prática entre as artes visuais e a musical aconteça, «mais natural do que se estes grupos aparecessem por exemplo numa escola voltada para a mecânica». Da parte dos Madame Le Roy o parecer é de que «é a informação artística que eu tenho que me leva a fazer a música que faço».

Mas a ideia da música exclusivamente como complemento não foi geral, os Napalm Clímax admitem também uma certa frustração: «As pessoas que estão na António Arroio precisam, ou por frustração ou por quererem exprimir mais qualquer coisa, de ter mais do que se pode lá fazer. Essas pessoas têm uma expressão pessoal reduzida e por isso andam à procura de outras coisas.» Madame Le Roy dá um outro sentido a essa complementarização — «Na António Arroio há maior vocação musical devido às suas próprias circunstâncias particulares, que noutros sítios não existem». E acrescenta: «Muitos dos grandes nomes da música passaram por uma escola de artes, desde os Beatles, no caso do McCartney, até aos Talking Heads, no do David Byrne. Todos eles estão mais ou menos relacionados com outras actividades artísticas».

É assim que as músicas que esses grupos tocam transportam em si uma relação estética evidente. Não têm objectivos e estruturações comerciais, não projectam o consumo imediato, não são dançáveis nem audíveis em boîte. Antes são, muito pelo contrário, difíceis, exigindo a atenção e apelando à concentração.

Situados entre as artes plásticas e a música, o trabalho que lhes está a interessar desenvolver é a integração multimedia: «Todos nós queremos ligar a música a outras formas de arte, à pintura e à escultura, por exemplo», dizem-nos os Cannibal Roses. «Na música, o que eu procuro é moldar uma forma através do meu instrumento, tal como faço na escultura e na olaria», junta o baixista dos Bellrose Hospital, fazendo notar que o que hoje acontece como sinal da nossa contemporaneidade é a «interacção entre todas as artes».

Do fim de uma realidade ao fim de um mito

Parecem todos eles serem a força de um novo sentido a dar à António Arroio. Não se ficam só pela nostalgia, em quantos casos mítica, do que era a escola há uns anos atrás, antes de a sua caracterização de «escola de artes» se ter dissolvido numa secundária quase, quase como as outras se não tivesse, entretanto, mas nem sempre da melhor maneira, ficado qualquer coisa de tempos passados. «Há cinco anos tu entravas numa sala de aulas e não sabias distinguir o professor dos alunos. As aulas passavam-se como se fossem diálogos, conversas. Depois começaram a entrar professores novos, que já não têm o mesmo espírito que tinham os mais antigos, e o que está a acontecer? Hoje os professores são muito mais professores e os alunos muito mais alunos; já não há camaradagem alguma», contam-nos uma das vozes dos Madame Le Roy. Em relação ao que a António Arroio é hoje os Emílio e a Tribo de Rum, por exemplo, são radicais: «Já não temos nada a ver com a escola. Até passamos mais tempo fora dela do que propriamente lá.» É claro, foi a gargalhada geral.

Do lado dos Bellrose Hospital foi-se categórico — «Há seis anos eu identificava-me com a escola, agora já não.» Os Napalm Clímax, por sua vez, dizem que ela é hoje «extremamente individualista, o que torna as pessoas que lá andam também individualistas», e dizem mesmo: «Eu estou a sentir muito essa situação — chego lá e não tenho nada a dizer nem ninguém para me ouvir. É por isso mesmo que temos a necessidade pessoal de tocar.» Assim, a música torna-se um escape, como nos confiaram os Madame Le Roy durante a conversa.

E a «Alameda das Ganzas», que tanto caracterizou e celebrizou a António Arroio? «A 'Alameda das Ganzas' foi, por sua vez, o escape da escola», acrescenta-nos o mesmo grupo, «mas já não é». «Hoje é como que um santuário, onde algumas pessoas ainda vão para recordarem os velhos tempos. Enfim, a 'Alameda das Ganzas' já não tem nada a ver connosco.» A perspectiva é dos Cannibal Roses, esta a dos Napalm Clímax — «Nós somos contra o que a 'Alameda das Ganzas' significa. Os escapes estão errados: aquilo é um círculo fechado, onde as pessoas se isolam para fumarem umas coisas e alhearem-se da realidade. Quando entram gajos novos na António Arroio há o mito de que vai para a 'Alameda das Ganzas' a gente que tem grandes ideias; só que isso não é assim, quem eu vejo

Continua na pág. 23

Continuação da pág. 22

lá é a malta que não tem um caco dentro dos cornos, ficam para ali ganzados um dia inteiro, sem irem às aulas, a olharem uns para os outros sem terem ideias para nada. Pintam e escrevem coisas nas paredes, pois, frases do género 'espero que este sol dure toda a noite'. É bonito mas nada mais do que isso.»

Madame Le Roy agora: «Os tipos que pintaram as paredes da 'Alameda das Ganzas' foram muito mais artistas do que os que lá estão hoje, e muitas dessas pinturas até foram já apagadas. Afinal de contas, aquilo já não é propriamente uma escola de artes; quando era o pessoal tinha muito mais disposição para fazer daquele tipo de coisas. Hoje a malta já não fuma para pintar, fuma por fumar, perdeu-se tudo.»

«Agora há lá de tudo, uns que foram lá parar a pensarem que a escola era o sucedâneo do 'Fame' e outros porque pensam que o pessoal lá é todo maluco e que se podem fumar umas ganzas sem ninguém chatear. Criou-se um ambiente horroroso», confirmam igualmente os Bellrose Hospital.

Mas, e apesar de tudo, a António Arroio e, ainda e sempre uma escola diferente, como eles mesmos dizem, e se tantos grupos musicais estão tão decididamente a emergir é porque qualquer coisa de novo e forte poderá lá estar a surgir. Só assim se poderá explicar este inesperado festival, só assim se percebe, também, que este ano novos lugares fantasistas tenham aparecido, também ligados aos produtos proibidos. Eles disseram-nos os nomes: o «Beco das Pipas» e as «Escadinhas da Broca». Depois do fim de uma realidade e depois de denunciado um mito, novidades parecem esperar o próximo ano lectivo, que este já acabou.

Depois do rock

Por vezes ainda vem à baila a ideia de que estas músicas são ramificações do rock. E veio durante a nossa conversa. Eles refutam a noção: «Nos viemos a seguir ao rock, já não é rock o que nós tocamos», como disse uma voz apanhada no ar. Os Mademe Le Roy dão o exemplo das suas preferências musicais: Zenakis, Stockausen, Laurie Anderson, Brian Eno, Talking Heads, Robert Fripp, nenhum deles se podendo rotular como sendo rock. Os dois Emílio e a Tribo de Rum que se encontraram connosco no «arroz-Doce», com as suas vestimentas punk, e a quem perguntámos se se sentiam uma excepção, foram provocativos na resposta: «Nós tocamos free jazz».

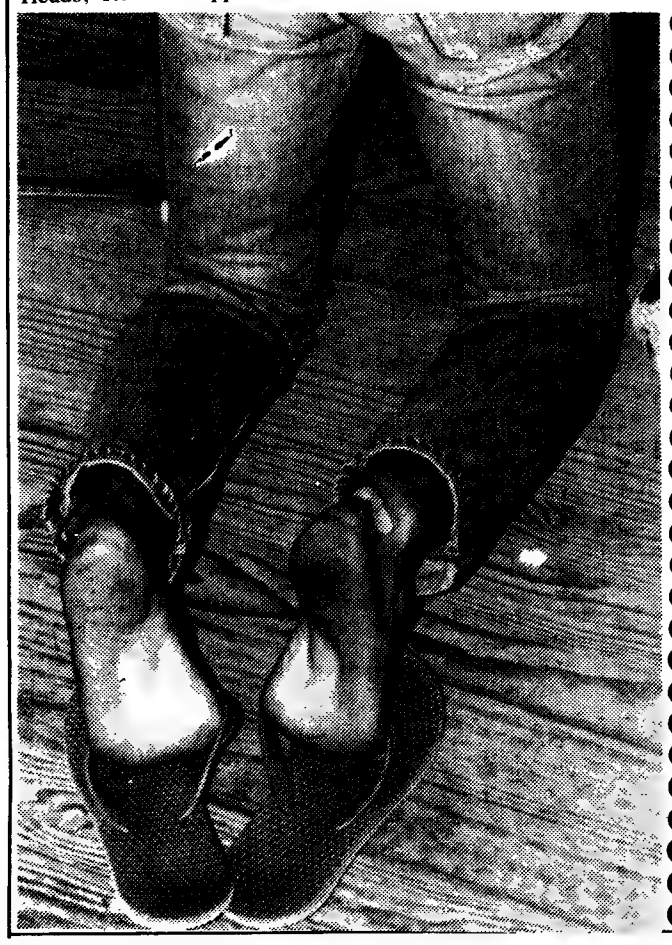
Assim, depois do rock, «não nos interessa identificar a música que fazemos. O que tocamos é espontâneo, não queremos premeditar» (Cannibal Roses) «Definir é limitar uma coisa à partida», juntaram os Bellrose Hospital na mesma linha de opinião. Aliás, parece ser mesmo a negação do modelo rock que lhes permite ter uma opção semelhante: procurar novas sonoridades, dar como novos horizontes.

Madame Le Roy: «Estamos a querer fazer coisas diferentes e demonstrar que mesmo com a guitarra acústica pode-se fazer coisas que no têm nada a ver com o pop». É o inconformismo, quase palavra de ordem para os Napalm Clímax.

Querem seguir pela dissonância, pela utilização dos grandes poetas portugueses nos seus temas. (Já vieram ter connosco dizer que a nossa música é interessante mas que, como não somos comerciais, não iremos a lado nenhum!), os Napalm Clímax com a sua batida pesada e densa e o seu intervencionismo social, que eles dizem ser de um ponto de vista «anarquista construtivista» («Vamos ser muito mal aceites e muito duramente tratados, mas se é essa a condição de fazermos um trabalho pessoal, que mais tem a ver connosco, então tudo bem»).

Marginais em relação às músicas dominantes? Bellrose Hospital e Cannibal Roses são unânimes na resposta — «Não nos consideramos marginais, só os outros é que nos podem achar marginais em relação a si mesmos». Os outros são os que preferem os sons concencionalizados, os que vêem as novas formas de expressão como bizarrices inconsequentes.

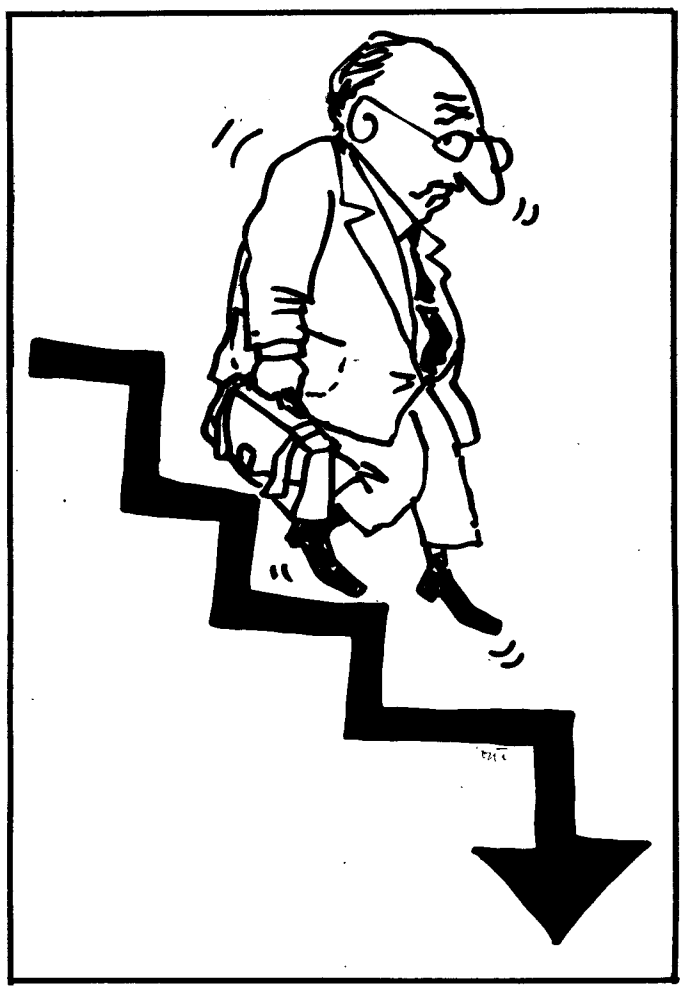
Eles dão à música que criam a caracterização que se fizeram a si próprios, e que dissemelhante da maior parte dos jovens deste país: «Há um paralelismo entre a música e o modo de estar», disse alguém na confusão da despedida. E eles estão, realmente, no lado que querem. Coerentes com a sua diferença.



Sucedem-se as falências de bancos nos Estados Unidos da América

Não se passa agora um mês sem que seja anunciado nos Estados Unidos o encerramento de um banco ou de uma caixa de crédito. O último ocorreu a 31 de Maio quando, num só dia, sete estabelecimentos bancários situados no Nebraska, no Oregon, no Arkansas e no Minnesota abriram falência enquanto esperavam os novos candidatos. Em 1984 as autoridades federais e locais puseram termo às actividades de setenta e nove bancos em solo americano. Este ano já foram registadas quarenta e duas falências nos cinco primeiros meses. Dos 14 800 bancos seguros a nível federal, 947, isto é, mais ou menos um em dezasseis, estão na lista dos «problemas» da Federal Deposit Insurance Corporation, que garante os depósitos no limite de 100 000 dólares por cada um deles.

Jacqueline Grapin



Este número significa também que a grande maioria dos estabelecimentos bancários americanos estão bem de saúde. A importância dos seus activos é, em geral, muito superior à dos pequenos estabelecimentos obrigados a fechar as suas portas. Os grandes bancos anunciam mesmo lucros claramente em aumento. O que não impede que estas falências em série de estabelecimentos financeiros acabem por preocupar quem tem contas nos bancos e os estrangeiros que conhecem mal os Estados Unidos.

O encerramento, no passado mês de Março, de setenta e uma caixas de crédito no Ohio, depois de uma falência retumbante na região, provocou, embora todos os depositantes tivessem sido indemnizados, uma baixa momentânea do dólar. É certo que, vindo juntar-se à dívida maciça de países latino-americanos que não podem reembolsar nas condições previstas, as actuais dificuldades dos camponeses americanos, que também arrastam problemas de reembolso nos estabelecimentos que financiam a agricultura, representam um factor de vulnerabilidade suplementar. Vinte e um bancos rurais depuseram o seu balanço desde o início de 1985. Mas é na realidade uma evolução mais profunda, interna ao sistema bancário americano, que explica a aparente instabilidade actual. Ela constitui um dos episódios da luta a que se entregaram desde George Washington, o Estado federal e os diferentes Estados americanos para assegurar o seu próprio poder um em relação aos outros.

Nos Estados Unidos os bancos do Estado não são bancos nacionais. São todos privados, mas nem todos são regulamentados e assegurados da mesma maneira. Em princípio não é permitido a um banco do Estado operar noutro Estado. É uma das razões que levaram os grandes bancos de Nova Iorque e da Califórnia a procurarem a sua expansão no estrangeiro. Hoje contornam indirectamente a lei enquanto esperam que a legislação se adapte aos novos factos.

O espírito do sistema vem dos primeiros dias da nação americana. Todos então receavam ver o poder escapar ao seu Estado. O governo federal não deixou por isso de seguir em frente, esperando que o Congresso lhe conferisse oficialmente a autoridade de criar e de supervisar bancos nacionais. Estava-se em 1863. Estabeleceu-se assim um regime «dualista» composto na realidade de dois sistemas financeiros que diziam respeito a diferentes autoridades.

Hoje, 4867 bancos nacionais são assegurados pela **Federal Deposit Insurance Corporation**, mil bancos do Estado são membros do sistema de reserva federal, e mais de 8500 bancos do Estado não são membros deste sistema. Estes estabelecimentos podem receber depósitos, fazer empréstimos comerciais e imobiliários, e agir nos mercados monetários internacionais. Há, para mais, uma rede complexa de caixas de crédito, por vezes mais pequenas. Umas 1700 são reconhecidas pelo Estado federal, enquanto que 1460 são somente reconhecidas pelo seu Estado. Elas são em geral asseguradas pela **Federal Savings and Loan Insurance Corporation**. Juntam-se uns 400 bancos e caixas de crédito seguradas em sociedades privadas diversas.

A política empreendida pela Administração Reagan para restabelecer a concorrência tanto no mercado financeiro como noutros, foi uma das causas da hecatombe que alguns consideram como que um saneamento. Até 1980, os juros eram limitados a 3,25% sobre as contas bancárias, e a 5,50% sobre os depósitos das caixas de crédito, não havendo nenhum juro nos depósitos à ordem. Quando estas restrições foram levantadas, os bancos encontraram-se em concorrência. Eles criaram contas de depósito monetário hoje muito populares porque dão 9% e mais, e contas de cheques de juros variados.

Ao mesmo tempo as caixas de crédito, previamente especializadas em empréstimos, foram autorizadas a alargar as suas actividades para lhes permitir sobreviver à concorrência.

Elas lançaram-se em empréstimos a promotores imobiliários, a empresas de alta tecnologia, ou no investimento em valores de forte rendimento mas alto risco, na esperança de atrair novos clientes através de juros excepcionalmente elevados. Alguns tiveram assim taxas enormes. Mas a concorrência exagerada não assegurou a prudência mais elementar. Os depositantes foram abandonados ao seu próprio juízo.

No seu conjunto, os seguros reembolsaram até agora os depositantes de estabelecimentos em dificuldade. E o presidente do Banco de Reserva Federal, Paul Volker, sempre deu claramente a entender que o Estado federal agiria como uma supergarantia em caso de necessidade.

Em todo o caso parece ser geralmente admitido que a vigilância das operações bancárias deixa muito a desejar.

Três autoridades federais diferentes controlam e regulam o sistema bancário, não sem que isso provoque uma certa confusão. O presidente da Reserva Federal, Volker, considera-se como **superior entre os seus iguais** devido à sua responsabilidade, a maior. Ele aprovou o pedido de uns sessenta bancos de criar estabelecimentos financeiros de vocação limitada, mas estendendo-se para além da fronteira dos Estados.

Reformas futuras

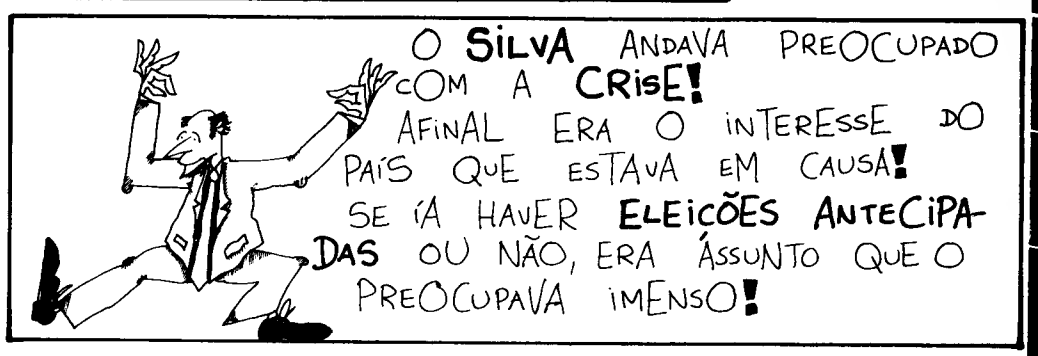
Admite-se agora que os oito mil e duzentos controladores da Federação e dos Estados encarregados de vigiar os estabelecimentos bancários não cumprem suficientemente bem o seu trabalho. Eles acabam muitas vezes por trabalhar nos bancos que controlariam. De preferência a reforçar estes serviços, encara-se reformar o sistema de seguros diferenciando as taxas dos prémios, em função dos riscos corridos. Os estabelecimentos financeiros seriam assim incitados a limitar os seus riscos a fim de reduzir os prémios.

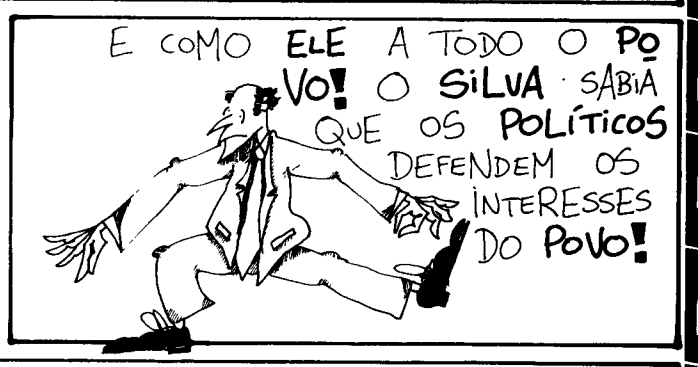
O grande problema está em saber que papel teriam, ao cabo, os maiores bancos do país. Apesar da legislação que o proíbe, o Citibank, o Mellon, o Chase e mais vinte e oito **holdings** financeiros do mesmo género pediram o ano passado para estabelecer mais de duzentas sucursais fora das fronteiras do seu Estado. A **Manufacturers Hanover Corporation,** de Nova Iorque, comprou o **City Financial** para controlar uma companhia financeira que cobre o conjunto do país. Uma fusão encarada entre dois bancos de dois Estados diferentes, foi combinada pela Reserva Federal, quando tinha sido autorizada pelo controlador da moeda. É um jogo para ver quem explora melhor as falhas da legislação.

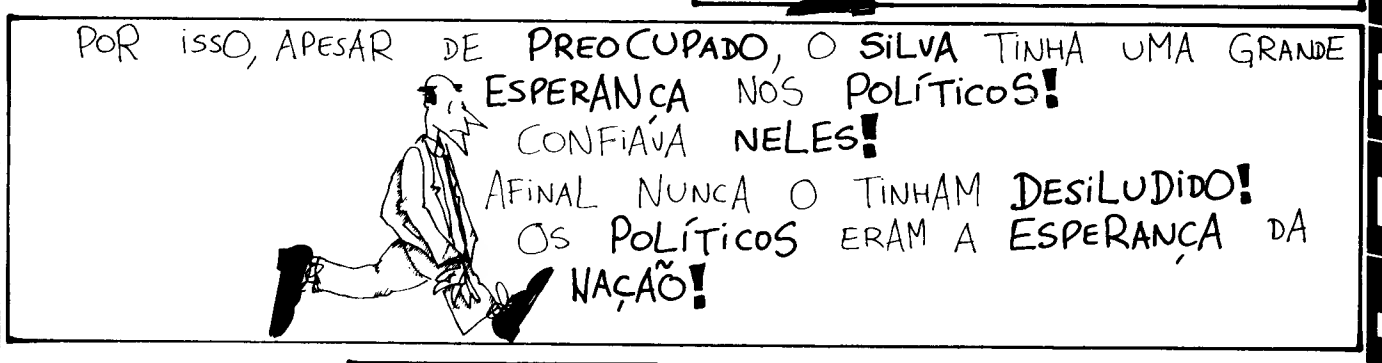
Depois de muitas resistências, Volker acabou por admitir publicamente a ideia de que os grandes bancos podem agir em vários Estados, desde que se precise que vinte e cinco maiores nunca sejam autorizados a fundir-se entre si, e nenhum possa representar mais de 5% do conjunto do mercado americano. Desde já conseguiram que lhes fosse reconhecido um lugar especial antes que se desse uma tal modificação legislativa. Com a FDIC desejava vender a participação que tinha na **Continental of Illinois,** quando foi necessário indemnizar os depositantes era necessário que fosse comprada por um grande estabelecimento financeiro. O **Chase Manhattan** apresentou-se como comprador de duas das caixas de crédito em dificuldade no Ohio. O **City Bank** e o **Chemical Bank** anunciam que estão **entusiasticamente** dispostos a estabelecer sucursais em Maryland, na própria semana em que filas de depositantes se alongavam perante as portas fechadas de caixas de crédito locais arruinadas.

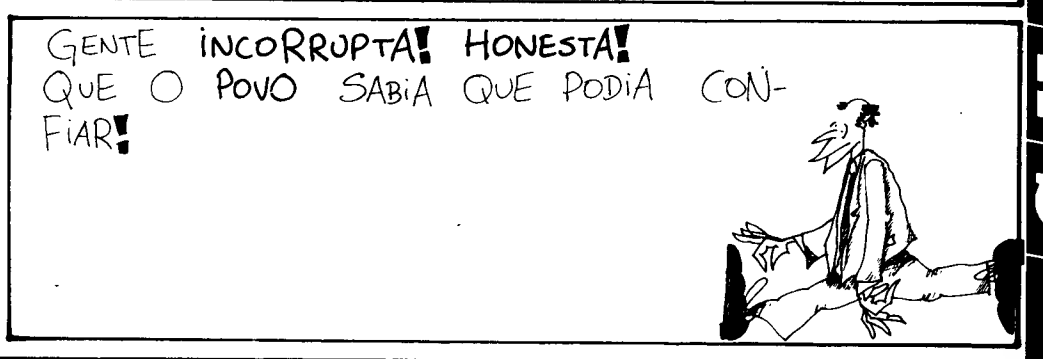
Já não há unanimidade na Associação Americana dos Bancos, que tradicionalmente se opunha à passagem de uma legislação que autorizava as actividades bancárias em vários Estados porque os seus membros receavam a chegada dos maiores. Aproxima-se o dia em que o Estado federal terá realmente ganho em relação aos cinquenta Estados da federação. Levou mais tempo a conseguí-lo no domínio financeiro do que noutros domínios. O paradoxo é que foi a « » que lhe permitiu reforçar o poder central. Os mamutes da banca americana alegram-se com isso. Quanto ao resto, os pequenos depositantes da periferia de Washington que viram os seus levantamentos limitados a 1000 dólares por pessoa a semana passada... serão mais tarde reembolsados.

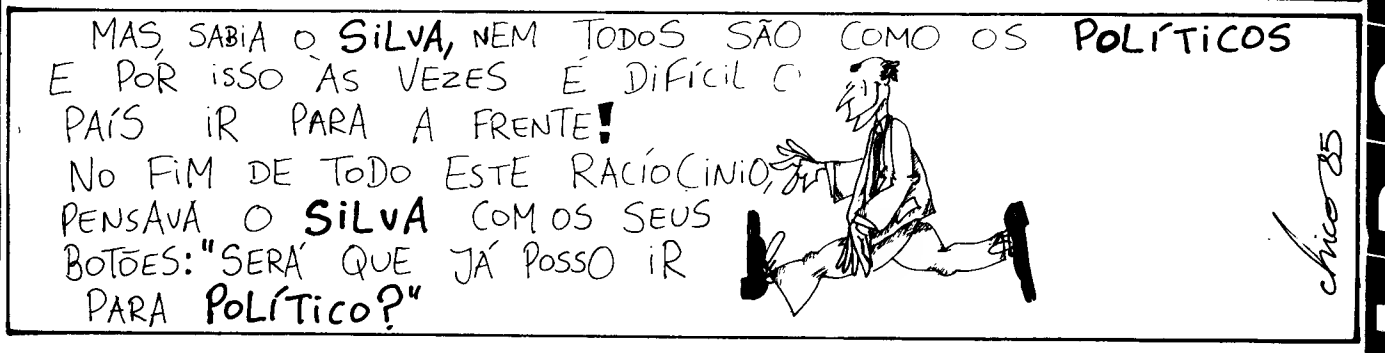
doces crónicas











Sinais dos tempos

Continuação da pág. 21

ment por ter repetido o mesmo ritual 12 vezes, isto é, por ter sido infiel a doze raparigas. Sim, é o que parece, agora só se vai para a cama, e estas são excepções que confirmam a regra, com quem se quer ficar.

Entre nós portugueses este «recomeço» do amor só recentemente se começou a verificar, em grande parte na decorrência do rescaldo das transformações mentais e comportamentais do 25 de Abril, que ou falharam ou se revelaram meras ilusões. Retorno a modos de estar conservadores? Um pouco isso, sem dúvida. Depois da audácia a acomodação. Mas só aparentemente se andou para trás: como mostra a «Le Nouvel Observateur» em entrevista a casais jovens, é corrente os pais aceitarem a presença dos namorados das filhas em suas casas, inclusive para fazerem amor. Ou seja, uma âncora no meio familiar da parte dos adolescentes é possibilitada pela liberalidade dos pais. Afinal, houve conquistas e está-se a andar para a frente, só que de outra maneira.

Rádio Azul abre emissão a partir de 1 de Julho

Setúbal vai ter, a partir de 1 de Julho próximo, a primeira Rádio local a emitir durante as manhãs. Trata-se da **«Rádio Azul»**, projecto cooperativo de profissionais de Comunicação, que, durante a semana estará no ar das 6 às 12 horas, ao sábado das 8 às 14 h e ao domingo entre as 9 e as 19 h. No período da noite está previsto haver emissão apenas às sextas e sábados das 21 às 2 horas da manhã.

Virada essencialmente para a realidade local, **«Rádio Azul»** dedicará, na sua programação matinal da semana, grande espaço à informação e música. Aos fins de semana haverá — conforme nos salientou Jorge Simões, um dos entusiastas e promotores do projecto — maior atenção a temas específicos, nomeadamente os relacionados com a Juventude, Terceira Idade e Desporto.

Aliás aos domingos, entre as 15 e as 18 horas, o Desporto será o prato forte da emissão.

O Festival de Teatro promovido pelo TAS e o Grande Prémio de Ciclismo Costa Azul, previstos para a primeira quinzena de Julho, terão já cobertura integral por parte da nossa estação emissora.

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência, «Diário de Lisboa»/SetePonto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa

RAIO CULTURAL

José Cardoso Pires, um dos escritores intervenientes no debate da «Quinzena Art'E Cultura Jovem»

Debates

● A «Quinzena Art' E Cultura Jovem», que tem vindo a decorrer na R. Luciano Cordeiro, 24-A termina hoje com dois debates e um espectáculo de rua. O primeiro, pelas 18.30 horas, sob a designação «Vale Tudo», conta com a participação dos escritores José Cardoso Pires, António Lobo Antunes e João de Melo. No segundo, dedicado ao tema «Juventude e Participação», invervêm Eduardo Prado Coelho, Carlos Fogaça, Luís Lopes e Miguel Serras Pereira, com início pelas 21.30 horas. No intervalo de tempo entre os dois debates, tem lugar um espectáculo de rua, com a peça de Dario Fo «História de uns terroristazinhos quaisquer», pelo Grupo de Tomar.

Dança

● No palco do Teatro Nacional de D. Maria II, pelas 21 horas, a função dúplice, da Pedagogia à Arte, é de novo combinada na direcção de **Margarida Abreu.** «Les Petits Riens», de Mozart, uma Chopiniana, «Danças para Rosemunde», de Shubert e, em reposição, o célebre concerto de Shumam constituem o programa do espectáculo de bailado de Margarida Abreu. Coreografando na juventude o Círculo de Iniciação Coreográfica onde dirigiu uma geração de actuais coreógrafos e professores, Margarida Abreu viria mais tarde a dirigir, juntamente com Fernando Lima, os «Bailados Portugueses Verde Gaio».

Música

● Na Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian realiza-se, pelas 13 horas, mais um **«concerto à hora do almoço».** Duas sopranos — Paula Filipe P. Matos e M. Madalena Rodrigues — e uma contralto — Maria Cristina P. Cunha, sob a direcção do prof. Christopher Bochmann interpretam obras de T. Morley, C. Bochmann, T. Weelkes, Orlando di Lassa e H. Villa-Lobos.

● O grupo musical norte-americano **Light Stream** termina a sua actuação em Portugal com um concerto realizado esta noite, pelas 21 horas, na Aula Magna. Light Stream reúne cinco vocalistas e seis músicos, o seu estilo situa-se no «rock-gospel» e estão em digressão integrados nos programas especiais do Ano Internacional da Juventude, patrocinados pela Mocidade para Cristo.

● No Jamaica, ao Cais do Sodré, as noites lisboetas continuam a ser animadas com uma «ementa» variada, entre as 22 e as 24 horas. Assim, a noite de hoje é preenchida com **Blues.**

Exposições

● No Palácio Foz inaugura-se esta tarde, pelas 18.30 horas, a exposição **«Os Portugueses no Hawai — uma presença centenária».** A mostra integra obras de pintura, escultura e fotografias de quatro artistas havaianos de ascendência portuguesa: Jerry Vasconcellos, Michael Gonçalves, Patrick Texera Ching e Christopher Teves.

● No Espaço Arte, na Av. da Igreja, 27 artistas portugueses estão representados numa **exposição de serigrafias,** aberta das 14.30 às 19.30 horas. Entre eles, contam-se os nomes de Bual, Gracinda Candeias, João Hogan, Malangatana, Mário Cezariny, Teresa Magalhães e Lima de Freitas.

● «54 Retratos de Artistas» é a designação da exposição fotográfica de **Denise Colomb,** aberta ao público na Árvore — Cooperativa de Actividades Artísticas, no Porto. Como ela própria diz, «o tema da exposição são retratos de artistas, pintores e escultores. A sua atitude sempre me fascinou e procurei mostrar até que ponto o homem reflecte a obra tal como esta o revela».

● Na galeria de desenho do Museu Municipal de Estremoz mantém-se patente ao público uma **exposição de dsenhos de modelos dos séculos XIX e XX.** Integra ainda a exposição de desenhos do acervo da Galeria de actuais professores da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.

DL CINEMAS

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

VENTOS DE VIOLÊNCIA
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 2

BABY — O SEGREDO DA FLORESTA PERDIDA
(para maiores de 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.45 h

Alfa 3

JERRY, TU ÉS LOUCO
de Jerry Lewis
(para maiores de 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h
6.ª Semana

Alfa Club

OS AMANTES DE MARIA
(para maiores de 16 anos)
14.16.30, 19. e 21.30 e 24 h
6.ª Semana

Apolo 70

— T. 763319

HOTEL NEW HAMPSHIRE
de Tony Richardson
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 e 24 h

Ávila

— T. 539930

O FIO DA NAVALHA
de John Byrum
(para maiores de 16 anos)
14.30, 17, 19.15 e 21.45 h

Avis

— T. 547163

LOUCURA SEXUAL
(interd. me. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsky
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Caleidoscópio

— T. 795093

INTIMIDADE
de Woody Allen
(não acons. men. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30

Capitolio

— T. 372358

SEXO MECÂNICO
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil

— T. 530194

A RAPARIGA DO TAMBOR
de George Roy Hill
(para maiores de 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

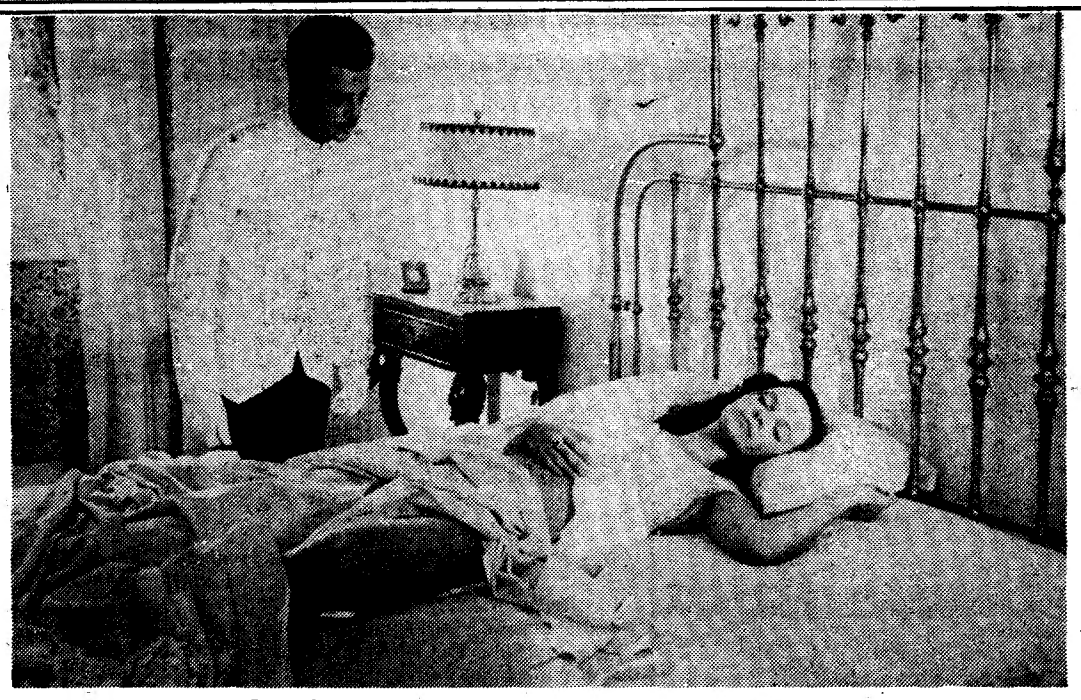
— T. 556824

JOVENS SEM RUMO
de James Foley
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
A ESTALAGEM DO PRAZER
(não acons. men. 13 anos)
às 24 h

Cine Camões

— T. 324194

O TESOURO DO LAGO DA PRATA
filme indiano
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30



Uma cena do filme «Sexo Louco».
Realização de DINO RISI, com LAURA ANTONELLI e GIANCARLO GIANNINI.
Em exibição no Estúdio 444

Ⓟ

Cine 222

— T. 579460

RUAS SELVAGENS
de Daniel Steinmann
(para maiores de 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O CLÃ NEGRO ATACA
(não acons. men. 18 anos)
24 h

Cinemateca

NETWORK/1976
18.30 h
LETTRE A FREDDY BUACHE/1982
21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha

BREAKDANCE-2
(para maiores de 6 anos)
16 e 21.45 h

Estúdio Sharp

13 ANOS, DROGADA PROSTITUTA
Cristiane F.
(Int. men. 18 anos)
15.30 e 21.30

City Cine

— T. 549999

UM CADÁVER DE SOBREMESA
(não ac. a men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
ASSASSINO NO TELHADO
23,45 h

Condes

— T. 322523

A MULHER FALCÃO
(para maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

VENTOS DE VIOLÊNCIA
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

GENTE GIRA
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Estudio ACS

— T. 887255

AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE
(para maiores de 12 anos)
15.30 e 18.30 h
Sáb., dom. e feriados, às 15.30, 18.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

SEXO LOUCO
de Dino Risi
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21.30

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

A MULHER PÚBLICA
(para maiores de 16 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

TERRA SANGRENTA
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
de James Cameron
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Forum Picoas

— T. 541037

Auditório 1

ANA
de António Reis e Margarida Cordeiro
(para maiores de 12 anos)
19.30 h

Auditório 2

OUTONO ESCALDANTE
(maiores 18 anos)
19 e 22 h

Gemini

— T. 734009

MAIS VALE TARDE DO QUE NUNCA
(para maiores de 6 anos)
14,16.30, 19 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

A MULHER FALCÃO
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2

O BRAZIL
(para maiores de 16 anos)
15, 18, 21.15, 24

Império

— T. 555134

A FÚRIA DO HERÓI
(para maiores de 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

A MULHER FALCÃO
(para maiores de 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Sala 2

AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Montecarlo

— T. 681117

O IMPÉRIO DA PAIXÃO
(n. ac. a men. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

BABY — O SEGREDO DA FLORESTA PERDIDA
de B. W. L. Norton
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

UM LUGAR NO CORAÇÃO
de Robert Benton
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

TORNADO
(para maiores de 16 anos)
às 15.15, 18.15 e 21.30 h

Olímpia

— T. 325309

CASAIS INFIÉIS
(para maiores de 18 anos)
Sessões contínuas a partir das 14 h
Filme pornográfico

Pathé

— T. 821933

O HOMEM DO RIO NEVADO
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h
OURO
(para maiores de 12 anos)
24 h

Politeama

— T. 326305

NINJA, O IMBATÍVEL
c/ Franco Nero
(para maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30

Promotora

— T. 637180

OPERAÇÃO S.T.A.B.
(não acons. men. 13 anos)
15.15 e 21.30 h

Quarteto

— T. 771378

Sala 1

O BAILE
de Ettore Scola
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.45 h
FELIZ NATAL MR. LAWRENCE
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 2

LOLA
(Int. a men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.15 e 23.30 h

Sala 3

UM AMOR NA ALEMANHA
de Andrzej Wajda
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15

Sala 4

TESTEMUNHA DE UM CRIME
de Brian de Palma
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
MEU DEUS, AO QUE CHEGUEI
(para maiores de 18 anos)
23,30 h

Quinteto

— T. 573407

HOTEL NEW HAMPSHIRE
(maiores de 16 anos)
14.30, 16.30, 19 e 21.30 h
AS MALHAS DA TRAIÇÃO
(para maiores de 16 anos)
[illegible]

Restelo

— T. 610375

OS DESTEMIDOS
(para maiores de 12 anos)
15 [illegible] 21.30 h

Roma

— T. 889192

O EXTERMINADOR
(para maiores de 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

— T. 548560

FRANCESCA
(int. a men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

— T. 579144

Sala 1

BRAZIL
(para maiores de 16 anos)
15, 18 e 21.15 h

Sala 2

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
de David Lean
(para maiores de 12 anos)
14.15, 17.45 e 21 h

Sala 3

ENCONTRO COM O AMOR
de Ulu Grosbard
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715

ASAS DA LIBERDADE
de Alan Parker
(para maiores de 18 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

A RAPARIGA DO TAMBOR
de George Roy Hill
(para maiores de 16 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

TESTEMUNHA DE UM CRIME
de Brian de Palma
(para maiores de 18 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsky
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

— T. 706666

O CAÇA POLÍCIAS
15, 17.30 e 21.45

Vox

— T. 880808

O PROFISSIONAL
(não acons. men. de 18 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Xenon

— T. 368480

RUAS SELVAGENS
de Daniel Steinmann
(para maiores de 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

PERDIDA NA SELVA
(para todos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
PERIGO NA SOMBRA
(int. a men. 18 anos)
24 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio Lido — «Escola Particular», 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
AMADORA — Cine-Teatro Lido — «Escola Particular», 21.30 (maiores 12 anos)

AMADORA — Cine Plaza — «O Exterminador 2», às 15.30 e 21.30 (maiores 18 anos).
AMADORA — Babilónia — «Amor em Perigo», às 15.15, 18.15 e 21.30 (maiores de 12 anos).
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Paris Texas», às 15 e 21.30 (maiores de 6 anos).
SINTRA — Carlos Manuel — «Dom Camilo», às 21.30 h (maiores de 12 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — Stadium — «Capricórnio Um», às 21.30 (n. ac. a men. 13 anos)
CARCAVELOS — Atlântida — «Terra Sangrenta», às 15.30 e 21.30 (m. de 16 anos)
ESTORIL — Casino — «O Exterminador Implacável», às 17 e 21.15 (maiores de 16 anos).

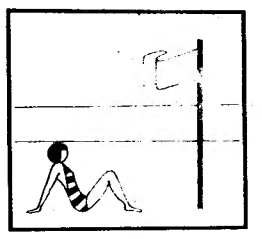
Outra Banda

ALMADA — Academia — «Octopussys — 007 Operação Tentáculo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
ALMADA — Incrível — «Breakdance 2», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).

Porto

ÁGUIA DE OURO — «Esquadrão da Vingança», às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 (maiores de 18 anos)
FOCO — «Os Amantes de Maria», às 14, 16.30 e 21.45 (maiores de 16 anos)
OLÍMPIA — «Os Prazeres do Vigário», 14.15 e 23.15 (n. ac. a men. 18 anos)
PEDRO CEM — «A Amante do Tenente Francês», às 15, 18.30 e 21.30 (não acons. menores 13 anos)
SÃO JOÃO — «Christiane F.», às 15.30 e 21 (maiores de 18 anos)
TRINDADE — «História do Soldado», às 15.30, 18 e 21.45 h (maiores de 12 anos)

CUMPRA
os sinais das bandeiras



SE
sentir frio
saia da água
o mais depressa possível

Farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALTO DE SANTO AMARO: Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 637070); **ALVALADE: Brisália**, Av. Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 882368); **AVENIDAS - SALDANHA: Império**, R. António Enes, 10 (T. 54802); **AVENIDAS NOVAS: Fátima**, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 763107); **BAIRRO AZUL: Sirius**, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 544000); **BAIXA: Silva Carvalho**, R. dos Fanqueiros, 124-126 (T. 873875); **CALHARIZ -BENFICA: Rebocho**, R. Tenente-Coronel Ribeiro Reis, 12-B (T. 743871); **CHELAS -COLÉGIO VALSASSINA: Serra**, R. Luís Cristino da Silva, lote 221, loja 133, zona 2, Chelas (T. 853720); **LUMIAR: Alameda**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **MARVILA: Freitas**, R. Vale Formoso de Baixo, 23-A (T. 381136); **MERCADO DO CHILE: Corvo**, R. Ângela Pinto, 32-B-C (T. 549756); **RADIODIFUSÃO - EX-EMISSORA NACIONAL: S. Nunes Simões**, R. do Quelhas, 1-3 (T. 661275); **BRANDOA - AMADORA: Tavares Matos**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **ODIVELAS: Catela Tavares**, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO

ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Palma, Av. Duque de Ávila, 25-31 (T. 547088); **AVENIDA DE ROMA: Avis**, Av. de Roma, 56-B-C (T. 895370); **BAIRRO ALTO -LORETO: Barreto**, R. do Loreto, 30 (T. 327284); **BELÉM: Bom Sucesso**, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454); **CAMPO DE OURIQUE: Pinheiro**, R. de Campo de Ourique, 135 (T. 686640); **CAMPOLIDE - SETE RIOS: Nova**, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **LUZ - FRENTE AOS MENINOS DA LUZ: Gény**, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A ao 218 da E. da Luz (T. 7140342); **OLIVAIS SUL: Fernandes Borges**, R. D. Aleixo Corte Real, lote 388, cruzamento com a R. Cidade de Bolama (T. 311091); **PENHA DE FRANÇA: Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (T. 844361); **PICHELEIRA: Luzmar**, R. João Nascimento Costa, 16 (T. 880703); **RATO -MARQUÊS DE POMBAL: Vieira Borges**, R. Alexandre Herculano, 28-30 (T. 40536); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco Costa, lote 1 (T. 2751297). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Cerqueira**, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Helénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Mascarenhas Neto**, R. D. Francisca Azambuja (T. 2074446). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS; Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, 11 loja 30, Centro Comercial Belsul. Até às 22 horas; **SEIXAL: Soromenho**, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Saião**, Av. da Portela, 55 (T. 22709). Permanente; **Portugal**, R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Permanente; **Soromenho**, P. Machado Santos, 24 (T. 22691). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 2101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE; Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430693). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Macau**, R. J. Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA — Solla, loja D, lote 65 (T. 900724). Permanente; **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485). Até às 22 horas; **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (T. 937740). Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ: Pereira Dias**, Monte Abraão (T. 965566). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 251872). Até às 19 horas; **CACÉM: Rodrigues Gardia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 0243693). Permanente; **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato**, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, Estefânia (T. 9230832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias

MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braancamp, 2-ja 9t. 2519420). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2430027). Até às 22 horas.

DL TEATROS

Maria Matos

Av. Fref Miguel Contreiras — — Tel. 89 70 17

(De quarta a sábado, às 21.45).
«CONFERÊNCIA DE ALTO NÍVEL».

Teatro Nacional D. Maria II

Praça D. Pedro IV — Tel. 37 22 48

De terça a domingo às 18.30 e 20 h
Teatro na hora de ponta com a peça
«ELA NÃO SABIA SONHAR»
de Denise Chalem
encenação de Jacinto Ramos
com Fernanda Barasatti e São José Lapa

Sala Experimental

De 3.ª a sábado às 21.45

Sábados e domingos às 16.30
«A PAIXÃO DE MESTRE AFONSO DOMINGUES»
de António Patrício. Encenação de José Gil, com Mário Pereira, Lydia Teles, Lourdes Norberto e Carlos Duarte.

Ocarina

Trav. do Poço da Cidade (ao Bairro Alto) — Tel. 37 29 99

(Às segundas, quartas, sextas e domingos, às 19.00).

«O PARAÍSO NÃO ESTÁ À VISTA», de R. W. Fassbinder, pelo **GRUPO DE TEATRO MAIZUM.**

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).
«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 32 00

(De terça a sábado, às 21.30.)

«A NOITE DAS TRÍBADES», de Per Olov Enqvist. Encenação de Fernanda Lapa. Cenários e figurinos de Jasmim com Françoise Ariel, António Capeto, Alexandre Sousa e Margarida Carpinteiro.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

(De 2.ª a domingo, às 21.45. Sábados e domingos, às 21.45 e 16.00).
«FININHO MAS JEITOSINHO». Original de João Bettencour. Versão portuguesa de César Oliveira e Raul Solnado. Com Carlos Miguel, Simone de Oliveira e Filipe Ferrer. **(12 anos).**

Teatro Aberto

Praça de Espanha — Tel. 77 09 69

(De quinta a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00)

O ESFINGE GORDA, Textos de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. Encenação: Mário Viegas. Participação musical: Janita Salomé. Interpretação: Amílcar Botica, Francisco Pestana e Melim Teixeira. **Novo Grupo.**

Teatro Ibérico

Rua de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

AI QUE SALTOS ME DÁ O CORAÇÃO, de Anton Tchekhov. Encenação: Blanco Gil.
Não dispomos de mais informações sobre este espectáculo que estreou ontem, sexta, na antiga igreja de Xabregas.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Cascais, 14 (ao Bairro Alto) — Tel. 66 15 15/66 92 05

(De terça a sábado, às 21.00; domingos às 16.00.)

«RICARDO III», de Shakespeare.

Academia Almadense

Grupo de Campolide
Sextas-feiras às 21.30, sábados às 16 e 21.30

«O CAPOTE» de NICOLAU Gogol, encenação de Joaquim Benite com CARLOS VASCONCELOS, CANTO E CASTRO, LUÍS VICENTE, MARIA HENRIQUETA, ANTÓNIO MOTA e JOÃO TEODÓSIO.

Teatro do Século

R. Século 41

De terça a sábado às 21.30

«ARTIMANHAS DE SCAPIN» de MOLIÉRE. Encenação de Rogério Carvalho. Cenogratia de José Manuel Castanheira. Figurinos de Michel Ribó.

Teatro do Nosso Tempo

R. José Fontana — Tel. 57 40 37

(Às quintas, sextas e sábados, às 21.45).
«CANDIDATURA ZERO», interpretada por Adélia Loureiro, António Vasco, Elisa Lisboa e Maria José Pascoal.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 720818

(Quintas, sextas e sábados, às 21.15. Domingos, às 17)
«QUATRO PARA QUATRO»

(Sábados e Domingos, ás 15.00)
«HISTÓRIA DE UMA COZINHA»

Teatro da Graça

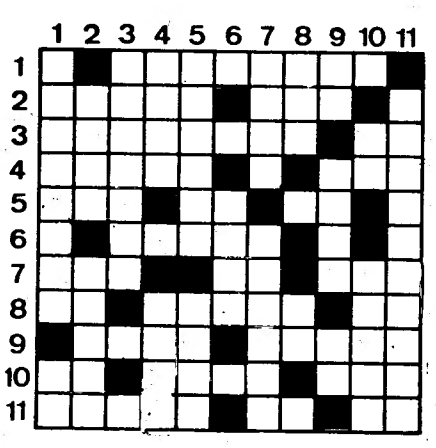
Trav. de S. Vicente (à Voz do Operário) — — Tel. 87 56 26

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00 e 21.30)

«TODOS OS CÓMICOS ACABAM COM UMA CANÇÃO» de Catherine Hayes. Encenação: Carlos Fernando. Interpretação: Anna Paula, Carlos Fernando e Teresa Madruga. Grupo **TEATRO HOJE.**

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 463



HORIZONTAIS:

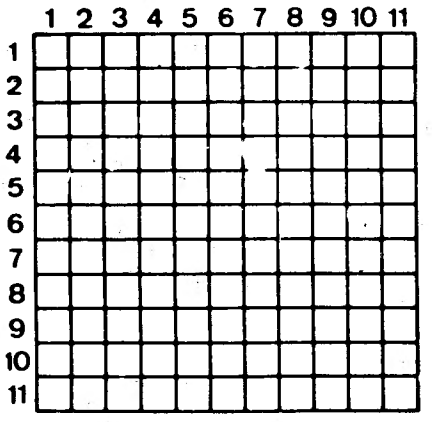
1 Artigo definido. Lida.
2 Rostos. Irmã da mãe.
3 Amolgara. Pronome pessoal.
4 Amassou. Nome de astro.
5 Cólera. Ruim. Concede.
6 Impera.
7 Nome de mulher. Antes do meio-dia. Naquele lugar.
8 Sadia. Unir por casamento. Preposição latina que designa movimento.
9 Ligas. Sobra.
10 Ofereça. Irmã. Madeira (abrev).
11 Cidade de França. Solitário. Catedral.

VERTICAIS:

1 Tempos. Oferece.
2 Paixão. Auxiliar.
3 Prendera.
4 Cabo da costa de Portugal. Leito.
5 Arroguei. Pegas.
6 Artigo definido. Nome científico do pato.
7 Negra. Poisas no mar (o avião).
8 Liga. Rénio (s.q).
9 Existe. Rainha da Arábia também conhecida por Belkiss. Sua majestade.
10 Porco. Descaramento (pl).
11 Ventura.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 303



HORIZONTAIS:

1 Personagem da tragédia Hamlet de Shakespeare. Medida itinerária da Pérsia.
2 Funesto. Entusiasmo.
3 Desejaria. Cidade de Itália.
4 Em a. Preposição latina que designa movimento. Nome de mulher.
5 Passado. Seguia.
6 Peso turco cerca de um quilo. Verdadeiro.
7 Ovário dos peixes. Almirante e explorador inglês que descobriu o pólo magnético da Terra.
8 Verbais. Clima.
9 Rio de França. Palavreado vão.
10 Rema para trás. Expele.
11 Duas vogais desiguais. Um dos Estados da Federação da Malásia. Aversão (pop).

VERTICAIS:

1 Rio de Itália. Iniciais de Organização Europeia de Cooperação Económica.
2 Reputação. Deslizava.
3 Letra grega. Espécie de rede de pesca usada na costa do Algarve.
4 Estado da Venezuela. Oásis.
5 Destruir. Árido.
6 Sufixo que designa estado.
7 Resido. Post Scriptum.
8 Carne seca (Bras). Fujo do perigo.
9 Fábricas de loiça de barro. Vês.
10 Fatal. Interjeição que exprime admiração.
11 Língua vernácula indiana. Antiga cidade da Polónia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 462

HORIZONTAIS:

1 BOA. MESA.
2 Écula. Ávido.
3 Socar. Cones.
4 Hio. Uçu.
5 Aa. Pião.
6 Mad. Missa.
7 Elaras. Ois.
8 Na. Anosas.
9 Trapaças. To.
10 Dó. Aló. Arum.
11 Eis. Só. MAU.

VERTICAIS:

1 TESTAMENTO.
2 Co. Alarde.
3 Buchada.
4 Olaia. Rapas.
5 Aaro. Canal.
6 Socos.
7 Macuim. Sã.
8 Evocai. Asa.
9 Sinuosos. Rm.
10 Ade. Si. Tua.
11 Ostras. Uma.

PROVÉRBIO: Boa mesa mau testamento.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 302

HORIZONTAIS:

1 Meladura. JC.
2 Ocara. Arpão.
3 Som. Irar.
4 Lesma. Vê.
5 Aas. Agues.
6 Avis. Áatá.
7 Ua. Crer.
8 Mofatrão. In.
9 Olas. Urrô.
10 Gostais. Ias.
11 Iu. Arreda!

VERTICAIS:

1 Moélia. Mógi.
2 EC. Violou.
3 Lassai. Fãs.
4 Aromas. Asta!
5 Damas. Ut. Ar.
6 Partir.
7 Raiva. Se.
8 Arregaçou.
9 Pã. Rau. Ria.
10 Jarreteira.
11 Co. Sarnoso.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Informação regional; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Musical; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Movimento; **21.30**: Noites de luar; **23.30**: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.30: A música de piano na era romântica; **16.00**: Música do século XX; **16.32**: O pianista Adriano Jordão; **16.45**: Árias de óperas, de Verdi; **17.00**: Ciclo Beethoven; **17.23**: Sinfonia n.º 4, em ré maior, op. 90, «Italiana», de Mendelssohn; **18.00**: Uma poesia; **18.05**: Música vocal; **18.40**: Música de tecla; **19.00**: Música, de Chopin; **19.10**: Música sinfónica; **20.00**: Música de câmara; **20.40**: «Romeu e Julieta», de Jurg Baur; **21.00**: Antologia dos músicos portugueses; **21.30**: Ciclos de história; **22.30**: O gosto pela música; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Azul e branco; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Musical; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **01.00**: Peça o que quiser; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Pé de vento; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: A minha mãe o que é; **22.30**: Rimas e rumos; **23.00**: Rimas e rumos; **24.00**: Ondas luisianas; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Meia-tarde; **16.00**: Rua Capelo; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Memorando; **20.00**: Programa da LARR; **20.30**: Do dia para a noite; **21.00**: Horizonte; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Clube dos coleccionadores; **24.00**: Sessão da meia-noite; **02.00**: Estação de serviço.

FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo; **16.00**: A cor do som; **18.00**: Entre-Campos; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **21.00**: Vista alegre; **22.00**: Oceano Pacífico; **24.00**: Último metro; **02.00**: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP 1

18.00 — Tempo dos mais novos
— Muminhos e O Golfinho Branco.

18.35 — Notícias

18.50 — Século XX — o Mundo em Guerra
A guerra em África durou cerca de três anos e foi travada sempre num perímetro de 600 milhas de deserto — entre Alexandria e Benghazi. Finalmente os «Ratos do Deserto» de Montgomery derrotaram as tropas de Rommel, em El Alamein.

20.00 — Telejornal
Notícias do País e do estrangeiro pela bitola da RTP.

20.27 — Boletim meteorológico
Informação do estado do tempo.

20.35 — A Sucessora
Marina fica assustada com Juliana, e diz a António que ela se está comportando como se fosse a dona da casa. Pedro Montes telefona para Luísa, e pergunta se ela vai estar em casa à tarde. Roberto diz a Marina que ela terá de se decidir: ou vai com ele para a Europa, ou ele irá sozinho. Marina responde a Roberto, cheia de ironias e ele fica aborrecido, deixando a sala. Roberto faz as malas e diz a Juliana que vai para um hotel. Ela tenta impedi-lo, dizendo que ele não a pode deixar. Marina agride Adélia, dizendo que ela se aproveita dos momentos de crise entre ela e Roberto para se aproximar dele. Depois diz a Adélia que está esperando um filho e acabam por se abraçar. Isabel fica preocupada, pois é o seu dia de casamento e Roberto ainda não apareceu em casa.

«Tudo em Família» no seu serão televisivo

21.20 — O corpo humano
No último episódio deixámos os alimentos parcialmente digeridos no estômago. Agora vamos seguir os diversos componentes dos alimentos à medida que são transformados nos ingredientes essenciais para a manutenção da vida, usando como exemplo o trabalho dos homens na vindima, depois de uma almoço ao ar livre. Comer uma refeição é um agradável ritual social. Cada cultura caracteriza-se também pelos animais e pelos vegetais escolhidos na alimentação, bem como pela forma de os preparar. Mas os nossos organismos, seja qual for a raça a que pertençam, trabalham da mesma forma e têm semelhantes necessidades diárias. Em todas as latitudes, o corpo está apto a reduzir pasta de fígado, melão, vinho, peixe e frango, ao mesmo conjunto de ingredientes básicos.

Na «Sessão das 9», o filme de António Reis, «Trás-os-Montes»

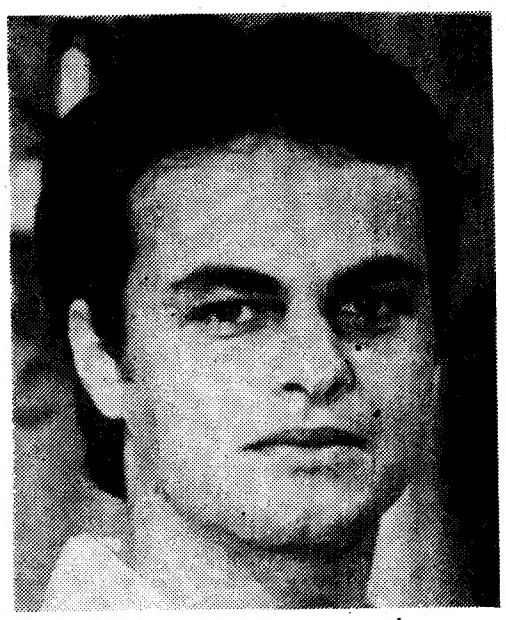
21.50 — Actual
Com o presidente do CDS, Lucas Pires. Apresentação de Margarida Marante.

22.55 — Tudo em família
Jessica não perdoa os devaneios amorosos do marido e, em consequência disso, não o deixa entrar no quarto, obrigando-o a dormir no quarto de hóspedes. Realização: J.D. Lobue

23.20 — Último jornal

RTP 2

19.30 — Desenhos animados
— As Novas Aventuras do Zorro e Terry Toons



«A Sucessora»: no horário nobre da RTP-1

19.55 — Festival de música popular
Segunda parte de um festival de folclore em Baden-Baden com a participação de Itália, Dinamarca, Áustria, Jugoslávia, Alemanha, Hungria e Espanha. Participam os Grupos Folclóricos Pro Loco Fonni — Itália, Thy Spillmanda Lang — Dinamarca, Kud — Joza Vlakovic — Jugoslávia, Ruttweiler Muenstersaengerknaben — Alemanha, Chamber Choir — Budapeste e Grupo Instumental Catalão — Espanha.

20.30 — O Mundo em Guerra
Portugal 1939/45

20.55 — Sessão das nove
«Trás-os-Montes», Um filme de António Reis e Margarida Cordeiro: O remoto e agreste Nordeste português é aqui evocado, através das suas raízes seculares da vivência quotidiana indissociável da Espanha que lhe fica contígua. Em ritmo lento e sereno são inventariadas as relações humanas, as relações do homem com a terra, as artes e ofícios, as tradições, a sobrevivência difícil, um tempo que parece escoar-se mais devagar. Trás-os-Montes, terra da emigração por excelência, distante e semi-esquecidas. Realizador: António Reis e Margarida Martins Cordeiro. Intérpretes: Habitantes de Bragança e Miranda do Douro. Duração: 115 minutos. Ano de estreia: 1976. Fotografia: Cor.

22.55 — Jornal da noite

AMANHÃ

RTP-1

12.05 — «Espaço 12/13»
13.00 — «Vila Faia»
13.35 — «Ciclo Preparatório TV»
18.00 — «Tempo dos Mais Novos»
18.55 — «Trânsito»
19.20 — «Expresso da Europa»
20.40 — «A Sucessora»
21.20 — «Noite de Cinema — Paris Já Está a Arder?»

RTP-2

19.30 — «Desenhos Animados»
20.10 — «Memória dum Povo»
20.35 — «O Mundo em Extinção»
21.30 — «Filmoteca TV»

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS TV
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B • R. de Macau, 8-1.º LISBOA

SE QUER BEBER, O PROBLEMA É SEU
Se quer parar de beber o problema é nosso.
Venha falar connosco, venha a uma reunião dos
ALCOÓLICOS ANÓNIMOS
2.as 4.as 6.as às 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP1 21.20 «O Corpo Humano»
RTP2 20.55 Sessão das Nove Trás-os-Montes
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

PORTE PAGO
Fundador Joaquim Manso

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 64 / 5 - 32 02 71 / 2 / 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 383 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos
Director adjunto Fernando Piteira Santos

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
08.07 **3,40 m**	01.31 **1,20 m**
20.24 **3,60 m**	13.50 **1,50 m**
Dia 26	
09.10 **3,40 m**	02.37 **1,30 m**
21.30 **3,50 m**	15.00 **1,50 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	14º
VIANA DO CASTELO	12º
VILA REAL	15º
PORTO	14º
COIMBRA	13º
CABO CARVOEIRO	17º
PORTALEGRE	23º
LISBOA	16º
ÉVORA	18º
BEJA	17º
FARO	19º
SAGRES	16º
PONTA DELGADA	17º
FUNCHAL	20º

Câmara de Lisboa recusou proposta da APU

O caso da lixeira de Boba voltou a ser tema, ontem, durante a reunião do executivo da Câmara de Lisboa. No período de «antes da ordem do dia» um requerimento apresentado pela APU para a discussão de uma proposta relativa ao problema daquela lixeira e do tratamento final dos lixos da cidade, foi recusada pelo CDS e PSD e abstenção do PS. Igual sorte teve o pedido de convocação de uma reunião extraordinária

A proposta apresentada pelos vereadores da Aliança Povo Unido tem como ponto basilar a construção do aterro sanitário do Val do Forno, obra sobre a qual a CML tomou várias deliberações, entre as quais, a 2 de Julho de 84, a constituição de uma comissão de vereadores para acompanhamento das questões técnicas e financeiras do problema, mas que nunca reuniu. A importância deste ponto, de acordo com a proposta, advém de que a Estação de Tratamento de Resíduos Sólidos de Beirolas, mesmo quando tiver a capacidade aumentada para 1050 toneladas/dia, terá que ser complementada por um aterro sanitário para deposição de inertes e para alternativa de tratamento e destino final em situações de avaria e manutenção daquela estação.

No entanto, e dado que a partir do próximo dia 30, por decisão da Assembleia Municipal da Amadora — decisão legítima, como sublinha um dos considerandos da proposta da APU — a lixeira de Boba fechará as suas portas ao lixo de Lisboa, os vereadores da Aliança Povo Unido advogam contactos imediatos com os municípios limítrofes, nomeadamente Alenquer, Amadora, Azambuja, Cascais, Loures, Oeiras, Sintra e Vila Franca de Xira, no sentido de se poderem depositar nos sistemas de destino final destes concelhos.

Em relação a este ponto, o comunicado da reunião refere que, na oportunidade, o presidente da Câmara de Lisboa lamentou que os vereadores da APU apoiem a Câmara da Amadora «naquilo que era objectivamente uma agressão à população de Lisboa». Rui Godinho, o primeiro subscritor da proposta da APU referiu esta manhã ao «DL» que, «quem está a criar uma situação de agressão à população de Lisboa é Nuno Abecasis, pois quem vai ficar prejudicada pela sua negligência, é a população da cidade».

Entretanto, uma fonte camarária adiantou ao «DL» que prosseguem os contactos com Municípios vizinhos que dispõem de estações de tratamento, para a hipótese de, transitoriamente, serem recebidas por várias delas as toneladas de lixo que têm sido encaminhadas para a Boba.

Na reunião de ontem foi ainda aprovada uma deliberação solicitando ao Governo a declaração como área crítica de recuperação e reconversão urbanística da zona correspondente a necessária execução do programa de recuperação das áreas degradadas do Alto do Lumiar. Colhendo os votos favoráveis do CDS/PSD e PS e a oposição dos eleitos da APU a proposta, subscrita por Abecasis, «surge da necessidade do Município de Lisboa dispor atempadamente dos terrenos indispensáveis à execução do projecto, dos quais uma parte é ainda de propriedade particular».

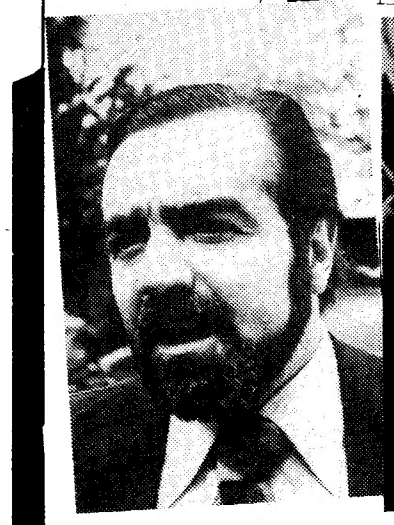
Justificando o voto contra da APU, o vereador Rui Godinho indicou que «a Câmara pede ao Governo a expropriação através da declaração de área crítica — que não se ajusta aos loteamentos, mas a zonas históricas construídas e já degradadas» Para a APU «esta é uma forma de aqueles terrenos, que são privados, depois de expropriados, serem entregues aos empreiteiros».

Em relação ao Monumental, questão levantada na edição de sábado passado pelo «DL», Nuno Abecasis admitiu conhecer a situação, mas disse não poder fazer nada, porque não podia intervir na propriedade privada. O presidente da CML espera, que o grupo de arquitectos convidados pela Câmara para estidarem o problema do Saldanha se pronuncie sobre esta situação. Recorda-se que, em painel colocado bem alto, os promotores anunciam, através de uma maqueta, a construção a ser ali erguida, baseando-se em despachos entretanto suspensos pelo executivo camarário.

"DL-Informática"

O «DL-Informática» de Junho que hoje se deveria publicar por ser a última terça-feira do mês sairá juntamente com a nossa edição de amanhã, quarta-feira. Pelo adiamento, que se deve a motivos de natureza técnica, apresentamos as nossas desculpas aos leitores e anunciantes.

DECARAS

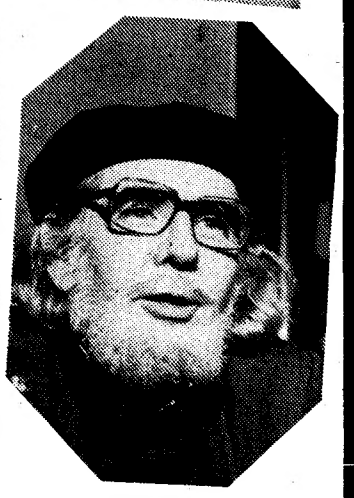


MANUEL ALEGRE disse ontem em Brasília que o Presidente Eanes deverá dissolver em breve a Assembleia da República. Para o o deputado socialista, que defendeu a realização de eleições presidenciais antes das autárquicas, as legislativas antecipadas vão alterar o calendário daqueles dois actos, uma vez que será prorrogado o mandato do Presidente da República até Janeiro. Manuel Alegre frisou que a verificar-se este cenário a nova Assembleia ficará um pouco provisória, porque o Presidente eleito terá a faculdade de a dissolver. Por outro lado, o deputado português considerou que a direita «volta à ofensiva» em Portugal.

ALBERTO JOÃO JARDIM afirmou ontem na Calheta que «o regime político está bloqueado na medida em que o sistema não permite encontrar as soluções adequadas». Depois de criticar a Constituição o presidente do Governo Regional da Madeira recordou que Portugal caminha para o seu décimo sétimo governo pós 25 de Abril, situação que, segundo ele, «assume particular gravidade considerando a incapacidade dos políticos nacionais em encontrarem as soluções nacionais». O líder madeirense criticou Freitas do Amaral por ter afirmado recentemente que o problema nacional não estava na Constituição, mas sim na lei eleitoral. Jardim recordou ainda que Portugal arrisca-se, apesar da sua situação económica, a ter de enfrentar cinco actos eleitorais».

RAMALHO EANES assistirá, na sexta-feira, na Figueira da Foz, às comemorações dos 20 anos da fundação da CELBI, e inaugurará as novas instalações da empresa de descasque de madeira. O Presidente da República será acompanhado pelo ministro da Agricultura, Álvaro Barreto, em representação do Governo. A CELBI Celulose Beira Industrial — é uma das empresas mais rentáveis de Portugal, tendo apresentado em 1984 um lucro de cerca de 2,5 milhões de contos. Com vendas no valor de 12 milhões de contos, a CELBI exportou 79 por cento da produção, principalmente para os países da CEE, e os restantes 21 por cento destinaram-se ao mercado interno.

MÁRIO COLUNA, justamente considerado durante vários anos como «monstro sagrado» do futebol português, acaba de ser condecorado pelo presidente da República Popular de Moçambique, com a medalha Nashingwea pelos serviços prestados à nação moçambicana que hoje comemora o 10.º aniversário da sua independência. Mário Coluna serviu o futebol português como futebolista de raro talento e tornou-se uma figura admirada e estimada por todos os desportistas portugueses. Refira-se que Coluna desempenhou durante algum tempo o cargo de seleccionador nacional de Moçambique e deputado pela cidade de Maputo.



HUMBERTO COELHO prematuramente afastado da sua condição de futebolista de craveira singular por força de uma lesão contraída ao serviço da selecção portuguesa, acaba de assinar o seu primeiro contrato como treinador e por coincidência em representação do Sport Comércio Salgueiros, situado bem perto da zona onde nasceu e iniciou a sua carreira de futebolista. Humberto Coelho irá certamente, como treinador continuar no percurso do êxito a que se habituou durante cerca de vinte anos. Esse é, naturalmente, o voto de todos os seus admiradores.

ERNESTO CARDENAL sacerdote e ministro da Cultura da Nicarágua tem os seus primeiros poemas publicados nos Estados Unidos sob o título «With Walker in Nicarágua and Other Poems». Segundo Robert Hass, em crítica ao livro no «The Washington Post», os poemas de Cardenal são «um autêntico acto de imaginação histórica». O livro, «admirável sob todos os aspectos», assevera Hass, recolhe os poemas escritos por Cardenal quando estudante na Universidade de Columbia, Nova Iorque, e discípulo de Lionel Trilling e Mark Van Doren.

Escrutínio do totobola é hoje repetido

O escrutínio do Totobola foi anulado por deficiente informação do resultado do jogo número nove, correspondente ao encontro entre as equipas suecas do Oester e do AIK. A informação inicialmente recolhida pelos serviços do Tobobola apontava para um empate mas, na verdade, em vez do «X» da coluna do meio, a chave correcta designa um «2» para aquele jogo. Deste modo, um anónimo do Porto que já estava a festejar a entrega dos mais de doze mil contos do «13» terá que se contentar com o segundo prémio pois, de acordo com os serviços do escrutínio, com a correcção aquele resultado não haverá totalistas. O novo escrutínio terá lugar hoje.

Entretanto, os cinco totalistas. O novo escrutínio terá lugar hoje.

Entretanto, os cinco totalistas do Totoloto vão receber, cada um, mais de dez mil contos. Com o segundo prémio foram escrutinadas 38 apostas, cabendo a cada 274 contos. Foram ainda escrutinadas 867 terceiros prémios, com direito a receberem 32 mil escudos e mais de 51 mil quartos prémios a que correspondem 875 escudos. Os que acertaram em três números-quinto prémio — vão cobrar 76 escudos.

Roubaram dois mil contos a um garagista

Dois indivíduos assaltaram à tarde um empregdo de uma garagem de Barcelos, quando se dirigia ao banco para depositar dois mil contos da firma.

Os assaltantes agrediram a vítima para a espoliar do dinheiro e fugiram num automóvel vermelho de marca «Datsun».

JSD e JC ganham eleições em Ciências

A Juventude Social-Democrata e a Juventude Centrista venceram as eleições para a Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa.

A JSD e a JC, que defendiam a lista «D» tiveram 646 votos, enquanto a lista «E» apoiada pela Juventude Comunista e detentora da direcção sessante obteve 502 votos.